



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEUC  
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA, DOCÊNCIA E CURRÍCULO**

**ALCIVÂNIA DE OLIVEIRA MENEZES**

**VIDA E FORMAÇÃO: ADALGIZA EMÍDIA DA COSTA NA EDUCAÇÃO  
NORTE-RIO-GRANDENSE (1937-1956)**

**MOSSORÓ, RN  
2024**

ALCIVÂNIA DE OLIVEIRA MENEZES

**VIDA E FORMAÇÃO: ADALGIZA EMÍDIA DA COSTA NA EDUCAÇÃO  
NORTE-RIO-GRANDENSE (1937-1956)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa Formação Humana, Docência e Currículo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Sara Raphaela Machado de Amorim.

MOSSORÓ, RN  
2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

O48v Oliveira Menezes, Alcivânia de  
Vida e formação: Adalgiza Emília da Costa na educação norte-rio-grandense (1937-1956). / Alcivânia de Oliveira Menezes. - Mossoró, 2024.  
102p.

Orientador(a): Profa. Dra. Sara Raphaela Machado de Amorim.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Adalgiza Emília da Costa. 2. trajetória formativa. 3. atuação profissional. 4. Escola Normal de Assú. 5. História da Educação. I. Machado de Amorim, Sara Raphaela. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ALCIVÂNIA DE OLIVEIRA MENEZES

**VIDA E FORMAÇÃO: ADALGIZA EMÍDIA DA COSTA NA EDUCAÇÃO  
NORTE-RIO-GRANDENSE (1937-1956)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa Formação Humana, Docência e Currículo.

Dissertação aprovada em: 21/02/2024

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente  
 SARA RAPHAELA MACHADO DE AMORIM  
Data: 11/03/2024 14:00:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sara Raphaela Machado de Amorim  
Orientadora – UERN/FE/POSEDUC

Documento assinado digitalmente  
 CHARLITON JOSE DOS SANTOS MACHADO  
Data: 11/03/2024 15:29:38-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado  
Examinador Externo – PPGE/UFPB

Francisco Canindé da Silva  
Assinado de forma digital por  
Francisco Canindé da Silva  
Dados: 2024.03.12 09:19:28 -03'00'

Prof. Dr. Francisco Canindé da Silva  
Examinador Interno - UERN/FE/POSEDUC

Documento assinado digitalmente  
 FRANCAINIDE DE LIMA SILVA NASCIMENTO  
Data: 12/03/2024 12:35:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Suplente 1. Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Francinaide de Lima Silva Nascimento  
Examinadora Externa – PPGE/IFRN

Documento assinado digitalmente  
 ZACARIAS MARINHO  
Data: 12/03/2024 16:17:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Suplente 2. Prof. Dr. Zacarias Marinho  
Examinador Interno – UERN/FE/POSEDUC

A memória da professora Adalgiza Emília da Costa, a todas as mulheres invisibilizadas e silenciadas ao longo da história, bem como as mulheres que ajudaram-me a chegar até aqui, minha mãe, irmã, avós, tias, professoras, amigas, as conhecidas da comunidade e as desconhecidas, a toda a minha ancestralidade e as que ainda estão porvir.

## AGRADECIMENTOS

Ninguém aprende sozinho, e na tessitura deste texto não podia ser diferente. Muitas pessoas me ajudaram durante essa travessia, por isso quero deixar meu sincero agradecimento. E esse sentimento de gratidão está no nível mais profundo, no sentido de sentir-se vinculada, comprometida com o outro. António Nóvoa analisou os três níveis de gratidão do tratado de São Tomás de Aquino, no qual concluiu que o termo “obrigado” significa exatamente isso, está vinculado, comprometido perante o outro. E sendo assim, expresso meu muito obrigada:

A minha mãe, Francisca das Chagas Nunes de Oliveira, sem seu apoio afetivo, emocional e financeiro, certamente não teria condições de concluir esse Mestrado em Educação, Obrigada mãe!

A minha orientadora, professora Sara Amorim, que conduziu-me com leveza e compromisso durante toda a construção deste trabalho, sem sua ajuda essa travessia não teria sido possível, assim como também quero agradecer pela construção de uma relação de amizade e parceria no percurso desses dois anos de mestrado.

A banca examinadora que com zelo se disponibilizou a contribuir de maneira propositiva com a pesquisa, trazendo valiosas sugestões. Ao professor Francisco Canindé pelo olhar sensível e ao professor Charliton pelas valiosas contribuições.

Aos meus familiares, sem o amor, cuidado e zelo o caminho teria sido mais pedregoso. A meu irmão Ademar Menezes, pelo seu apoio rigoroso e perspicaz, para ouvir todas as versões criadas na mente, quando as palavras me faltava. Obrigada a minha irmã Aucileide e minha sobrinha Ana Cecília pelo apoio e incentivo. Ao meu pai Ademar Pelonha que mesmo sem compreender o processo contribuiu de maneira concreta para a realização deste sonho.

Aos colegas da turma - pelos afetos compartilhados e por todos os “estados” que vivenciamos juntos em busca de um objetivo comum, concluir a travessia que nos propomos realizar, se tornou mais suave, pelos momentos compartilhados. Obrigada Emanuella Palhares pela acolhida e por dividirmos esse percurso, você é uma pessoa de coração gentil e rara. Obrigada Nathália Virgínio, companheira dos artigos coletivos e das conversas solidárias. A Erison Natércio e Thiago Queiroz por acreditarem em meu potencial, pelo carinho e amizade construída ao longo dessa jornada. A Meire e a Tammy pela acolhida dos abraços e caronas solidárias, vocês me fizeram sentir segura e em casa.

A Ivete, Maria e Erinaldo por me receberem e acolherem em sua casa como um membro de vossa família, durante o primeiro ano do curso do mestrado, e sei que agora tenho uma família em Mossoró que posso contar quando precisar, obrigada!

A equipe do POSEDUC - Direção, secretaria, professores, professoras por todas as aprendizagens proporcionadas, obrigada!

A professora Roberta Ceres com quem tive o privilégio de experienciar a Docência Assistida. Com ela aprendi e ampliei os horizontes da profissão docente, para além do profissionalismo me ensinou a humana docência, obrigada!

A Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Adalgiza Emídia da Costa, na pessoa do diretor Arinaldo Sales, foi aqui que tudo começou através de uma fotografia, obrigada!

A Escola Estadual Tenente Coronel José Correia, na pessoa da diretora Chaguinha que me acolheu e disponibilizou material para consultar se havia documentos sobre a pessoa pesquisada, obrigada!

Ao Educandário Nossa Senhora das Vitórias, na pessoa da diretora Irmã Maricélia Almeida, a Thazia, Expedita, por me permitirem livre acesso ao vasto arquivo da escola o qual contribuiu de maneira significativa a minha pesquisa, obrigada!

A minha amiga Marliane e sua família que me acolheu com carinho e uma janta muito especial, nas noites em que retornava de Mossoró para casa, havia esse espaço de acolhimento e espera, obrigada!

Ao Ateliê de Formação em Literatura, por me acolher, incentivar e apoiar a continuidade da minha formação acadêmica, obrigada!

A minha amiga Manu Medeiros, por todos os incentivos, carinho e fé depositada em minha pessoa, obrigada!

Enfim, talvez tenha cometido o deslize de porventura ter esquecido de agradecer a alguém, então, vou concluir agradecendo a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para a realização deste trabalho, e porque não dizer, deste sonho, obrigada!

“No teatro da memória, as mulheres são uma leve  
sombra”

(Michele Perrot, 2019)

## RESUMO

A pesquisa em tela investiga aspectos biográficos e de formação profissional de Adalgiza Emídia da Costa na educação norte-rio-grandense, no período de 1937 a 1956. O recorte temporal proposto justifica-se por compreender o período de sua formação na Escola Normal de Assú, até sua atuação nas instituições Escola Isolada do Distrito de Santa Luzia, Grupo Rural de Carnaubais e Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. Na busca por informações acerca de sua vida, trajetória formativa e atuação profissional, foram consultados acervos de arquivos físicos e repositórios digitais pertencentes a instituições públicas e privadas, destacando-se: Educandário Nossa Senhora das Vitórias (Assú-RN), Arquivo Público do Estado (APE-RN) e Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Além disso, foram examinados os arquivos das instituições escolares que abrigam a atuação da professora Adalgiza Emídia da Costa, em busca de fontes históricas que pudessem subsidiar a investigação em torno de sua presença na educação do Rio Grande do Norte. O estudo tem sua fundamentação teórico-metodológica circunscrita no entrelaçamento dos campos da História da Educação e da Nova História Cultural, constituindo-se enquanto interlocutores do debate autores como Chartier (1989, 1999, 2002), Barros (2019), Nóvoa (1995), Perrot (1998), Almeida (2014), Saviani (2003), dentre outros estudiosos que discutem educação, formação profissional e atuação docente feminina em perspectiva histórica. Debruçar-nos sobre sua atuação no campo da educação significou, também, mergulhar na historicidade das instituições de formação educacional e profissional nas quais esteve presente, conhecendo os programas de ensino, materiais, saberes e práticas que fizeram parte de seu universo de atuação. Estes estudos permitiram-nos ampliar os debates na historiografia da educação norte-rio-grandense através de outros olhares para as fontes documentais que, entrecruzadas, nos auxiliaram no processo de aproximação com questões de um tempo não vivido; permitindo-nos, assim, conhecer aspectos que contribuíram para reflexões contemporâneas no campo sobre os sujeitos, instituições e projetos de educação historicamente desenvolvidos.

**Palavras-chave:** Adalgiza Emídia da Costa; trajetória formativa; atuação profissional; Escola Normal de Assú; História da Educação.

## ABSTRACT

The present research investigates biographic aspects and professional qualification of Adalgiza Emília da Costa in the educational scenery in Rio Grande do Norte in the period between 1937 and 1956. The proposed time frame was to include from her qualification period in Normal School of Assú to her activity in the institutions Isolated School of Santa Luzia District, Rural Group of Carnaubais and School Group Lieutenant Colonel José Correia. In the search of information regarding her life, formative trajectory, and professional activity, physical archives collections and digital repositories from public and private institutions had been consulted, especially Educandário Nossa Senhora das Vitórias (Assú-RN), Public Archive of the State (APE-RN) e Digital Newspaper Library of the National Library. Furthermore, the archive of the school institutions that contain the activity of the teacher Adalgiza Emília da Costa were examined in the search of historical sources that could support the investigation around her presence in the educational scenery in the state of Rio Grande do Norte. The study has its theoretical-methodological foundation in the intertwining of fields of History of Education and New Cultural History, being part of the discussion authors such as Chartier (1989, 1999, 2022), Barros (2019), Nóvoa (1995), Perrot (1998), Almeida (2014), Saviani (2003), amongst other scholars that discuss education, professional qualification and the female teaching role in a historical perspective. Focusing on her activity in education meant, as well, deep diving in the historicity of educational and professional qualification institutions in which she had been present, getting to know the teaching programs, materials, knowledge and practices that made part of her professional activity. These studies allowed us to enlarge the debates in historiography of education of Rio Grande do Norte through shedding a new light on the documentary sources that, intertwined, has helped us in the process of getting close to issues of a time that we have not lived; allowing us, therefore, to know aspects that contributed to contemporary reflections in the area about the subjects, institutions and educational projects historically developed.

**Keywords:** Adalgiza Emília da Costa; formative trajectory; professional activity; Normal School of Assú; History of Education.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - FORMATURA DE ADALGIZA EMÍDIA DA COSTA (1940).....	24
FIGURA 2 - LIVRO CELEBRAR O TEMPO: 90 ANOS DE MEMÓRIAS E VITÓRIAS.....	25
FIGURA 3 - PÁGINA INICIAL DO <i>SITE FAMILY SEARCH</i> .....	40
FIGURA 4 - ÁREA DESTINADA À REALIZAÇÃO DE LOGIN NO <i>SITE FAMILY SEARCH</i> .....	41
FIGURA 5 - SEGUNDA ABA DESTINADA À ESCOLHA DOS DOCUMENTOS PARA A PESQUISA.....	42
FIGURA 6 - TERCEIRA ABA DESTINADA AO PREENCHIMENTO DOS DESCRITORES DE BUSCA.....	42
FIGURA 7 - ÁRVORE GENEALÓGICA.....	44
FIGURA 8 - ATESTADO DE ÓBITO.....	47
FIGURA 9 - PÁGINA DESTINADA À INSERÇÃO DAS INFORMAÇÕES E DESCRITORES DE BUSCA.....	49
FIGURA 10 - NOMEAÇÃO DE ADALGIZA EMÍDIA DA COSTA NO JORNAL “A ORDEM”.....	50
FIGURA 11 - PLACA DE INAUGURAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR RURAL DE CARNAUBAIS/RN EM 1949.....	52
FIGURA 12 - PRÉDIO DO GRUPO ESCOLAR RURAL DE CARNAUBAIS.....	53
FIGURA 13 - MUSEU MUNICIPAL ZULMIRA BEZERRA DE SIQUEIRA.....	54
FIGURA 14 - "ÁLBUM DE MEMÓRIAS".....	56
FIGURA 15 - MURAL DA ESCOLA ESTADUAL TENENTE CORONEL JOSÉ CORREIA - 2022.....	57
FIGURA 16 - FACHADA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS 1927....	62
FIGURA 17 - DIPLOMA 1938.....	65
FIGURA 18 - PLACA DE CONCLUINTE 1938.....	66
FIGURA 19 - LIVRO DE MATRÍCULA.....	70
FIGURA 20 - ATA DA 2ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO CURSO NORMAL - CNSV.....	72
FIGURA 21 - LIVRO DE OFÍCIOS.....	73
FIGURA 22 - LIVRO DE MATRÍCULA DO CURSO NORMAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS - 1937 A 1940.....	74

FIGURA 23 - LIVRO DE ATAS DO CURSO NORMAL - 1937 A 1940.....	76
FIGURA 24 - TERMO DE ABERTURA.....	77
FIGURA 25 - LIVRO DE ATAS.....	78
FIGURA 26 - ATAS DOS RESULTADOS FINAIS - CURSO NORMAL 1937 A 1940.....	79
FIGURA 27 - MAPA DAS ALUNAS.....	79
FIGURA 28 - DIÁRIO DO CURSO NORMAL DE 1937 A 1940.....	82
FIGURA 29 - ASSINATURA DAS NEO-DIPLOMADAS - 1940.....	89

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Disciplinas - I ano Curso Normal - 1937.....	83
QUADRO 2 - Disciplinas - II ano Curso Normal - 1938.....	84
QUADRO 3 - Disciplinas - III ano Curso Normal - 1939.....	85
QUADRO 4 - Disciplinas - IV ano Curso Normal - 1940.....	85
QUADRO 5 - Nomes das alunas do II Ano do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Vitórias de Assú/RN - 1938.....	86
QUADRO 6 - Nomes das alunas do IV Ano do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Vitórias de Assú/RN - 1938.....	86
QUADRO 7 - Nomes das alunas do III Ano do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Vitórias de Assú/RN - 1938.....	87
QUADRO 8 - Nomes das Normalistas Diplomadas - 1940.....	90

## LISTA DE SIGLAS

ENSV	Educandário Nossa Senhora das Vitórias
CNSV	Colégio Nossa Senhora das Vitórias
APE	Arquivo Público do Estado
RN	Rio Grande do Norte
POSEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
EJA	Educação de Jovens e Adultos
PPP	Projeto Político Pedagógico
DDS	Diálogo Diário de Segurança
EJAP	Educação de Jovens e Adultos Profissionalizante

## SUMÁRIO

<b>1 NOTAS INTRODUTÓRIAS: ENFOQUES, DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS.....</b>	<b>13</b>
<b>2 “CAMINHO SE CONHECE ANDANDO”: DA HISTÓRIA DE VIDA À CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....</b>	<b>18</b>
2.1 Desvelando a travessia e encontrando a biografada.....	18
2.2 Entrelaçamento das trajetórias: formação inicial da pesquisadora.....	27
2.3 A (in)visibilidade da patronesse Adalgiza Emídia da Costa.....	33
<b>3 “TERCEIRA MARGEM”: EVENTOS MARGINAIS DE UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....</b>	<b>37</b>
3.1 Índícios biográficos nos repositórios digitais.....	37
3.2 Do Distrito de Santa Luzia ao Grupo Escolar.....	50
3.3 O papel da mulher em cargos de poder.....	57
<b>4 TRAÇOS FORMATIVOS: PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE DE ADALGIZA EMÍDIA DA COSTA.....</b>	<b>61</b>
4.1 Uma instituição de profissionalização no sertão norte-rio-grandense.....	61
4.2 Adalgiza Emídia da Costa na Escola Normal de Assú.....	68
4.3 Ritos de diplomação.....	88
<b>ENTRETECENDO CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>

## 1 NOTAS INTRODUTÓRIAS: ENFOQUES, DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

De todas as inquietações que compõem as linhas deste texto, de todas as leituras e diálogos teóricos estabelecidos, uma questão emerge a cada nova etapa no curso investigativo: como apreender nuances de uma vida guardada em papéis? O questionamento nasce dos diálogos com Mignot (2000), que, ao tratar sobre os muitos e possíveis “Refúgios do Eu”, alerta para os silêncios, esquecimentos ou mesmo as exaltações presentes nos rastros de outros tempos.

A dinâmica complexa de uma existência reporta ao pesquisador a responsabilidade de perscrutar elementos pertencentes a uma trajetória em particular. Este fazer requer não só a atenção para captá-los, mas, também, para situá-los e compreendê-los em meio ao contexto de inserção da vida que pretende-se evidenciar. Assim, buscamos aprender sobre a lógica dos arquivos, educando o olhar “em um insistente exercício de busca do visível no invisível” (Mignot, 2000, p. 129).

Nesse sentido, o campo da Nova História Cultural nos apontou caminhos e possibilidades no fazer da pesquisa histórica, a partir da diversificação dos tipos de fontes, objetos e seus usos. Diante dos diversos percursos de investigações possíveis, ratificamos com Chartier (2002, p. 14), que “os historiadores de hoje sabem que são produtores de textos. A escritura da história, mesmo a mais quantitativa, mesmo a mais estrutural, pertence ao gênero da narrativa, com o qual compartilha categorias fundamentais”, a partir desse campo, a história dos sujeitos que estavam à margem puderam ser contadas. Acerca desta questão, tece Machado (2006, p. 17-18):

nesse território de transgressão historiográfica a ser explorado, ocorre o deslocamento da história social da cultura para a história cultural da sociedade. Com base nesse deslocamento, é possível estabelecer, a partir das experiências cotidianas, as diversas expressões e representações de vida e dos acontecimentos em torno das pessoas comuns, uma relação de inteligibilidade entre o passado e o presente, um profundo diálogo entre os seres humanos de todos os tempos e espaços.

A História cultural ao apontar para o surgimento de novos objetos e territórios de atuação para os historiadores, possibilita a tessitura de compreensões outras acerca das dimensões que compõem os fenômenos histórico-educativos. Chartier (1990, p. 127), assinala que “não existe texto fora do suporte que o dá a ler [...] que não dependa das formas através das quais ele chega a seu leitor”. Por essa razão, voltamos à teoria que nos assegura a elaboração de uma história escrita com o estabelecimento de uma problemática, não mais resumida à descrição dos acontecimentos e ou sujeitos integrantes das iniciativas educativas e educacionais sobre as quais podemos nos debruçar.

Constitui-se em nosso objeto de pesquisa a trajetória formativa e atuação profissional da professora Adalgiza Emília da Costa. Patronesse de uma escola da rede pública estadual de ensino da cidade de Carnaubais/RN. O que nos instigou a pesquisar sobre essa mulher foi o possível silenciamento, ou ainda a invisibilização de sua atuação enquanto professora e diretora, em ambas as instituições de ensino. O estudo tem por objetivo geral analisar a trajetória formativa e a atuação profissional dessa educadora na educação norte-rio-grandense entre os anos de 1937 a 1956. No levantamento historiográfico que realizamos, constatamos que até o presente momento, sua trajetória não foi objeto de investigação de nenhum(a) outro(a) pesquisador(a). Destacamos, ainda, que o marco inicial do recorte temporal de 1937 refere-se ao ano de ingresso da Adalgiza Emília da Costa no curso de formação na Escola Normal de Assú, situada no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, e o marco final, 1956, faz referência ao último ano de atuação como diretora no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, instituição também pertencente ao território assuense.

Na busca por conhecermos a formação e atuação profissional da Adalgiza Emília da Costa, nos dedicamos à compreensão de sua formação profissional com vistas à identificação de ações ou projetos educacionais desenvolvidos pela educadora, bem como suas possíveis contribuições para a educação norte-rio-grandense. Para tanto, nos questionamos sobre quem foi Adalgiza Emília da Costa e como se deu sua atuação na educação norte-rio-grandense. Tais perguntas subsidiaram a construção do problema da pesquisa que buscamos responder ao longo deste estudo.

Investigar a trajetória formativa, atuação profissional desta professora e suas relações com a educação do estado, nos remete à observação de como histórias de vida e ações educativas/educacionais se imbricam. Debruçar-nos sobre sua atuação no campo da educação significa, também, adentrarmos nos campos das histórias das instituições de formação profissional e educacional nas quais esteve presente, conhecendo os programas de ensino, materiais, saberes e práticas que fizeram parte deste universo de atuação da educadora que ora nos dedicamos a conhecer. Ademais, estes estudos permitem produzir a história da educação local através de outros olhares e fontes que, entrecruzadas, nos auxiliem no processo de aproximação com questões de um tempo não vivido, nos permitindo conhecer aspectos que contribuam para reflexões contemporâneas no campo, sobre os sujeitos, instituições e projetos de educação que nos conduziram até aqui.

Esta dissertação insere-se, portanto, na linha investigativa proposta pelas discussões da Nova História Cultural, pesquisa de cunho histórico-documental, amparando-se especificamente no trabalho com fontes históricas (Barros, 2019). Desse modo, fazem parte

do *corpus* documental diferentes tipologias como: livro de matrículas, livro de atas, ofícios, diplomas, fotografias, jornais e mensagens de governadores que são oriundas de arquivos diversos, como os acervos escolares: Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Adalgiza Emídia da Costa; Escola Estadual Coronel José Correia e do Educandário Nossa Senhora das Vitórias; acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional; *Site Family Search* e acervos particulares de Josélia Coringa e Pedro Otávio de Oliveira.

O fazer investigativo organizou-se em ações que partiram da busca e seleção de fontes documentais que pudessem subsidiar o trabalho pretendido, junto à realização de leituras, reflexões e registros. Desse modo, foi estabelecida uma rede de diálogos teórico-metodológicos, a fim de contribuir para o embasamento necessário às problematizações, escolhas, enfoques e caminhos a seguir.

Por conseguinte, foram analisadas as múltiplas tipologias documentais, ressaltando que com cada fonte operamos de uma maneira singular. Por isso, fazem parte do nosso referencial teórico-metodológico: Barros (2019) que ajuda-nos a entender o que são as fontes históricas, resíduos deixados historicamente pelos seres humanos situados no passado que chegaram ao presente por diferentes caminhos; Mogarro (2006), que desvela particularidades necessárias ao entendimento dos arquivos escolares ao escrever sobre como analisar a extensa geografia documental existente nos distintos espaços educativos, assim como acerca da reflexão relativa à preservação e guarda dos documentos produzidos no âmbito escolar, pois são carregados da historicidade das instituições e dos seus agentes; Bacellar (2008), com o uso e mau uso dos acervos documentais, destacando que documento algum é neutro, visto que os registros escritos expressam opiniões e pontos de vista próprio de quem os produziu.

Vasconcelos (2014), por sua vez, auxilia-nos a apreender a importância da pesquisa em história da educação no trato com diferentes fontes e arquivos; com Gingzburg (1989) assumimos a postura indiciária seguindo os indícios, pistas e sinais que nos conduziram até nosso objeto de pesquisa, com cada fonte, nos mais diversos suportes, interrogando-as.

Com Chartier (1989) observamos as práticas sociais dos sujeitos e todas as perspectivas de investigação no campo do conhecimento da Nova História Cultural; a partir de Saviani (2003) compreendemos a história da educação, assim como das instituições escolares; com Almeida (2014) entendemos a feminização do magistério; Perrot (1998) nos ajuda a enxergar os excluídos da história, as mulheres; Nóvoa (1995) nos ajuda a percorrermos o processo conflituoso da profissionalização da docência; Kossoy (2012) ajuda-nos no trato e nas interpretações produzidas a partir do uso de fotografias, entre outros

autores que adensam as discussões que embasam e justificam os passos trilhados na realização da pesquisa.

A arquitetura do texto evidencia-se por meio de três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, denominada de **“Caminho se conhece andando”**: da história de vida à construção do objeto de pesquisa”, é destacada a intrínseca relação entre a pesquisadora e a construção do objeto de estudo, bem como são elucidados os caminhos percorridos durante a pesquisa, apresentando inquietações, justificando escolhas e elementos teórico-metodológicos que são inicialmente apresentados, mas que também emergem ao longo de toda a escrita do texto. As páginas iniciais do texto apresentam a trajetória estudantil da pesquisadora, tecendo sobre seus processos formativos, humanos e profissionais, em narrativas que estabelecem conexões com as categorias gênero e educação.

Na segunda seção, **“Terceira margem”**: eventos marginais de uma trajetória profissional, são esboçados aspectos biográficos de Adalgiza Emídia da Costa tais quais: local de nascimento, filiação e ano de falecimento. A partir dos dados obtidos com a pesquisa, foi possível organizar sua árvore genealógica, que possibilita a soma de outros personagens ao enredo de sua existência. São apresentadas suas nomeações, tanto como professora primária na Escola Isolada de Vila de Santa Luzia, como enquanto fundadora do Grupo Escolar Rural de Carnaubais e, ainda, sua atuação como diretora do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia.

Em **“Traços formativos: profissionalização docente de Adalgiza Emídia da Costa”**, é feita uma caracterização da Escola Normal de Assú através das fontes documentais escolares obtidas, tais como: programas de ensino, métodos, processos de admissões e promoções discentes, assim como, é evidenciado o seu processo de formação na aludida instituição de formação profissional. Sobre este particular, o embasamento teórico sustenta-se por meio de obras que versam sobre as Escolas Normais enquanto espaços de formação profissional, dentre as quais podemos citar: “As Escolas Normais no Brasil: Do Império à República” organizada por Araújo; Freitas e Lopes (2018); “A Escola Normal de Natal: Rio Grande do Norte, 1908 -1971”, de autoria de Silva (2018) e a dissertação “A Escola Normal Primária de Mossoró (1922-1934): narrativas sobre a criação da primeira escola de formação de professores do interior do Rio Grande do Norte” escrita por Sarmiento (2013).

Por fim, as considerações provenientes do trabalho produzido refletem a consciência de que uma investigação pode ser infindável e de que nenhum tema é esgotado por seu pesquisador. Dialogamos com Nóvoa (2015) quando afirma que não há nada pior a um jovem

investigador em educação, do que não saber colocar um ponto final em seu trabalho, seja pela autocrítica, pela ilusão da perfeição ou ainda pelo receio da exposição pública, ou quem sabe talvez pela junção de tudo isso. “O dilema só se resolve no dia em que percebemos que não há texto perfeito, nem definitivo, no dia em que sentimos, na nossa escrita, que temos alguma coisa de importante e de significativo para partilhar com os outros” (Nóvoa, 2015, p. 17).

Tecemos nossas considerações enfocando a relevância de trabalhar com trajetórias, uma vez que nos apontam possibilidades investigativas diversas sobre práticas educativas de sujeitos que viveram em outros contextos históricos, porém deixaram suas marcas, apontando para uma experiência individual, mas que não se faz isolada. Essa experiência é fruto de uma série de fatores compreendidos, seja nos lugares ocupados ou nas relações estabelecidas, criando possibilidades de atuação na trajetória sobre a qual lançamos luz.

Cabe, assim, ao historiador da educação realizar suas interpretações, tecer conjecturas, mas, com a devida ressalva de que, de forma alguma, o passado pode ser reconstruído em sua totalidade. Compete a nós apenas a perseguição dos indícios encontrados, contrapondo-os entre si e com a realidade que os abriga, inventariando eventos de uma vida sob a ótica de quem se arrisca a narrá-la.

## 2 “CAMINHO SE CONHECE ANDANDO”: DA HISTÓRIA DE VIDA À CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

“Caminante, no hay camino, se hace camino al andar”<sup>1</sup>

(Antonio Machado, 2003)

A epígrafe acima nos remete ao percurso realizado durante a construção desse trabalho que ora dissertamos. Fomos aprendendo a caminhar, caminhando, às vezes tendo que fazer pausas necessárias para tomarmos o rumo mais adequado para alcançarmos os objetivos propostos ou para seguir as pistas sinalizadas durante esse itinerário. “Assim, convida-nos a pensar que o caminho não se faz sozinho” (Amorim, 2017, p. 74).

Como o caminho não se faz sozinho, fomos removendo os obstáculos, enveredando por trilhas desconhecidas, algumas vezes tivemos que recuar, esperar e tentar novas rotas. Encontrar as marcas outrora deixadas, não é tarefa fácil, entretanto, não é impossível. Versa esta seção acerca dos traços da trajetória da pesquisadora, bem como, sua itinerância com o objeto de pesquisa e as fontes históricas.

### 2.1 Desvelando a travessia e encontrando a biografada<sup>2</sup>

Cresci gostando de ouvir e contar histórias. Como a menina/mulher que gostava de ouvir as histórias contadas pela avó, sentada abaixo de sua rede. Não sei se a motivação para escrever sobre a trajetória de vida de uma mulher/educadora, advém desse gostar de ouvir as histórias da minha avó Rosinha, pois essa que agora vos escreve, não teve acesso a livros literários na infância, como os clássicos infantis, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, entre outros, as histórias que a minha avó narrava, eram oriundas de suas vivências.

Eram histórias de personagens reais, de mulheres e homens que compartilhavam as dores, mas também as alegrias das colheitas promovidas pela labuta compartilhada desses sujeitos cheios de fé e esperança. Histórias de um povo caminhante, viajante. Os relatos davam conta dos primeiros amores, de como aconteciam os galanteios em sua época, além de canções, cartas de amor, despedida de amores não correspondidos e sua história de amor com meu avô, um amor que daria um livro, todavia é assunto para uma outra oportunidade.

<sup>1</sup> Antonio Machado, citação de Provérbios y cantares, El País, clásicos del siglo XX, Madri, 2003, p 17.

<sup>2</sup> Em alguns trechos desta seção utilizaremos a conjugação na primeira pessoa do singular, por apresentarmos uma escrita autobiográfica com narrativas pessoais da autora.

As narrativas contadas pela minha avó Rosinha, me faziam viajar, no tempo e no espaço, sensações que a literatura e a arte provocam em nós. Como afirma Petit (2010, p. 288) "todo ser humano sente, de modo vital, necessidade de ter à sua disposição espaços onde encontrar mediações ficcionais e simbólicas". Quando adulta compreendi que o meu gosto pela literatura, foi aguçado desse fazer da minha avó, mulher simples, agricultora, não sabia ler ou escrever convencionalmente, entretanto, educou filhos, filhas, netos e netas.

Considero que compartilhar minha experiência de formação inicial, impulsionada por memórias carregadas de afetos de um outro tempo vivido, justifica-se para que os(as) leitores(as) possam compreender os caminhos que conduziram à escolha e construção do objeto de pesquisa. Ressalto, portanto, que escolhas e interesses investigativos dialogam diretamente com os espaços, experiências e indivíduos que nos formam ao longo da vida.

Escrever sobre trajetórias de vida não é biografar o indivíduo de maneira linear e cronológica, mas realizar um recorte de parte dessa existência, para se estudar por meio de fontes, isto é, a contextualização da vida desse sujeito, analisando uma experiência histórica mediante um recorte espaço/temporal. "Trabalhar com vidas, dar vida às histórias, considerar as histórias de vida, tem sido um esforço de alguns pesquisadores do campo da educação" (Mignot, 2002, p. 20). Com esse intuito, busco encaixar as peças esparsas de um mosaico, evidenciando a figura dessa professora nos contextos educacionais em que ela viveu, formou-se e atuou profissionalmente.

Adalgiza Emídia da Costa é patronesse de uma escola da Rede Pública Estadual, que atende o Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos – EJA, e localiza-se na cidade de Carnaubais/RN. Um fato que nos conecta, antes mesmo que eu conhecesse os caminhos da História da Educação, é que estudei na Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Adalgiza Emídia da Costa, entre a 5<sup>a</sup> e a 8<sup>a</sup> série, assim denominadas à época.

Enquanto aluna, participei de diversos eventos promovidos pela instituição, contudo, não sabia quem tinha sido essa mulher, qual sua relevância para o município, por qual razão seu nome ocupava a fachada da escola. Acredito que não tenha refletido sobre essas questões até o dia em que cursando a disciplina, "História da Profissão Docente no Rio Grande do Norte", ministrada pela Professora Sara Raphaela Machado de Amorim, no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação - POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Central - Mossoró/RN, foi proposta a escrita de um verbete sobre um patrono ou patronesse de alguma escola que estivesse situada no município de origem de cada estudante. Ao me deparar com o fato de que não sabia quem era a patronesse da escola de minha infância, fiquei impactada e instigada para procurar

informações sobre a referida educadora, bem como, para entender as razões que a levariam ao lugar de destaque no município de Carnaubais. Após diálogos com a orientadora, resolvemos modificar o projeto de dissertação inicialmente aprovado na seleção e, o que era para ser um verbete, se transformou em objeto de estudo.

E para embasar a pesquisa, realizei a leitura do livro “Nome que dá nome”, organizado por Mignot, Tavares e Amorim (2015). A proposta resulta do trabalho produzido na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, que teve como objetivo central fazer conhecer aqueles e aquelas que dão nome a instituições escolares da rede estadual de ensino do estado do Rio de Janeiro. Dos vinte e cinco (25) nomes selecionados, somente nove (9) eram mulheres, de acordo com as autoras o fato se justificaria por estarem estas destinadas ao espaço privado do lar ou ao anonimato da sala de aula, sem falar no desconhecimento das respectivas instituições no que diz respeito aos sujeitos nomeados e ao processo dessa escolha.

O que parece paradoxal, lamentavelmente, é a realidade da maioria das escolas brasileiras, pouco ou quase nada se sabe acerca de seus patronos ou patronesses. Diante disso, por vezes me perguntei o que levaria a comunidade escolar a não conhecer a história dos indivíduos que dão nome às instituições. Mignot, Tavares e Amorim (2015, p. 6) elucidam que, “nomear implica designar, instituir, eleger, escolher. Dar nome a uma escola, sabemos bem, significa eternizar, tornar alguém reconhecido por suas obras e pelo trabalho desenvolvido durante sua vida”.

Perseguindo essa ideia, buscava descobrir vestígios da atuação da professora Adalgiza Emília da Costa e como ocorreu esse processo de escolha de seu nome para patronesse. A partir dessa inquietação, surge a questão norteadora da pesquisa: como se deu a atuação de Adalgiza Emília da Costa na educação norte-rio-grandense? Por meio dessa pergunta vou tecendo esse texto, “ [...] segundo a minha necessidade. Necessidade de escrever a história das mulheres que é, também, na mesma proporção, a história dos homens” (Morais, 2002, p. 18). Portanto, essa história das mulheres não é uma revelação sucessiva de acontecimentos, contudo a estrutura dessa narrativa dá-se por meio de fazer falar as fontes de maneira inteligível.

A busca por fontes constitui uma etapa importante para a produção do trabalho histórico. “As fontes históricas são as marcas da história” (Barros, 2019, p. 15). Isto é, todas as ações, interferências dos seres humanos deixam suas marcas no mundo social ou natural. E esses sinais servem de base para os historiadores. Barros (2019, p. 15) afirma que “este imenso conjunto de vestígios – dos mais simples aos mais complexos – constitui o universo

de possibilidades de onde os historiadores irão constituir as suas fontes históricas.” É com essa intenção que pretendemos analisar as fontes históricas, confrontando-as, interpretando-as a partir da trajetória de vida da professora Adalgiza Emília da Costa.

Analisar a trajetória formativa e a atuação profissional na educação norte-rio-grandense dessa professora, diplomada pela Escola Normal de Assú/RN, do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, por meio das diferentes tipologias de fontes que elegemos para fazer parte do escopo deste trabalho. "Reconstruir esse passado significa recriar tempos, espaços e ausências, preenchendo-os de sentidos, conforme minhas próprias percepções, que se materializam na urdidura do texto” (Morais, 2002, p. 24). Porém, é relevante frisar que em nenhuma hipótese o passado pode ser reconstruído em sua totalidade, cabe a nós a busca pelos indícios encontrados, confrontando-os entre si e com a realidade que os envolve.

Sou mulher e professora. Passei por um processo de formação profissional e, por isso, sinto-me imbricada com a construção desse itinerário. Visibilizar a trajetória de educadores relevantes para a história da educação norte-rio-grandense é tarefa destinada aos historiadores da educação, que pelas mais variadas razões possam não ter acesso a determinadas trajetórias esquecidas ou inviabilizadas.

Após a realização de novas leituras, conheci os projetos de pesquisa coordenados por Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes, intitulado “Educação e Educadoras na Paraíba do século XX” e “Quando as mulheres escrevem [...]”. Os autores relatam que, nos últimos anos, têm se dedicado a investigar os silenciados da história da educação, investigando educadores e educadoras de vida comum, por meio das pesquisas realizadas, assim como das orientações de mestrandos, doutorandos e alunos da iniciação científica, objetivando visibilizar através das trajetórias as marcas de um tempo vivido pelos sujeitos, suas contribuições para a sociedade paraibana.

Assim, fui conduzida à leitura da obra “Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida”, de autoria de Charliton José dos Santos Machado, Maria Lúcia da Silva Nunes e Juliana Aparecida Lemos Lacet. Este livro aborda a trajetória de vida e profissão de Dona Camélia, que contribuiu com a educação desenvolvida na cidade de Cuité, no curimataú paraibano, com a perspectiva de investigação de um passado educacional silenciado, como afirmam seus autores:

ao privilegiarmos as mulheres educadoras, as professoras, como sujeitos de nossas investigações, nestas últimas duas décadas, diligenciamos tanto conhecer seus percursos formativos e profissionais quanto colaborarmos para despertar a importância de preservar essas memórias, com a perspectiva de acessarmos elementos da história da educação e, particularmente, a história das práticas e dos saberes docentes, do magistério, da profissionalização do ser professor/a. Visando também

compreender como ações individuais, de outrora, no âmbito de uma vivência do ofício professoral, reverberam no presente e apontam elementos para compreendermos a atividade docente como resultado da coletividade (Machado; Nunes; Lacet, 2021, p. 17).

Portanto, ao biografar a professora Adalgiza Emídia da Costa favorecemos não apenas a leitura de uma individualidade, possibilitamos adentrarmos nos espaços e tempos que a constituiu, podemos conhecer como esses sujeitos se organizavam e davam sentido às suas práticas sociais, além de desvelar esse silêncio histórico educacional.

Na tentativa de desvelar esse silêncio histórico educacional, entrei em contato com o atual diretor da Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Adalgiza Emídia da Costa, Arinaldo Sales, para obter informações acerca da patronesse da instituição escolar, o mesmo informou-me que o Projeto Político Pedagógico – PPP, apresentava um breve histórico da criação da escola, e disponibilizou-me uma foto da Adalgiza Emídia da Costa em um evento de formatura, pelo que indicava o uso de vestes talares e o capelo na cabeça. Como não havia documentos sobre a educadora em questão no acervo escolar, busquei coletar informações na fonte da literatura local, especificamente a partir das obras “Um poço da lavagem no coração da pátria Varzeana” Dantas (2019) e “Santa Luzia do meu tempo” Melo (2010), que versam sobre a história do município de Carnaubais/RN. No entanto, também não encontrei informação alguma sobre a professora Adalgiza Emídia da Costa nas obras memorialísticas.

Os documentos escolares, por sua vez, apresentavam a historicidade do processo de construção da escola, mas nada apontavam sobre a professora em si. Também entrei em contato com um antigo morador da Cidade Histórica<sup>3</sup>, local no qual surgiu o Grupo Rural liderado por Adalgiza Emídia da Costa, os quais, assim como o próprio Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, apontam-na como fundadora. Perseguindo a caminhada, conversamos com o professor Carlos Augusto<sup>4</sup>, o qual se prontificou a ajudar na pesquisa, trazendo dados, não documentados, mas memórias de um tempo passado, conversas que ouvia dos mais velhos e que sinalizavam indícios de que Adalgiza Emídia da Costa não teria se casado, que havia sido uma professora dedicada e sobre os rumores de sua saúde fragilizada.

---

<sup>3</sup> Cidade Histórica – Denominação ocorrida nos anos 2000 referindo-se a antiga sede do município de Carnaubais localizada na várzea, às margens do Rio Açu.

<sup>4</sup> Carlos Augusto Pereira da Silva, formado em Letras pelo Instituto de Letras e Artes - Antiga Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte - FURRN, hoje Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Morou na Cidade Histórica.

Segundo Carlos Augusto, havia estudado no Educandário Nossa Senhora das Vitórias<sup>5</sup>, em um Curso Normal, escola localizada na cidade de Assú/RN, como também teria trabalhado no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia<sup>6</sup>. Essas informações foram primordiais, pois a partir delas fomos até as instituições mencionadas e localizamos fontes documentais tão necessárias para o prosseguimento da pesquisa.

As fontes documentais são fulcrais para o desenvolvimento deste trabalho, as memórias, as histórias contadas, foram sinais para chegarmos até as fontes históricas “[...] memória e fato se unem, sobrevivendo aquela e, nesse movimento, ela decide onde as interrogações serão postas, da mesma forma que exclui ângulos onde sua coerência poderia ser colocada em questão” (Vesentini, 1997, p. 19). Por meio da fotografia da Adalgiza Emídia da Costa no evento de formatura da Escola Normal de Assú/RN, cedida por Arinaldo Sales<sup>7</sup>, constatei que ela havia estudado naquela instituição de ensino indicada pelo professor Carlos Augusto. A partir dessa fotografia fomos garimpando outras fontes que apontassem caminhos percorridos pela professora.

Assumindo uma postura indiciária, realizamos o trabalho detetivesco, enveredando por trilhas, buscando reconstituir o passado, observando os pormenores, as particularidades imperceptíveis, no enalço do paradigma indiciário de Ginzburg (1989, p. 177) fomos trilhando “os sinais, indícios - que permite decifrá-la.” Estávamos tentando reconstruir esse mosaico para compreender o contexto da escolha de seu nome para patronesse, bem como reunir elementos que pudessemos conjecturar aspectos de sua trajetória formativa e atuação profissional.

Confrontando a fotografia de formatura da Adalgiza Emídia da Costa com outra imagem presente no livro, “Celebrar o tempo: 90 anos de Memórias e Vitórias”, do Educandário Nossa Senhora das Vitórias, percebi que havia a fotografia de uma aluna vestida com as mesmas vestes talares utilizadas por Adalgiza Emídia da Costa. Descobri que tratava-se da formatura da primeira turma concluinte<sup>8</sup> do Curso Normal, em 1938.

---

<sup>5</sup> À época em que a Adalgiza Emídia estudou, a instituição era denominada como Colégio Nossa Senhora das Vitórias. A mudança de nome da instituição para Educandário Nossa Senhora das Vitórias, ocorreu a partir da década de 1970.

<sup>6</sup> Foi criado pelo decreto de lei nº 254 em 11 de agosto de 1911 e inaugurado em 07 de setembro do mesmo ano. Instituição centenária que contribuiu e contribui para a educação pública do município de Assú/RN.

<sup>7</sup> É professor formado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Diretor da Escola Estadual Profª Adalgiza Emídia da Costa, do município de Carnaubais/RN, no período de realização desta pesquisa (2022 - 2023).

<sup>8</sup> Essa informação de ser a turma precursora e o nome das sete alunas concluintes, foi-me cedida via e-mail por Pedro Otávio Araújo Dias de Oliveira. Ele é primo/sobrinho de uma das normalistas, a Maria Olímpia Neves de Oliveira.

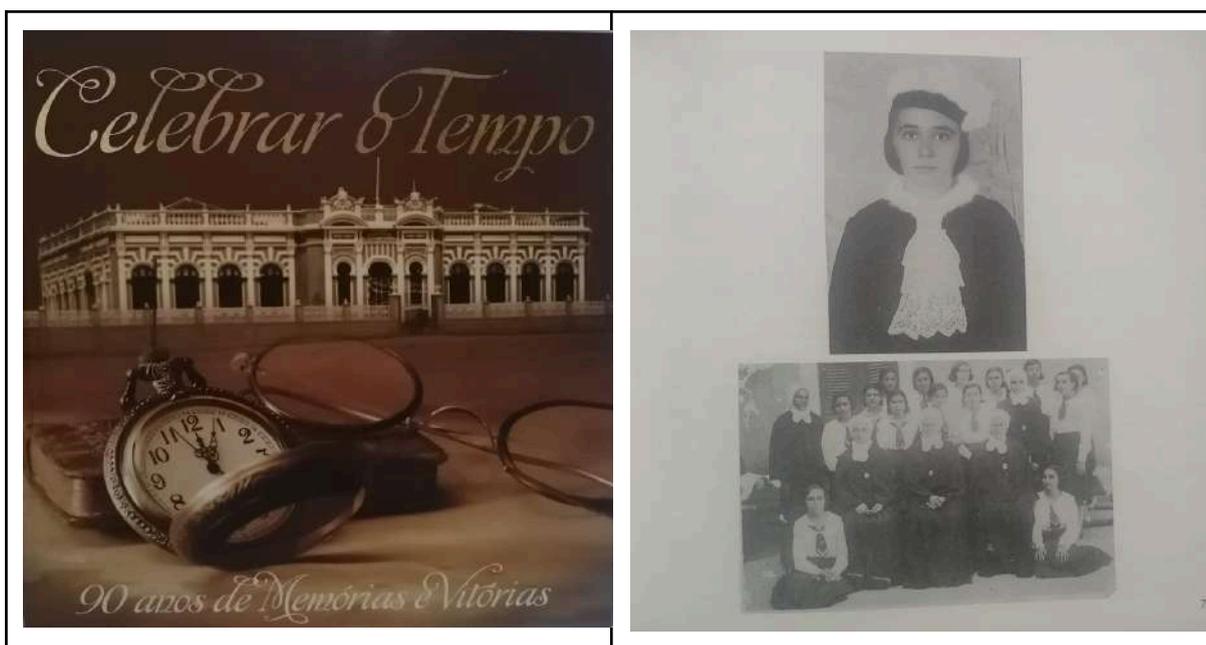
A turma precursora da Escola Normal de Assú era composta por sete alunas, dentre as quais duas eram freiras: Maria Cândida de Amorim e Silva, Maria Heloísa da Silva, Maria Olímpia Neves de Oliveira, Clarice Wanderley de Sá Leitão, Juliana Medeiros, Ir. M. Beatriz Bezerra, Ir. M. Antônia Mello.

**Figura 1:** Formatura de Adalgiza Emídia da Costa (1940)



**Fonte:** Acervo da Escola Estadual Profª Adalgiza Emídia da Costa

**Figura 2:** Livro Celebrar o tempo: 90 anos de memórias e vitórias



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

“Para os estudiosos da história social, da história das mentalidades e dos mais diferentes gêneros de história, assim como para os outros pesquisadores de outros ramos do conhecimento, são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado” (Kossoy, 2012, p. 33-34). Por meio dessa afirmação esclarecemos, em nosso texto, que as fotografias não são meras ilustrações, mas fontes fotográficas que nos possibilitam outras formas de investigações.

A partir do conteúdo documental que encerram, as fotografias que retratam diferentes aspectos da vida passada de um país são importantes para os estudos históricos concernentes às mais diferentes áreas do conhecimento. Essas fontes fotográficas, submetidas a um prévio exame técnico-iconográfico e interpretativo, prestam-se definitivamente para a recuperação das informações (Kossoy, 2012, p. 59).

As escolas são instituições que diariamente produzem documentos, infelizmente nem sempre há uma preservação diante desses materiais, muitas vezes considerados apenas entulhos que devem ser descartados. De acordo com Mogarro (2006) os arquivos escolares compõem o inventário das fontes de conhecimento, estabelecendo uma relação com as ações das instituições educativas, uma vez que esses documentos estão carregados dos aspectos relativos à historicidade da vida institucional, bem como das ações dos sujeitos. Neste sentido, destacamos que cada instituição é única, assim como as fontes históricas produzidas em seu interior, cada uma delas guardam uma densa e complexa identidade organizacional.

[...] escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo. Simultaneamente,

apresentam uma identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (e das pessoas a ela ligadas), na sua multidimensionalidade, assumindo o seu arquivo um papel fundamental na construção da memória escolar e da identidade histórica de uma escola (Mogarro, 2006, p. 73).

Enfatiza Mogarro (2006) que os documentos de arquivo exprimem a vida cotidiana das instituições que os produziram. “[...] no entanto, as informações fornecidas por estes documentos têm, necessariamente, de ser cruzadas com os dados que se encontram em fontes de outra natureza, apresentando-se em suportes variados e sob formas diversificadas” (Mogarro, 2006, p. 74). Existe uma geografia documental no interior das instituições escolares, livro de atas, livro de matrículas, boletins, lista de alunos, relatórios, fotografias, imagens, dentre outros, tais documentos viabilizam aos historiadores da educação realizar inúmeras interpretações acerca de experiências históricas vivenciadas nos espaços educativos. Portanto, “a relação entre os documentos e as investigações que, a partir deles, se podem desenvolver não é unívoca e exclusiva” (Mogarro, 2006, p. 76).

A referida autora ainda apresenta um quadro no qual elenca possíveis formas de investigações a partir de determinados documentos escolares disponíveis nos arquivos, por exemplo, Livro de Atas, podemos refletir acerca das apreensões entre professores, os debates, conflitos, as estratégias de coordenação, as opções pedagógicas e curriculares, mas não se limita somente a essas interpretações, destacamos a importância e a riqueza que carrega um tipo de documento para os estudos sobre as instituições escolares.

As informações encontradas nas Atas, registro de matrículas, livros de ponto, dentre tantos outros possíveis documentos escolares, podem evidenciar relevantes elementos para o conhecimento não só da história da educação de determinadas regiões, como também de aspectos pertencentes ao panorama mais amplo, tais como ideários e propostas políticas e objetivos de formação conectados com interesses socioeconômicos (Menezes; Laureano; Amorim, 2022, p. 10).

Temos consciência ao optarmos pela pesquisa documental que enfrentamos desafios, uma vez que os arquivos, “[...] não possuem as corretas condições de preservação e guarda, o que além do desgaste físico, ocasionado pelo tempo decorrido, dificulta a aproximação com produtos de nosso passado e que sobre os quais poderíamos construir diversas narrativas” (Menezes; Laureano; Amorim, 2022, p. 5). Diante das impossibilidades das próprias condições materiais das fontes nos arquivos físicos, atualmente dispomos de repositórios digitais que têm contribuído no campo da História da Educação, possibilitando a conservação, bem como facilitando o acesso a esses materiais.

A exemplo temos a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional<sup>9</sup>, que possibilitou-nos o acesso a um vasto acervo contendo jornais que trouxeram algumas informações relacionadas ao objeto de pesquisa. Salientamos que ter acesso a esses acervos digitalizados é crucial para a vida dos pesquisadores e das pesquisadoras, pois contribuem tanto para o prosseguimento de seus trabalhos, como também para a preservação de um vasto acervo. A falta de acesso a arquivos públicos que se encontram fechados, dificultam o desenvolvimento das pesquisas, uma lastimável realidade em nosso Estado e no país, como assinala Bacellar (2008, p. 49):

os arquivos brasileiros enfrentam, de forma geral, os sérios problemas comuns aos serviços públicos: falta de pessoal, de instalações adequadas e de recursos. Geralmente não prioritários aos olhos governamentais, foram durante muito tempo tratados como instituições de segunda categoria, verdadeiros depósitos de papéis velhos e de funcionários problemáticos. Mesmo na iniciativa privada, ainda hoje, é muito comum denominar-se os serviços de arquivo como "arquivo morto", como que ignorando a preciosidade de muitos dos documentos ali esquecidos.

Pude experienciar essa realidade mencionada pelo autor, após ter visitado instituições do município no qual resido; infelizmente, na maioria das vezes não há acervos escolares organizados, tampouco um cuidado com a história e a memória dos sujeitos que fazem parte das histórias de determinadas instituições. Após ter visitado, mesmo de maneira despretensiosa, a outras instituições do município no qual resido, observei a existência de pequenas biografias sobre os patronos que as nomeiam. Não adentrei mais a fundo nessa questão, porque não farei um trabalho comparativo, mas isso aguçou ainda mais a curiosidade sobre essa mulher, Adalgiza Emídia da Costa. Durante o processo de escrita surgiram múltiplos questionamentos, alguns foram se fortalecendo, outros foram sendo sanados à medida em que prosseguimos nas leituras. Outros, ainda, vão sendo descartados por não fazerem parte do escopo delimitado na formulação da proposta.

## **2.2 Entrelaçamento das trajetórias: formação inicial da pesquisadora**

O entrelaçamento entre a formação inicial da pesquisadora e a trajetória de vida da Adalgiza Emídia da Costa, objeto da investigação em curso, estão interligadas no sentido de que a pesquisadora não teria como estudar ou se imbricar com algo fora de seus espaços de convivência, "[...] identidade não se faz em linha reta. O percurso profissional deriva de opções, escolhas, mudanças de rumo" (Mignot, 2002, p. 20). Nessa configuração o desejo em analisar a trajetória formativa e atuação profissional dessa professora, emerge da nossa

---

<sup>9</sup> <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

trajetória pessoal, caracterizada por sermos mulher e professora, papéis sociais com específicos perfis, diretamente relacionados com nossas relações interpessoais.

No decorrer desta escritura, tecemos nomes de mulheres que fizeram e fazem parte da minha história de vida, todas elas têm suas contribuições na minha formação humana e profissional. Citar seus nomes de alguma maneira me faz registrar e ressaltar seus fazeres, talvez inspirada no desejo da historiadora Perrot (1988) de contar a história das mulheres reais na vida cotidiana, uma vez que a narrativa histórica tradicional lhe reserva pouco espaço.

As representações do poder das mulheres: imenso tema de investigação histórica e antropológica. Essas representações são numerosas e antigas, mas muitas vezes recorrentes. Elas modulam a aula inaugural do Gênesis, que apresenta a potência sedutora da eterna Eva. A mulher, origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida, é um grande tema romântico, e, em particular, de Mozart a Richard Wagner, da ópera (Perrot, 1988, p. 153).

Narrar o percurso da trajetória estudantil dos primeiros passos à pós-graduação, refazendo o caminho por meio da escrita lembrou-me das palavras da Morais (2002) em seu livro “Leitura das mulheres do século XIX” ao afirmar que escrever é um desnudamento, reitero que é um processo solitário e desafiador. Por conseguinte, depois de cortes, ajustes e reformulações, registramos a nossa marca na história e das mulheres que fazem ou fizeram parte dela. Tomei o cuidado de registrar seus nomes para que não fossem anônimas à minha escrita, lembrando, claro, que não são objetos do estudo em curso, mas contribuíram para a formação humana e profissional da pesquisadora, assim evidenciei o meu respeito à figura feminina. “Para narrar esta história não existe outra forma. “[...] a arte de dizer construindo a própria prática do pensar, do agir e do tecer. A tarefa constitui, então em urdir o texto de maneira inteligível, demonstrando a estrutura específica deste relato” (Morais, 2006, p. 24).

Estudante da escola pública, da educação básica ao ensino superior, conhecendo as dificuldades e as lacunas, isso não me limitou, ao contrário, foi na Escola Municipal Coronel Camilo de Lelis Bezerra – escola que funcionava numa casa antiga, sem biblioteca – localizada na fazenda Alemão zona rural do município de Carnaubais/RN, que iniciei minha trajetória acadêmica. Conheci o mundo das letras e das palavras por meio da minha primeira professora, Francineide Pimentel, a partir das primeiras atividades o universo letrado começou a se descortinar, a fazer sentido. Compreendi que o grafema “A” era a primeira letra do alfabeto, mas também a primeira letra de meu nome. Foi como se um véu se rasgasse e pudesse enxergar um mundo novo, completamente diferente e cheio de cores, de possibilidades, pois eu conseguia decifrar aqueles códigos. Recordo-me do João, personagem

da Ruth Rocha no livro “O menino que aprendeu a ver”, assim como nesta narração o milagre ia acontecendo.

Aprendi a ler convencionalmente entre os sete ou oito anos, por meio do livro didático, únicos materiais acessíveis à época. A experiência de leitura em outros suportes ampliou-se a partir de Dona Elza, uma velha sábia, curandeira, amiga da família, trazia livros, quando vinha nos visitar, como os cordéis, “Zezinho e Mariquinha” e o “Príncipe Formoso”. Recordo que lia-os todas as tardes, repetidas vezes, no chão de terra batida da sala da minha casa, enquanto minha mãe descansava numa rede, após o almoço, e meu irmão corria livre nos monturos alheios.

Dona Elza morava na cidade de Macau/RN, esses livros que trazia na maioria das vezes eram rabiscados, faltavam páginas, capas, mas alguns sobreviveram a devastadora linha do tempo e os guardo até o presente momento. Não consegui identificar sua formação, cheguei a pensar no ato da realização desta dissertação que fosse professora, no entanto, nas buscas que realizei, ela não teria relação com a educação, tampouco seus familiares, mas a partir da gentileza dessa senhora fui ampliando meu repertório de leitura, conheci as lendas e mitos brasileiros, além de conhecer Zumbi dos Palmares e Maria Quitéria, a mulher que se disfarçou de homem para lutar na Guerra da Independência do Brasil. Desde cedo sabia que a leitura mudaria a minha história, me libertaria, e o papel da escola em minha vida fez toda a diferença, se não fosse os primeiros passos tímidos naquela escola peculiar e a contribuição dos professores e professoras, certamente não estaria redigindo essa dissertação.

Para Yunes (2010, p. 54), “[...] é a leitura que vai capacitar os indivíduos a se pensarem, a se reconhecerem, a se historicizarem e a poderem decidir sobre suas necessidades de informação e sentido”. Decerto as palavras da autora fazem todo sentido para mim, pois vivenciei isso na pele. Iniciei a trajetória estudantil na escola da Zona Rural, como já mencionado anteriormente, ofertava aulas somente até a 4ª série do Ensino Fundamental. Após essa fase, deveríamos estudar na Escola Estadual Profª Adalgiza Emília da Costa, situada na Zona Urbana – centro da cidade de Carnaubais/RN.

Novidades, medos, angústias, tomavam conta do meu ser, mas lembro como pulsava em meu coração o desejo de prosseguir nessa jornada. A angústia que me afetava era o fato de que minha irmã, Aucileide Oliveira não prosseguiu os estudos, estudou somente até a 4ª série, na mencionada escola da zona rural, assim como havia acontecido com nossa mãe, Francisca das Chagas Oliveira. Não que esse acontecimento as fizesse menor em suas escolhas, todavia não eram as minhas escolhas, e os ciclos não precisavam ser repetidos.

Na escola da zona urbana existia um pequeno acervo, denominado de sala da leitura, a qual eu sempre visitava e pegava livros emprestados, apesar de nunca entender porque aquele espaço era destinado como castigo para os alunos que desafiavam as regras da escola. Nessa instituição escolar tive diferentes professores, professoras, um para cada componente curricular. Uma professora se destacava em seu modo de lecionar, parecia alegre, comprometida e preocupada para que o ensino e a aprendizagem acontecesse de forma mais prazerosa. Trazia dinâmicas, aulas mais lúdicas, e isso facilitava a aprendizagem. Era a professora de Língua Portuguesa, Romissinaide Melo. Nutria por ela uma profunda admiração, carinho e respeito. Sentimentos que permanecem inabaláveis. E o professor de História, Benedito de Sousa Melo, a esse só conheci no Ensino Médio, se destacava pela inteligência e domínio de muitos saberes, sobretudo sua humanidade na forma respeitosa que tratava seus discentes. Eles foram peças fundamentais para que eu continuasse estudando.

De alguma maneira, primitiva talvez, eu amava estar na escola, espaço de aprendizagem, não o único, mas provavelmente para as crianças e adolescentes da classe popular, esse espaço proporciona relações com outros signos. “Naquela época, ir à escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adorava aprender. A escola era o lugar do êxtase - do prazer e do perigo. Ser transformada por novas ideias era puro prazer” (Hooks, 2013, p. 11). Consciente que a escola é um lugar de autorização, isso aconteceu comigo, fui autorizada a fazer o que gostava, ler e escrever. A escola pública salvou a minha vida, e à medida que tomo consciência disso, sei da responsabilidade social que assumo, enquanto sujeito.

No ano de 2001 concluí o Ensino Fundamental, 8ª série, à época. O caminho seguia para o Ensino Médio, dessa vez, o coração estava mais tranquilo, pronto para as novas experiências. Mais familiarizada com a cidade, pegava livros emprestados na Biblioteca Municipal Celina Duarte<sup>10</sup>, como também no acervo da Escola Estadual Alcides Wanderley, a qual estudava o Ensino Médio. Nos meus pensamentos de adolescente, era como se estivesse chegando o fim da vida estudantil, hoje percebo quão equivocados estavam meus pensamentos, visto que a perspectiva é que se aprende durante toda a vida, seja nos bancos da escola ou nos bancos da vida.

A preocupação era estudar para passar no vestibular. Porém havia um detalhe, o que eu queria ser? Veio a mente a lembrança de quando fazia a 4ª série, queria ser psicóloga,

---

<sup>10</sup>Professora leiga lecionava em escola privada. Ela iniciou o Curso Normal na Escola Normal de Natal, mas segundo sua filha Luiza Duarte, em virtude de problemas de saúde, teria abandonado no último ano do curso. Essas informações foram cedidas por meio de uma conversa com sua filha (Luiza Duarte) por ocasião do TCC da Graduação, no ano de 2012, uma vez que à época, tinha a intenção de pesquisar acerca de sua vida, pois a priori tinha a informação que ela seria uma normalista.

contrariando os desejos de meu pai, que queria que eu fosse advogada, possivelmente o desejo que ele não conseguiu realizar. Na realidade, não havia condições para morar em outra cidade, uma vez que o curso de Psicologia à época só era oferecido na capital do estado. Não sabia, qual carreira seguir, estava mais preocupada no que não queria ser, professora, não havia cogitado a ideia, visto que era um fardo passar a aula pedindo para os estudantes fazerem silêncio, decorar textos, números, sem falar que o salário não era estimulador.

Concluindo o Ensino Médio, prestei o vestibular, primeiro para Biologia Bacharelado e no ano seguinte Letras Língua Portuguesa, como o sistema é impeditivo, especialmente no período em que realizei os exames, pois não havia implementação de políticas públicas de acesso ao ensino superior, bem como número de vagas reduzido, em virtude dessa realidade não foi possível alcançar o resultado almejado. Assim, após esse período fiz um curso técnico – Segurança do Trabalho, nunca exerci a função, apenas no estágio. Área que não me identifiquei, exceto quando precisava fazer o DDS – Diálogo Diário de Segurança, no qual consistia numa conversa com os colaboradores sobre os riscos dos trabalhos e como evitá-los.

No ano de 2009 fui aprovada para o curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio Grande Norte, Campus Avançado Walter de Sá Leitão – Assú/RN. Quando ingressei, não era bem o que havia pensado para mim, para meu futuro, mas desde o primeiro período o encontro com essa profissão me transformou. Parafraseando a Simone de Beauvoir, ninguém nasce professora, torna-se professora. E foi assim a travessia mais instigante que poderia acontecer, tornei-me professora, e não me vejo exercendo outra profissão que não seja a docência.

Desde o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, propus-me a analisar perfis de professoras primárias presentes na literatura da história da educação do Rio Grande do Norte, na primeira metade do século XX, evidenciando assim, a mulher na História da Educação. Essa paixão pela temática mulher e educação foi despertada desde o 1º semestre letivo, com a atuação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rossana Kess Brito de Souza Pinheiro, que ministrava o componente curricular *Fundamentos Históricos Filosóficos da Educação*.

No 2º semestre, cursei o componente intitulado *História da Educação Brasileira*, ministrado pela mesma professora. Nessa oportunidade, a turma teve contato com a História da Educação, a partir do referencial teórico, bem como de uma pesquisa de campo, sobre a prática docente de Vera Borges, no Centro Educacional Dr. Pedro Amorim, em Assú-RN. Trabalho que considero gratificante para nossa formação, e também o primeiro contato com a pesquisa histórica, a qual contribuiu para a escolha do trabalho final do curso.

Nessa travessia que durou quatro anos, me formei Pedagoga, vivenciei a academia com tudo que era possível aproveitar, aprendi com os professores e professoras, colegas de turma, com os estágios, projetos, teóricos, com todos os sujeitos que ia fazendo parte dessa trajetória. Após os momentos de formação e diplomação, comecei a atuar em uma escola da rede privada, o Educandário Nossa Senhora das Vitórias, como professora da Educação Infantil e dos Anos Iniciais. Atuei também como coordenadora pedagógica da EJAP - Educação de Jovens e Adultos Profissionalizante, na Escola Municipal Abel Alberto da Fonseca, durante o ano de 2013, e como supervisora pedagógica nos anos finais do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Princesa Isabel, durante o primeiro semestre de 2014.

Me tornei professora e uma prática que faz parte da rotina nas salas de aula em que trabalho, é a contação de histórias e a leitura de literatura. Promovidas por meio dos livros, histórias ficcionais, que provocam nas crianças os mesmos sentimentos provocados em mim quando ouvia as narrativas de minha avó. Todorov (2020, p. 24) destaca a relevância da literatura na vida dos sujeitos porque “nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo.”

No exercício da docência, refletia sobre a minha prática, amparando-me em Freire, (1996, p. 38) “[...] a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Se faz necessário o exercício dessa reflexão para que de fato aconteça uma aprendizagem significativa. Ainda de acordo com Freire, (1996, p. 39) “por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Movida pela paixão pela literatura e um antigo desejo de promover o incentivo à leitura em minha comunidade, fundamos um clube do livro – Sociedade Literária Sertões do Açu - concorremos a um edital da Fundação José Augusto, no ano de 2020, fomos contemplados. Com o recurso temos um pequeno acervo com pouco mais de 600 exemplares, disponíveis para empréstimos e consultas, tanto dos membros, como da comunidade em geral.

No ano de 2021, fui convidada pela professora e amiga Emanuela Medeiros, à participar do Projeto de Ensino - Ateliê de Formação em Literatura para a Docência - do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central, Mossoró/RN. Participar do clube do livro, do projeto, de eventos, oficinas, conduzir uma roda de conversa acerca da minha experiência em sala de aula com a leitura de literatura para alunos da graduação, cursar uma disciplina – Literatura e Ensino – no Mestrado em Ensino, como aluna especial do PROFLETRAS – UERN, Pau dos Ferros/RN, esses

movimentos me fizeram desengavetar sonhos e alçar novos voos, por exemplo, retomar os estudos acerca da História da Educação.

Sabendo do edital edição 2021 para seleção do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da UERN-POSEDUC, me inscrevi, participei das etapas da seleção, e a cada etapa sendo aprovada, o sonho esquecido estava mais próximo de se concretizar, veio o resultado final, aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC – UERN. Continuando os estudos no campo da História da Educação, área que me instiga a buscar sempre mais conhecimentos no âmbito acadêmico. Assim, investigar a trajetória de uma educadora, patronesse de uma escola estadual, da cidade em que resido e na qual concluí o Ensino Fundamental, Adalgiza Emídia da Costa – educadora a qual me aventuro a historiar, uma vez que, na escola que carrega o seu nome, ainda não há registros sobre sua atuação enquanto professora, tampouco na escola centenária, a Escola Estadual Tenente Coronel José Correia, localizada no município de Assú/RN, na qual ela esteve enquanto diretora entre os anos de 1951 a 1956. Esta é uma contribuição que almejamos oferecer às instituições em questão e à historiografia da educação norte-rio-grandense.

### **2.3 A (in)visibilidade da patronesse Adalgiza Emídia da Costa**

Na busca por conhecer sobre a trajetória de Adalgiza Emídia da Costa, nos questionamos sobre: o que significa biografar alguém? Em razão da inexistência de fontes sobre a educadora nos arquivos escolares visitados, interessou-nos percorrer a vida de Adalgiza Emídia da Costa, visibilizando seu perfil profissional, além de relacionarmos as ações desta mulher com o mundo a sua volta, compreendendo as representações sociais na cidade do Assú, conhecendo os seus contatos, sua rede de sociabilidade ou ainda suas práticas pedagógicas, no entanto, não dispúnhamos de fontes históricas que correspondem a essas inquietações, “[...] nesse texto, portanto, a discussão historiográfica dará lugar a uma abordagem que centra suas atenções nas fontes documentais [...]” (Bacellar, 2008, p. 25).

O desânimo algumas vezes faz parte do percurso dos pesquisadores, das pesquisadoras, sobretudo quando se trata das pesquisas documentais, e se tratando de arquivos escolares por não haver um trabalho de preservação e salvaguarda, há momentos de frustrações e mudanças de rumo em relação às pesquisas que serão desenvolvidas. Esse sentimento de indecisão e conflito interior fez parte da jornada, pois tínhamos em haver mudanças sobre o objeto estudado. “Aventurar-se pelos arquivos, portanto, é sempre um

desafio de trabalhar em instalações precárias, com documentos mal acondicionados e preservados, e mal organizados” (Bacellar, 2008, p. 49).

No decorrer dessa investigação, a falta de fontes documentais se impôs como um problema, em virtude dos cenários encontrados a partir das buscas nos arquivos (tanto da escola em que ela é patronesse, quanto da instituição que trabalhou como diretora), ambos não possuíam registros com detalhes ou mesmo informações de sua atuação profissional.

Uma escola tinha seu nome na fachada, a outra sua foto em um mural, situações que geraram inquietações na busca por descobrir mais sobre essa educadora e os acontecimentos em seu entorno. Amparadas nas palavras de Barros (2005, p. 9) em seu livro “O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico” quando afirma: “iniciar uma Pesquisa, em qualquer campo do conhecimento humano, é partir para uma viagem instigante e desafiadora. Mas trata-se decerto de uma viagem diferente, onde já não se pode contar com um caminho preexistente que bastará ser percorrido após a decisão de partir”.

Assim, mesmo sabendo de onde partimos, não saberemos aonde chegaremos, pois o caminho é inédito. E pesquisar é isso, trabalhamos com temáticas estudadas por outros, todavia o que diferencia é a forma de enxergar, nosso olhar singular. “[...] A viagem do conhecimento depara-se adicionalmente com a inédita realidade de que o caminho da Pesquisa deve ser construído a cada momento pelo próprio pesquisador” (Barros, 2005, p. 9). É a inventividade do pesquisador, seu poder de criação, sua criatividade e autonomia, o que torna a pesquisa mais pertinente, visibilizar a trajetória formativa e atuação profissional dessa mulher/educadora na educação norte-rio-grandense.

Ousamos afirmar que, evidenciar a trajetória dessa educadora não tem sido uma tarefa fácil, mas instigante. A princípio, quanto mais informações buscávamos sobre sua vida, Adalgiza Emília da Costa parecia fugir. Parafraseando o Eduardo Galeano, eu caminhava dois passos, ela se afastava dois passos. “[...] a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto” (Certeau, 1982, p. 66).

[...] um tipo de texto simultaneamente científico e artístico no qual se assegura ao leitor a possibilidade singular de transitar entre duas ou mais épocas distintas: a do próprio historiador, de onde surgem os problemas demandados pelo seu próprio tempo, e aquelas épocas que já desapareceram, ao deixarem uma infinidade de vestígios. No fluir das fontes, a História encontra a própria história (Barros, 2019, p. 24).

Salientamos que a fundamentação teórica-metodológica desta pesquisa, dá-se no entrelaçamento dos campos da História da Educação e a Nova História Cultural, uma vez que a união entre essas duas áreas do conhecimento tão distintas, a história e a educação, oportuniza reflexões acerca das práticas sociais e culturais dos agentes educativos nos espaços escolares. “Concebe-se que a dimensão da análise histórica, em diferentes espaços e momentos, a partir de crenças, representações e práticas cotidianas, tidas como aparentemente banais, são tão importantes quanto os grandes objetos [...]” (Machado, 2006, p. 16).

Nesse sentido, reunir campos como a educação e a história, pesquisando suas conexões, especialmente a educação na história, a educação na sociedade e as relações explícitas entre sociedade e educação, trata-se também de se portar como o historiador e trazer para o íntimo do papel de educadores a investigação da educação em uma perspectiva histórica, contribuindo para o entendimento do *modus* de se pensar e fazer educação e de como essas concepções foram sendo construídas nas relações sociais, cotidianas, presentes no interior dos vários espaços educativos (Vasconcelos, 2006, p. 34).

Portanto, compreendemos, que na operação historiográfica aqui empreendida, em virtude da História Cultural apontar para o surgimento de novos objetos e territórios historiográficos, nossos olhares e objetivos delineiam os contornos da história que é produzida acerca das fontes, isso só foi possível “[...] a partir das últimas décadas do século XX, mas que tem claros antecedentes desde o início do mesmo século – é particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento” (Barros, 2005, p. 126).

[...] convém lembrar que a nova História Cultural tornou-se possível na moderna historiografia a partir de uma importante expansão de objetos historiográficos. Apenas para antecipar algumas possibilidades destes novos objetos, faremos notar que esta modalidade historiográfica abre-se a estudos os mais variados, como a “cultura popular”, a “cultura letrada”, as “representações”, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, a mediação cultural através de intelectuais, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de “cultura” (Barros, 2005, p. 126).

Na busca incansável por fontes que oferecessem mais informações sobre essa educadora, realizamos buscas na Internet, encontramos o Blog Falando de Saberes da professora Josélia Coringa<sup>11</sup>, no qual apareciam uns vestígios de quem teria sido a professora Adalgiza Emídia da Costa. Buscamos contato com a professora responsável pelo Blog, ela atuou na referida escola como professora de Língua Portuguesa, e também como Diretora. No ano de 2013 desenvolveu um trabalho com alunos do 9º Ano, uma pesquisa de campo cujo objetivo era que os alunos conhecessem sobre a vida da Professora que dava nome à escola.

---

<sup>11</sup>Professora licenciada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Atuou como professora e diretora da escola Estadual Profª Adalgiza Emídia da Costa. Foi professora da pesquisadora na citada escola no ano de 1999.

Os alunos realizaram a pesquisa com as pessoas mais velhas da cidade e teriam estudado no Antigo Grupo Rural que funcionava na antiga Vila de Santa Luzia – atual Carnaubais - à época município de Assú/RN. Por meio dessa pesquisa a professora Josélia Coringa, tentou catalogar os dados trazidos pelos alunos, para que a comunidade escolar tivesse acesso ao conteúdo, porém ao que me relatou essa catalogação não foi possível de se realizar por razões outras. Com o levantamento desses dados, tivemos uma aproximação inicial com a biografada.

Diante dos (des)caminhos apresentados, afirmamos o intuito de análise da trajetória formativa e atuação profissional da professora Adalgiza Emília da Costa, entre os anos de 1937 a 1956, por meio das fontes históricas obtidas na pesquisa documental. Para compreendermos esses acontecimentos, refletiremos, na próxima seção, acerca dos acontecimentos que atravessaram a vida e a profissão da educadora que é foco deste estudo.

### **3 “TERCEIRA MARGEM”: EVENTOS MARGINAIS DE UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

Visibilizar o nome da professora Adalgiza a partir da compreensão de sua trajetória de formação e atuação profissional foi uma tarefa que provocou a tomada de diferentes caminhos ao longo da pesquisa. Buscamos encontrar vestígios de sua existência no tecido espaço/tempo, percorrendo os acervos escolares, os arquivos públicos e privados. Procuramos nas fotografias das festividades da elite assuense, nos desfiles municipais, mas, não a encontramos. Ela, que ocupou cargos relevantes para o seu período de atuação profissional, a quem foi atribuída a fundação de um Grupo Escolar Rural, que exerceu a diretoria de um Grupo Escolar, que atuou na zona rural e urbana do município de Assú, podemos dizer que foi uma mulher do seu tempo, ocupando espaços sociais em um terreno pouco amistoso.

A partir dos acontecimentos da época, Adalgiza Emídia da Costa teria se destacado pela sua intelectualidade? Quais os significados de ser mulher e assumir os postos de diretora, bem como de fundadora de um Grupo Escolar nas décadas de 1940 e 1950? Seu nome figurando em uma nota de jornal, apontaria para uma possível notoriedade na sociedade? Há alguma intenção, um possível silenciamento? Seria ele reservado às mulheres? Com essas indagações seguimos investigando sua trajetória, assim como sua presença na educação potiguar.

#### **3.1 Indícios biográficos nos repositórios digitais**

Um dos principais pontos deste trabalho é a trajetória de formação profissional da professora Adalgiza Emídia da Costa na Escola Normal de Assú, no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, entretanto, não há como não mencionar eventos que atravessaram a vida dessa mulher, que a constituíram, fizeram parte de sua existência. É elucidada no título deste capítulo a lembrança do poema do Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio” para lembrar que essa é uma parte da trajetória de vida dessa educadora ocultada, talvez esquecida, apenas seus familiares e os sujeitos que partilharam da mesma época tiveram conhecimento, uma vez que a terceira margem do rio é o seu próprio movimento, seu fluir.

Na tentativa de conhecer esse fluir da vida da biografada, continuamos com as investigações, atentando para os pormenores, enfocando alguns acontecimentos. Segundo os dados coletados pela professora Josélia Coringa, a Adalgiza Emídia da Costa era natural de Assú/RN, teria nascido no dia 02 de Abril de 1919 e falecido em 07 de março de 1959, na cidade de Natal/RN, vítima de tuberculose, prestes a completar seus 40 anos.

Era filha de Elói Corsino da Costa e de Emília Fonseca da Costa. Nos relatos das pessoas entrevistadas pelos alunos do 9º ano, aparecem falas de que Adalgiza Emília da Costa era uma professora assídua e dedicada, teria fundado o Grupo Escolar Rural de Carnaubais e exercia a função docente e administrativa da escola. As narrativas ainda pressupõem que ela teve uma vida celibatária, plenamente dedicada ao magistério.

Seguindo as pistas, nos dirigimos até a escola Tenente Coronel José Correia, no município de Assú/RN, com o intuito de averiguar se os sinais apontados existiam de fato. Conversando com a atual diretora, Francisca das Chagas Alves Félix, a qual foi atenciosa, esclarecendo ter ocorrido um terrível acidente, um incêndio, destruindo os arquivos e, provavelmente, destruindo assim documentos que pudessem elucidar aspectos próprios da gestão de Adalgiza Emília da Costa. O que restou dela no arquivo escolar foi apenas uma fotografia, presente no mural que contém imagens de todos os diretores que a escola já teve. Junto à fotografia, são destacados os anos de sua gestão, de 1951 a 1956. Além do mural, há também um “Álbum de Memórias”<sup>12</sup>, contendo fotos, recortes de jornais, imagens de alguns diretores e, dentre estes, figura Adalgiza.

Os dados cedidos pela professora Josélia Coringa, eram congruentes com os documentos encontrados. Apesar de que no documento consultado não havia o nome da sua mãe, presumivelmente em meio a tantas confirmações das histórias contadas, das informações cedidas, certamente em relação ao nome de sua mãe seria verdadeiro.

Continuando com a investigação, realizamos buscas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional<sup>13</sup>, onde encontramos duas ocorrências para o descritor “Adalgiza Emília da Costa”<sup>14</sup>, uma no Jornal *A Ordem*, datado de 14 de junho de 1943, contendo sua nomeação como professora diplomada, lotada na Escola Isolada de Vila de Santa Luzia do município de Assú/RN, e outra no Jornal *O Poti*, no domingo de oito (8) de março de 1959: uma nota divulgando o seu falecimento. É preciso salientar que, provavelmente, houve um equívoco na redação da nota<sup>15</sup>, visto que é possível perceber que seu falecimento ocorreu no dia sete (7), dado que a nota assevera que “ocorreu às 16 horas de hoje”, e convida “para o velório às 9 horas da manhã de hoje”. Compartilhamos a transcrição da referida nota:

---

<sup>12</sup>Sobre a referida fonte, consultar: AMORIM, S. R. M. de; BARROS, M. C. de. Interpretações do “Álbum de Memórias” do Grupo Escolar José Correia. *Ensino em Perspectivas*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5971>. Acesso em: 25 nov. 2022.

<sup>13</sup><https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>

<sup>14</sup>Usamos na busca o nome da Adalgiza com S, pois com Z, não apareceu resultados. Mas sabemos que é a mesma pessoa, pelos outros fatores, já expostos no corpo do texto.

<sup>15</sup>Em razão de direitos autorais, não é possível a reprodução da nota publicada no jornal O Poti.

ADALGISA EMIDIA DA COSTA NOTA DE FALECIMENTO. Eloi Corcino da Costa e família, ainda dolorosamente compungidos com o falecimento de sua filha ADALGISA EMIDIA, ocorrido às 16 horas, de hoje, convidam seus parentes e amigos para acompanharem os seus restos mortais ao Cemitério do Alecrim, hoje, às 9 horas. O féretro sairá da casa onde se verificou o óbito, à Rua Vaz Gondim, nº 765. Antecipadamente agradecem a todos quanto comparecerem a esse ato de piedade cristã (O Poti, 1959, p. 6).

Embora a fonte pareça árida, as informações contidas na pequena nota de falecimento já nos permitem entrecruzar alguns dados previamente obtidos. “No caso do jornal, utilizá-lo como fonte para a pesquisa histórica exige um olhar atento ao contexto sociopolítico e ao conteúdo ideológico que percorrem e constituem sua produção, circulação e demanda” (Machado; Nunes; Lacet, 2022, p. 413). De acordo com os autores, é necessário entender a estrutura e o conteúdo desse documento para que possamos lidar com ele. “A pesquisa com o jornal impõe condições preliminares nas orientações e etapas que devem ser seguidas na investigação histórico-educacional em busca de um conjunto de fontes primárias” (Machado; Nunes; Lacet, 2022, p. 413). Dessa maneira, os autores advertem que é preciso antes do acesso aos acervos, os pesquisadores devem seguir alguns cuidados: definir o recorte tempo espacial; realizar leituras e fichamentos acerca do tema estudado e por último fazer uma revisão bibliográfica teórico-metodológica.

Realizamos, a partir daí, uma empreitada nos repositórios digitais em busca de sua certidão de nascimento, uma vez que procuramos a paróquia de São João Batista, localizada no município de Assú/RN, buscando esses registros para saber o dia e o local de seu batismo, nome de seus padrinhos, todavia não foi possível essa verificação.

Buscamos contato, também, com funcionários do 2º Cartório de Notas e Registro Civil de Assú/RN, via *WhatsApp*, que prontamente atenderam e informaram que os registros que ali constavam eram datados de 1934 até os dias atuais. Recomendaram ainda, que entrássemos em contato com o 1º Cartório de Assú/RN. Feito isso, fomos informadas de que poderíamos realizar a solicitação pelo *site* Registro Civil<sup>16</sup>, tendo sido realizada a solicitação pedindo a segunda via da certidão de nascimento, mas não foi possível localizar o documento requerido.

Embora o processo de navegar nos acervos digitais possa ser considerado como simplificador “ [...] uma vez que o acesso é possível sem que sequer tenhamos de nos deslocar de nossa própria casa –, é importante atentar que ainda assim há a necessidade, se possível, do contato direto e pessoal com a fonte” (Pires; Amorim, 2021, p. 6).

A partir dessas visitas nos *sites* mencionados anteriormente tivemos acesso a novas fontes que passamos a dispor no estudo, com isso ao tratarmos dos jornais, é preciso ressaltar

---

<sup>16</sup><https://www.registrocivil.org.br>

que, somente por volta dos anos de 1980, começam a ser considerados pelos historiadores como relevantes fontes históricas (Barros, 2019). “Contemporaneamente, os jornais constituem um “meio de comunicação” voltado para a captação das massas ou de segmentos ao menos significativos da população, com a capacidade de abranger uma diversidade de assuntos de interesse público [...]” (Barros, 2019, p. 182).

Sem poder sentir, como destaca Arlette Farge, “o sabor do arquivo [físico]”, em seus cheiros, cores e texturas, acessamos o *site Family Search*<sup>17</sup>, que é uma organização internacional sem fins lucrativos pertencente à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O *site* oferece ferramentas gratuitas aos seus usuários para descobrirem sua genealogia. De acordo com as descrições do *site*, seu trabalho é cuidar da preservação de importantes registros familiares e torná-los acessíveis on-line gratuitamente. Sendo um trabalho mundial envolvendo a colaboração de mais de dez (10) mil arquivos e organizações em mais de cem(100) países. Ao acessarmos o *site* <https://www.familysearch.org/pt/> encontramos a tela principal como mostra a Figura 3, elucidada a seguir:

**Figura 3:** Página inicial do *site Family Search*



**Fonte:** Elaboração da pesquisadora

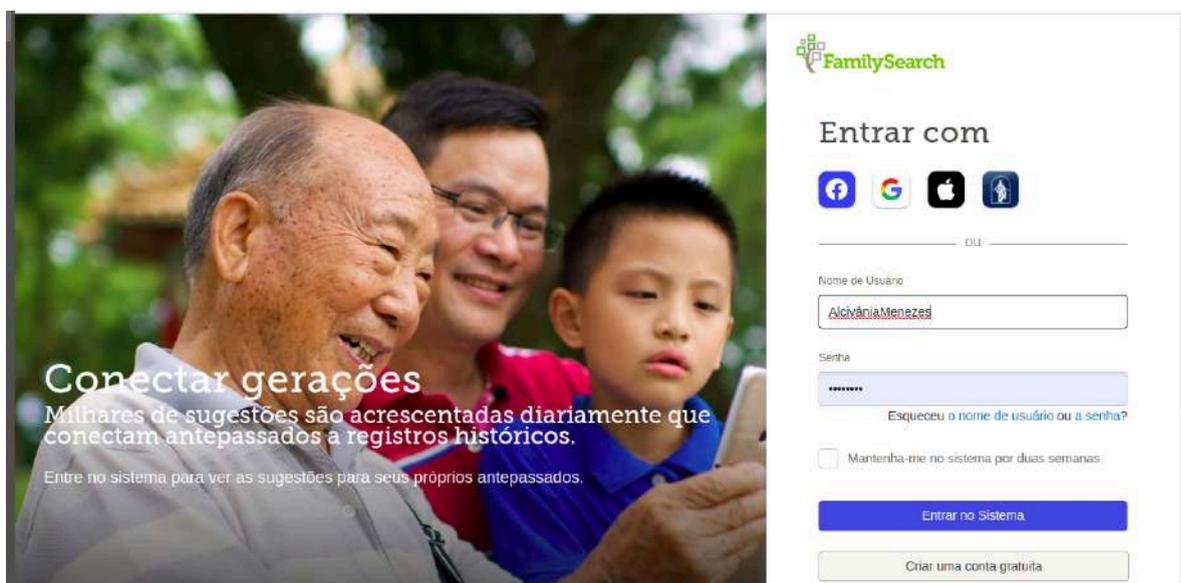
Para entrada no sistema e consulta de informações é necessária a realização de um cadastro, que solicita aos interessados em pesquisar no acervo digital, a criação de um login

<sup>17</sup>Uma comunidade internacional sem fins lucrativos que ajuda as pessoas a encontrarem a história de seus familiares.

<https://www.familysearch.org/pt/blog/tag/sobre-o-familysearch/como-usar-o-familysearch/#:~:text=A%20Comunidade%20FamilySearch%20%C3%A9%20um,conectarem%20em%20todo%20o%20mundo.>

composto por usuário e uma senha de acesso, conforme é possível observar a partir da Figura 4.

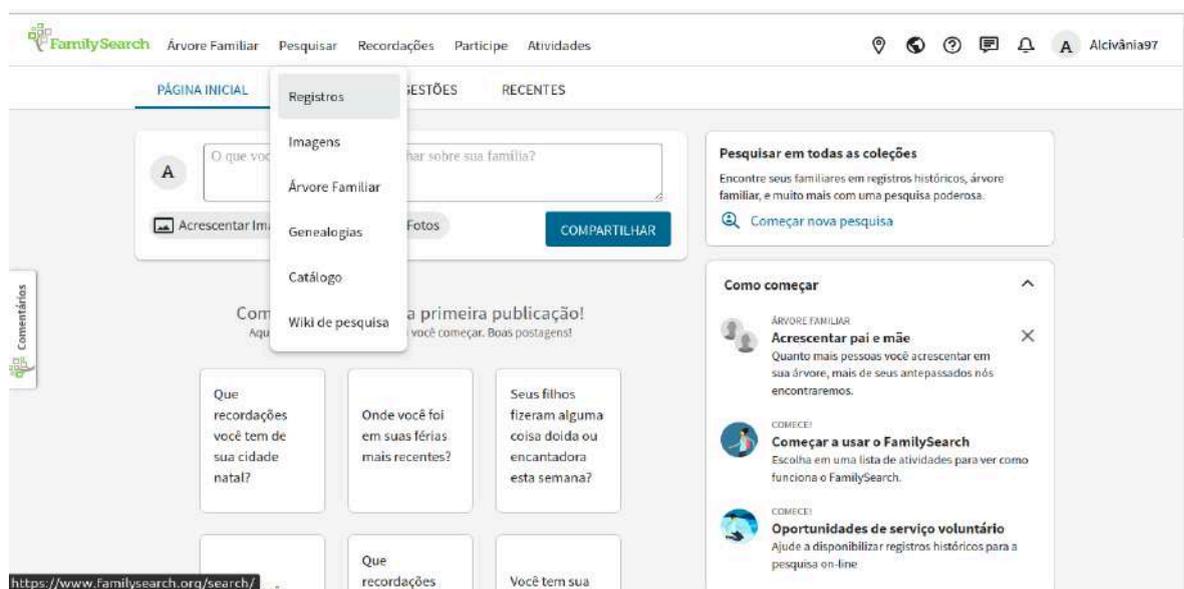
**Figura 4:** Área destinada à realização de login no site *Family Search*



**Fonte:** Elaboração da pesquisadora

Após a realização desse primeiro passo, utilizamos a barra Pesquisar Registros e somos direcionados para uma nova aba de pesquisa, na qual preenchemos com as informações relacionadas ao nome, sobrenome, localização geográfica e referência temporal que desejávamos encontrar. Em nosso caso, utilizamos como descritores para nossa busca o nome completo da educadora “Adalgisa Emídia Costa”, entre aspas, acrescido do ano de seu nascimento, como é verificável nas figuras 5 e 6 abaixo apresentadas.

**Figura 5:** Segunda aba destinada à escolha dos documentos para a pesquisa



**Fonte:** Elaboração da pesquisadora

**Figura 6:** Terceira aba destinada ao preenchimento dos descritores de busca



**Fonte:** Elaboração da pesquisadora

Realizamos a busca por meio do método onomástico, que utiliza o nome do indivíduo como fio condutor de uma investigação. “O fio de Ariana que guia o investigador no labirinto documental é aquilo que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas: o nome” (Ginzburg, 1991, p. 174). Utilizando nome e sobrenome, que resultou no aparecimento de mais de seis mil resultados (6.285), dos quais apenas dois registros correspondiam à nossa biografada e são referentes ao seu atestado de óbito. Conclusão à qual

chegamos por meio do entrecruzamento de dados obtidos a partir de outras fontes de pesquisa previamente consultadas.

A contraposição dos dados e informações colaborou para que pudéssemos selecionar o documento correspondente de forma assertiva, uma vez que já havíamos conseguido obter os nomes de seus pais, assim como já estávamos cientes de que, nos documentos históricos anteriormente consultados, havia duas formas diferentes de grafia para o seu nome, Adalgiza (com a letra “z”) e Adalgisa (com a letra “s”).

Em posse desse documento, foram surgindo perguntas, tais como: seria possível conhecermos outros parentes dela? E, como resposta, o *site* foi se mostrando um horizonte de possibilidades, até conseguirmos elaborar sua árvore genealógica: pai, mãe, irmãs, avós paternos e maternos, por meio dos atestados de óbito de seu pai e de sua mãe, chegamos até o atestado de óbito de sua irmã Francisca Costa que faleceu aos 90 anos de idade no ano de 2013.

Até então, pensamos que Adalgiza Emídia da Costa teria apenas uma irmã, mas o nome de seu pai estava vinculado a Agripina Costa em sua certidão de casamento, fato que nos levou a descobrir outra irmã, essa por vez casou-se com Marinho Honório Fonseca em 1936, e teve um filho, João Batista Fonseca, em 1950 veio a falecer ainda criança aos 11 anos de idade.

Compreender elementos relacionados à educação em determinado contexto histórico através das trajetórias individuais daqueles(as) que a constituíram nos conduz à reflexão sobre a relevância do movimento de redução de escalas para a observação de aspectos até então não elucidados em um panorama geral que possa ser traçado apenas a partir do uso de fontes oficiais, oriundas do poder público.

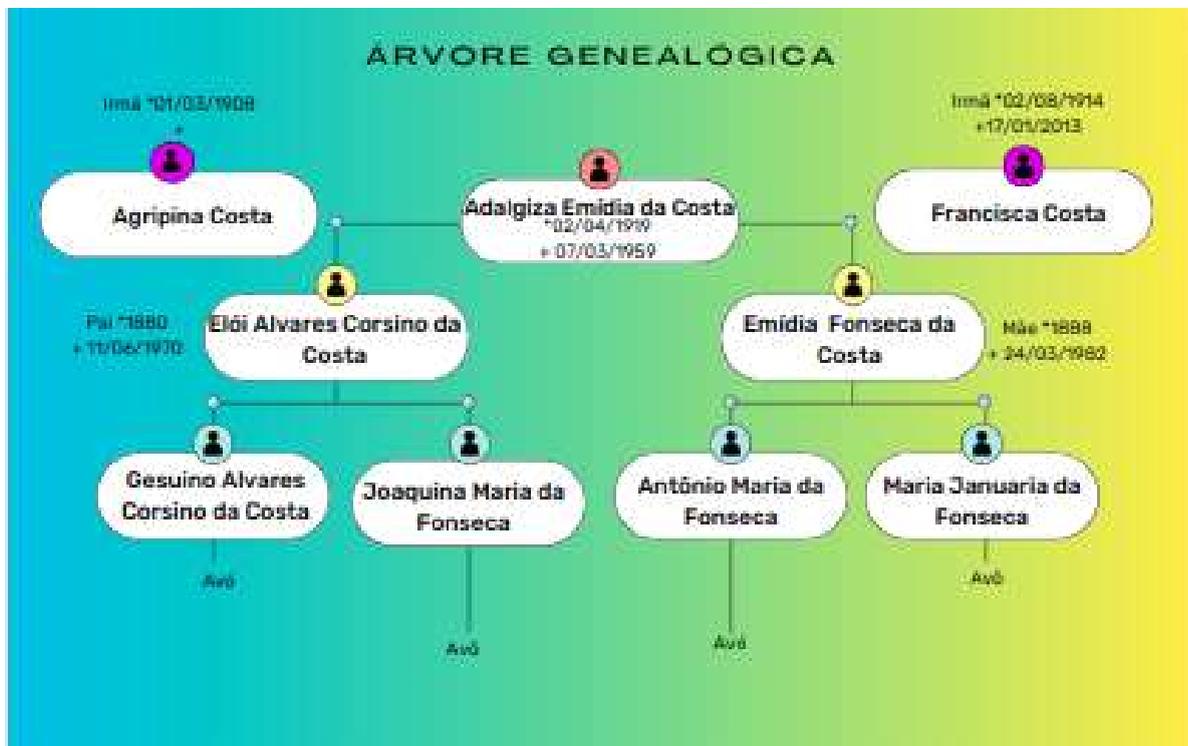
Corroboramos com Viñao (2000, p. 11), quando afirma que:

Otro cambio de perspectiva procede de la microhistoria: una reducción de la escala de observación que, gracias a un análisis intensivo del material documental, permite, asimismo, captar aspectos no visibles desde una perspectiva más general. En especial, las contradicciones, intersticios y fisuras por las que los seres humanos operan en el seno de sistemas prescriptivos y normativos, adaptándolos a su mentalidad y necesidades, en un juego de relaciones recíprocas entre el reino de la libertad y el de la necesidad.

O autor problematiza o fato de que se uma realidade é observada por diferentes sujeitos, ou por indivíduos ocupantes de diferentes posições, nunca será lida com as mesmas características, nunca apresentará os mesmos resultados e/ou possibilidades interpretativas. O uso dos diferentes repositórios e suas respectivas tipologias documentais, proporcionou a

visibilidade não só da pessoa de Adalgiza Emídia da Costa, mas, também, daqueles que compartilharam de sua existência.

Figura 7: Árvore Genealógica



Fonte: Elaboração da pesquisadora

Adalgiza Emídia da Costa nasceu em Assú/RN no dia dois (02) de abril de 1919, há 104 anos. Filha do casal Elói Corsino Alvares da Costa e de Emídia Fonseca da Costa, teve como avós paternos Gesuino Alvares Corsino da Costa e Joaquina Maria da Fonseca, e avós maternos Antônio Maria da Fonseca e Maria Januarina da Fonseca. Tinha duas irmãs, Agripina Costa e Francisca Costa, ambas mais velhas, nascidas respectivamente em 1908 e 1914. Agripina Costa casou-se e teve um filho; Francisca Costa tal qual sua irmã caçula não casou e não teve filhos.

A educadora faleceu prematuramente aos 39 anos de idade, vítima de tuberculose pulmonar, às 17 horas do dia sete (07) de março de 1959, na cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. De acordo com Perrot (2019, p. 42) “no século XIX, a tuberculose atingiu gravemente as mulheres, principalmente as mulheres do povo, subnutridas crônicas”. Mesmo sendo uma doença antiga que tem tratamento e vacina que previne as causas mais graves, ainda persiste até os dias atuais por estar relacionada com a pobreza, com as baixas condições sanitárias. Não há como afirmar que ela estaria enquadrada nessas condições socioeconômicas, visto que não foram encontradas fontes que apontassem para tal situação. O

que se pode afirmar é que ela era professora primária diplomada e filha de um funcionário público.

No tangente a causa de sua morte e de que teria tido uma vida celibatária, tanto o professor Carlos Augusto, como a professora Josélia Coringa, haviam me relatado, todavia pudemos confirmar mediante acesso ao atestado de óbito através do *site Family Search*. Realizamos buscas neste *site* para que pudéssemos conhecer seus familiares, avós e irmãs, por meio do atestado de óbito de seu pai e de sua mãe. A partir desses dados, realizamos múltiplas conjecturas sobre o que terá sido sua vida, permeada de mudanças e viagens.

No decorrer da história, mulheres se deslocaram de suas origens por inúmeras razões, gerando significados e sentidos distintos para essa prática. “As mulheres, enfim, fizeram viagens, em todas as épocas e pelas mais diversas razões. De maneira menos gratuita, menos aventureira que os homens porque sempre precisaram de justificativas, de objetivos ou de apoio” (Perrot, 2019, p. 138). Ela precisou deslocar-se para a Zona Rural de seu município quando foi nomeada professora primária em 1943, por volta dos anos de 1956 ou 1957 mudaria para a capital do estado, acreditamos que em virtude de sua saúde fragilizada, procurando melhores recursos, atendimento específico para sua enfermidade.

Verificando os atestados de óbito, constatamos alterações de endereço, o que nos leva a supor que a casa na qual ela faleceu seria alugada. Talvez, com a morte da filha caçula, seus pais não teriam condições emocionais de permanecer naquele lugar. No atestado de óbito de seu pai em 1970, consta um novo endereço, assim como no atestado de óbito de sua mãe, em 1982. Acreditamos que por se tratar de casas alugadas ficava viável as mudanças, para não se conviver no local com lembranças dolorosas. O último atestado de óbito que tive acesso foi o da sua irmã, Francisca Costa, no qual constava o mesmo endereço de sua mãe. Nas buscas desenvolvidas, não foi possível localizar o atestado de óbito de sua irmã, Agripina Costa. Seus familiares e, inclusive ela, foram todos sepultados no cemitério do Alecrim, Natal/RN, todos eram naturais de Assú/RN, conforme a documentação consultada.

Ao entrecruzar as fontes, reunimos, contrastamos e obtivemos informações pessoais sobre a vida da biografada, permitindo-nos criar sua árvore genealógica, pois no início desta investigação tínhamos apenas seu nome como patronesse de uma escola e diversas perguntas em nossa mente, além do receio em não poder dar prosseguimento ao estudo. Contudo, nos revestimos de coragem e disposição mergulhando plenamente nesse universo da pesquisa histórico-documental, neste sentido, concordamos com Barros (2019, p. 23) quando afirma:

[...] Para construir História não basta uma ideia na cabeça, ou tampouco ter uma fonte nas mãos. Essas duas condições são necessárias; mas, isoladas, são

insuficientes. Para se fazer História adequadamente, e dentro do que se espera de uma historiografia científica, o que se precisa é assegurar uma espécie de entrelaçamento entre essas duas instâncias. É desse encontro entre o Problema e a Fonte, envolvido pela vontade de fazer a História, que tudo começa.

E é exatamente montando esse mosaico de informações, com as diversas fontes que tivemos acesso, as interpretações e gotejamentos que realizamos, nos permite imaginar, criar o que talvez tenha sido a vida dessa mulher. Podemos afirmar que o diploma de Professora Primária lhe garantia de certo modo um determinado *status* social no território assuense ou simplesmente essa seria uma maneira de sobrevivência para as mulheres que precisavam garantir seu sustento e ajudar financeiramente seus familiares? Almeida (1998, p. 27) assinala que

ensinar crianças foi, por parte das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público (domesticado) que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar - pelo menos esse era o discurso oficial do período. Para as mulheres que vislumbraram a possibilidade de liberação econômica foi a única forma encontrada para realizarem-se no campo profissional, mesmo que isso representasse a aceitação dessa profissão envolta na aura da maternidade e da missão.

O texto que ora produzimos é atravessado também por conjecturas e interpretações. Sem acesso à educadora que é objeto de nossa investigação, buscamos nos aproximar de sua existência pelas fontes históricas derivadas de seu tempo. O que podemos evidenciar é a sua vida pública, nos rastros de história coletiva sua época de atuação pode nos fornecer. Porém, dentre as fontes obtidas nas buscas *online*, ressaltamos a importância de achar o seu atestado de óbito, que nos permitiu confirmar algumas das informações que nas buscas iniciais foram conosco compartilhadas.

Morais (2003, p. 23), ao escrever sobre a educadora potiguar Isabel Gondim, questiona-se nas primeiras páginas do seu manuscrito: por que escrevo este livro? E a resposta dada ao seu leitor é que o material “[...] surge da necessidade histórica de configurar a participação de Isabel Urbana de Albuquerque Gondim, na construção da sociedade letrada norte-rio-grandense, em fins do século XIX e início do século XX.”. Ainda segundo a autora:

Construir essa relação do presente com o passado é tarefa do historiador; mais precisamente da historiografia. Como se dá essa relação? Como escrever essa história? Como organizar todo esse material disponível, de modo a tornar o texto inteligível? As questões postas desta maneira patenteiam a preocupação de quem escreve e quer ser compreendida. Falar e escrever, narrar e pensar. Ir de um lado para outro. São movimentos que, juntos, tramam e tecem significados. Traçar um caminho, imaginar um percurso do cotidiano dessa história, é busca de sentido, para além do texto. É a maldição da palavra em busca de suas múltiplas significações (Morais, 2003, p. 27).

No trato com as diferentes tipologias documentais e seus usos, assim como a mestra Maria Arisnete menciona, temos buscado tornar texto e contextos inteligíveis ao leitor. Seu atestado de óbito, por exemplo, documenta relevantes informações como o dia exato de seu falecimento, a causa do óbito, o médico responsável por atestar sua morte e, inclusive, que o declarante, Francisco Alves de Lima, era analfabeto.

**Figura 8:** Atestado de óbito de Adalgiza Emídia da Costa

N. 40.076

Obs

Aos noite de março de mil novecentos e cinquenta e nove nesta cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, no Quarto Cartório Judiciário, compareceu Francisco Alves de Lima exibindo um atestado de óbito firmado pelo Dr. Wilton Ribeiro Dantas, declarou que às 17 horas do dia 7 de março de 1959, nesta cidade de Natal, à rua dos Jundiú - 768 em consequência de sepsis por insuficiência respiratória - Tuberculose pulmonar faleceu

Adalgiza Emídia da Costa do sexo feminino de cor branca profissão professora pública natural de seu deste Estado residente e domiciliado nesta capital com 39 anos de idade, estado civil solteira filho de Cláudio Corsino da Costa e de Emília Rousica da Costa e cujo sepultamento deverá ser efetuado no cemitério do Meirim desta capital Nada mais declarou. Lido e achado conforme o presente, assina José Palácio a sôgo do declarante, analfabeto. Seu Tricete Ramos de Vasconcelos, escrevente autorizada, e escrevente e assinou.

Tricete Ramos de Vasconcelos

Fonte: Site Family Search

Nesse itinerário pelos repositórios digitais, acessamos também o *site* <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> da Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) da Fundação Biblioteca Nacional que é um repositório de periódicos, jornais, revistas, anuários, boletins entre outros, que permite livre acesso aos pesquisadores e pesquisadoras de qualquer parte do globo terrestre. Os títulos incluem desde os primeiros jornais criados no país até jornais extintos ainda no curso do século XX.

Quando realizamos a busca na Hemeroteca Digital, só tínhamos resultados quando digitamos seu nome com a letra “s”. Porém, em conversa com o diretor da escola a qual carrega seu nome, foi relatado que que há discordâncias nos próprios documentos escolares, mas que no fardamento escolar, a escrita continua sendo com a letra “z”, até os dias atuais. Na própria fachada da escola, até o ano de 2019, antes da reforma, era grafado com a letra “z”, assim como no uniforme escolar. Realizando a visita no prédio agora reformado em 2022, seu nome ressurgiu escrito com a letra “s”.

Em virtude do acesso às novas fontes de pesquisa, tais como a ficha de matrícula no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, à época, seu nome encontra-se grafado com a letra “z”, o que nos leva a acreditar que talvez seja a forma correta de escrita, porém no seu atestado de óbito aparece grafado com a letra “s”. Ficamos nos perguntando qual forma deveríamos adotar neste trabalho, nosso desejo sincero era escrevê-lo da forma que está em seu registro de nascimento, por acreditar que talvez fosse a forma correta, fosse a forma que a própria fazia uso, assim neste trabalho, optamos, então, pela escrita de seu nome com a letra “z”.

A partir dessa situação surgem outros questionamentos, por que seu nome começa a ser escrito com a utilização da letra “s”? De onde vem essa contradição? Além de sua atuação não ser visível à comunidade, ainda tem seu nome escrito de duas formas? Seria essa mais uma maneira de silenciar as mulheres? Seus nomes não teriam relevância? É importante ressaltar que há divergências na grafia do nome da nossa biografada, às vezes é escrito com “z”, outras vezes com “s” e ainda no livro de matrícula grafado Emygdia. Acreditamos que essa última forma seria uma grafia própria da época. Encontramos documentos oficiais escritos das duas formas, o que nos leva a levantar questionamentos acerca de qual seria a grafia exatamente correta. Outrossim, mediante a documentos antigos durante esse período que pesquisamos em diversos acervos digitais, detectamos que talvez não havia um cuidado para grafar de forma fiel a real escrita dos nomes, isso não pareceu uma preocupação presente.

Para contato com os documentos salvaguardados neste repositório virtual são apresentadas várias opções aos pesquisadores. Por localidade geográfica, período histórico, título ou ainda pelo uso de descritores com ou sem o uso de aspas. Assim, acessamos o sistema a partir do endereço eletrônico mencionado e selecionamos as informações por meio da busca rápida no ícone “acervo digital”, selecionando as informações de busca nos itens Periódico, Período e Local.

Cada uma dessas três abas apresenta suas particularidades, atendendo aos diferentes objetivos dos indivíduos que desenvolvem suas consultas virtuais. Na primeira aba: Periódico, é possível analisar como um específico jornal aborda um determinado tema, o que também é

importante para aqueles que têm como objeto de estudo o próprio periódico. Na segunda aba: Período, podemos pesquisar sobre temas com limites cronológicos pré-estabelecidos pelo *corpus* documental do acervo ou, ainda, por recortes de tempo delimitados por quem seleciona os materiais necessários às investigações pessoais e/ou acadêmico-científicas.

Por fim, na terceira aba: Local, são apresentadas diversas possibilidades de buscas, por exemplo, por títulos, temas e assuntos, fato que ajuda aos pesquisadores que estudam trajetórias dos indivíduos, como nosso caso, essa foi a opção realizada para nossa pesquisa. Podemos observar a página inicial da Hemeroteca Digital como é perceptível na Figura 9.

**Figura 9:** Página destinada à inserção das informações e descritores de busca

**Fonte:** Elaboração da pesquisadora

Pesquisamos a partir do recorte temporal datado de 1950 a 1959 e estabelecemos, enquanto localidade geográfica, o estado do Rio Grande do Norte. Para refinar a busca digitamos entre aspas o nome da nossa biografada: “Adalgisa Emídia da Costa”. Como resultados apareceram três periódicos norte-rio-grandenses, a saber: os jornais *A Ordem* (RN), *Diário de Natal* (RN) e *O Poti* (RN), sendo que apenas o primeiro e o último apresentavam ocorrências sobre a vida da professora. Vale ressaltar que quando escrevemos o nome da biografada com a letra “z” não apareceram resultados satisfatórios.

A experiência vivenciada durante a realização das buscas nos acervos digitalizados nos mencionados *sites*, tentando encontrar vestígios acerca da trajetória de vida da professora Adalgisa Emídia da Costa, experienciamos nesses suportes a viabilização necessária à continuidade da nossa pesquisa. “O acesso à internet, bem como aos recursos e dispositivos digitais apresentam aos pesquisadores da educação uma série de possibilidades, ao mesmo tempo em que também impõem certos limites e desafios” (Pires; Amorim, 2021, p. 6).

A indicação do *métier* de pesquisadores em repositórios digitais aponta para a discussão protagonizada por Barros (2022) acerca da produção historiográfica diante dos

recursos e das demandas de um novo tempo, bem como por Lacerda (2022, p. 253) acerca de “pensar no passado com tecnologias do presente”. Trabalhamos com fontes históricas “resultantes do trabalho de digitalização da documentação ‘tradicional’ já existente” (Barros, 2022, p. 109).

### 3.2 Do Distrito de Santa Luzia ao Grupo Escolar

A jornada pedagógica de Adalgiza Emídia da Costa, Professora Primária, diplomada pela Escola Normal de Assú – Colégio Nossa Senhora das Vitórias – teve início em junho de 1943 com sua nomeação para atuar na Escola Isolada do Distrito de Santa Luzia, situada à margem do rio Piranhas-Açu, na Zona Rural do município de Assú, interior do estado do Rio Grande do Norte. Sua nomeação aparece na edição do dia 14 de junho de 1943 do jornal *A Ordem*. Pouco mais de dois anos da sua Colação de Grau.

Ela foi aluna do curso de formação para professoras primárias do ano de 1937 ao ano de 1940. Tendo ainda em seu currículo a atuação como diretora do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, entre os anos de 1951 a 1956. As práticas culturais “visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição” (Chartier, 1990, p. 2). Na figura 10, evidenciada abaixo, vemos a nota de sua nomeação publicada no jornal *A Ordem*.

**Figura 10:** Nomeação de Adalgiza Emídia da Costa no Jornal “A Ordem”

zaré Gomes, ficando lotada na Escola Isolada de Cruzeiro, do município de Ceará-Mirim ;  
 —nomeando a professora diplomada Adalgisa Emidia Costa para exercer o cargo de Professor de 4ª. classe, padrão E, do Quadro Unico do Estado, vago em virtude da promoção de Maria Alzira Jales, ficando lotada na Escola Isolada da vila Santa Luzia, do município de Assu' ;  
 —nomeando a professora di-

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Apesar do jornal utilizar a denominação “Vila de Santa Luzia”, essa espacialidade, à época, já era Distrito, criado por força do Decreto Estadual n.º 603, de 31 de outubro de 1938.

Uma nova mudança ocorreu em razão do Decreto-Lei Estadual nº 268 de 30 dezembro de 1943, quando o Distrito passou a se chamar Carnaubais. A Lei Estadual n.º 2.927, de 18 de setembro de 1963, conferiu ao mencionado Distrito sua emancipação política-administrativa em relação ao município de Assú (IBGE, 2023).

Em virtude da cheia do rio Piranhas-Açu de 1974, a sede do município de Carnaubais – outrora Poço da Lavagem, Distrito de Santa Luzia e Distrito de Carnaubais – localizada na várzea próxima à margem do rio, foi deslocada para a área de tabuleiro, local mais alto e plano, onde se construiu a nova cidade em 1975, desde então, sede da referida unidade político-administrativa. (Informação verbal).<sup>18</sup>

Vale sublinhar a importância do entrecruzamento de fontes no trabalho do pesquisador especialmente,

no caso do jornal, utilizá-lo como fonte para a pesquisa histórica exige um olhar atento ao contexto sociopolítico e ao conteúdo ideológico que percorrem e constituem sua produção, circulação e demanda. A compreensão dessa estrutura formal e conteudística deve embasar a investigação e análise desse artefato cultural e imprimir atitudes e processos específicos na lida com esse documento (Machado; Nunes; Lacet, 2022, p. 413).

No decorrer desse estudo e na busca incessante por fontes, qualquer que fosse a possibilidade de localizar algum vestígio íamos sem exitar, por essa razão fomos até o Museu Zulmira Siqueira<sup>19</sup> localizado na Cidade Histórica, município de Carnaubais/RN, acreditando poder existir algum sinal da passagem da professora Adalgiza Emília da Costa por aquele espaço, uma vez que aquela estrutura física outrora abrigou o Grupo Escolar Rural de Carnaubais, local em que a professora atuou profissionalmente. Na construção identitária local ela foi a primeira professora e fundadora do Grupo Escolar Rural de Carnaubais. Através das fontes históricas foi possível afirmar que ela lecionou nessa instituição de ensino.

Na figura abaixo podemos visualizar a Placa de Inauguração do Grupo Escolar Rural de Carnaubais no dia 29 de outubro do ano de 1949, o que nos leva a refletir que a escola Isolada funcionava em outro prédio, acredita-se que deveria funcionar em alguma casa como acontecia com a maioria da realidade das escolas Isoladas, funcionavam na casa dos próprios professores. Tentamos vasculhar informações sobre esse funcionamento, conversando com antigos moradores, mas não souberam afirmar, apenas acreditavam que quando a professora

---

<sup>18</sup>Obtida em palestra proferida pelo Historiador Ademar Pelonha de Menezes Filho no âmbito da Semana Pedagógica do município de Carnaubais/RN.

<sup>19</sup>Zulmira Bezerra Siqueira atuou como professora primária no Grupo Escolar Rural de Carnaubais.

Adalgiza Emília da Costa começou a lecionar seria numa casa próximo onde foi erguida o prédio que abrigou a escola.

Um fato importante que preciso contar é que próximo a minha residência mora uma provável ex-aluna da Adalgiza Emília da Costa, a senhora Dona Edite Fonseca afirmou haver estudado no antigo Grupo Escolar Rural de Carnaubais e contou que foi aluna da antiga primeira série, contou que não lembra da fisionomia da professora, mas que a chamavam de Dona Adalgiza. Perguntei se porventura havia algum registro, caderno, porém infelizmente não foi localizado. Sendo assim, só deixa claro a importância da conservação e guarda dos documentos oriundos dos acervos escolares. “Esses papéis, diferentemente daqueles que foram guardados por educadores/as renomados/as, contêm o acontecer cotidiano da sala de aula e ao transcender a fragilidade do presente, materializam uma memória escolar” (Mignot, 2006, p. 56).

**Figura 11:** Placa de Inauguração do Grupo Escolar Rural de Carnaubais/RN em 1949



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

De acordo com Souza (2008), as poucas escolas rurais funcionavam de maneira precária, mas ainda assim eram inseridas atividades de alfabetização para as crianças que não podiam ajudar seus pais no trabalho da lavoura. “Nas poucas escolas rurais já instaladas e funcionando precariamente, sempre estavam inseridas atividades de alfabetização, em sua maioria, destinadas a adultos, visto que as escolas formalmente existentes abrigavam o atendimento ao ensino infantil [...]” (Souza, 2008, p. 131).

Assevera Souza (2008, p. 131):

considerando, porém, a separação entre meio rural e cidade, mantida pela sociedade brasileira até os anos 1960, a educação escolar no meio rural foi desenvolvida sob a perspectiva sanitarista e da organização e desenvolvimento das chamadas comunidades rurais, requerendo, para tanto, a descoberta e a formação de determinada categoria de lideranças. Esses processos se efetivavam sob a definição e execução de Programas e Projetos definidos especificamente para as áreas rurais.

Na figura 12, abaixo evidenciada, podemos observar a imagem do prédio que foi inaugurado no ano de 1949, a primeira escola estadual do distrito de Carnaubais, zona rural do município de Assú/RN. Atualmente o antigo prédio do Grupo Escolar Rural de Carnaubais, abriga o Museu Municipal Zulmira Bezerra de Siqueira da então Cidade Histórica, município de Carnaubais/RN, como observável na figura 12 o prédio mantém a mesma estrutura arquitetônica.

**Figura 12:** Prédio do Grupo Escolar Rural de Carnaubais



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 13:** Museu Municipal Zulmira Bezerra de Siqueira



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

Prosseguindo com as buscas, visitamos ainda o Arquivo Público do Estado (APE-RN), situado em Natal/RN. Examinamos o Jornal a República do primeiro e segundo semestre do ano de 1949, buscando encontrar notícias da inauguração da escola, mas, não havia a página do dia 29 de outubro do referido ano. O que nos inquietou ainda mais foi justamente não constar publicação neste dia. O que será que teria acontecido com aquela página do jornal? De fato não houve publicação ou teria sido retirada?

Sabemos que a atuação profissional da professora Adalgiza Emília da Costa no Distrito de Carnaubais - Zona Rural de Assú, durou cerca de sete a oito anos, pois as fontes mostram que ela iniciou sua atuação na Zona Urbana do município, por volta de 1951, atuando como Diretora do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. O Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia foi criado pelo decreto número 254, inaugurado em sete(7) de fevereiro de 1911, mas só veio a funcionar em 12 de fevereiro de 1912, sob a direção do

professor Luís Correia Soares de Araujo e das professoras Maria Carolina Wanderley Caldas e Clara Carlota de Sá Leitão, iniciando com a matrícula de noventa alunos.

O Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia é uma instituição centenária, fundada em 1911 e que passou por muitas mudanças, inclusive físicas, desde o início de sua existência. Na década de 1940, a escola foi transferida para um novo prédio, onde funcionou até o ano de 2016. Devido à necessidade de uma grande reforma estrutural, passou a utilizar outro espaço físico para a continuidade de suas atividades, fazendo uso das instalações do Instituto Municipal Padre Ibiapina/IMPI - Assú/RN (Amorim; Barros, 2021, p. 2).

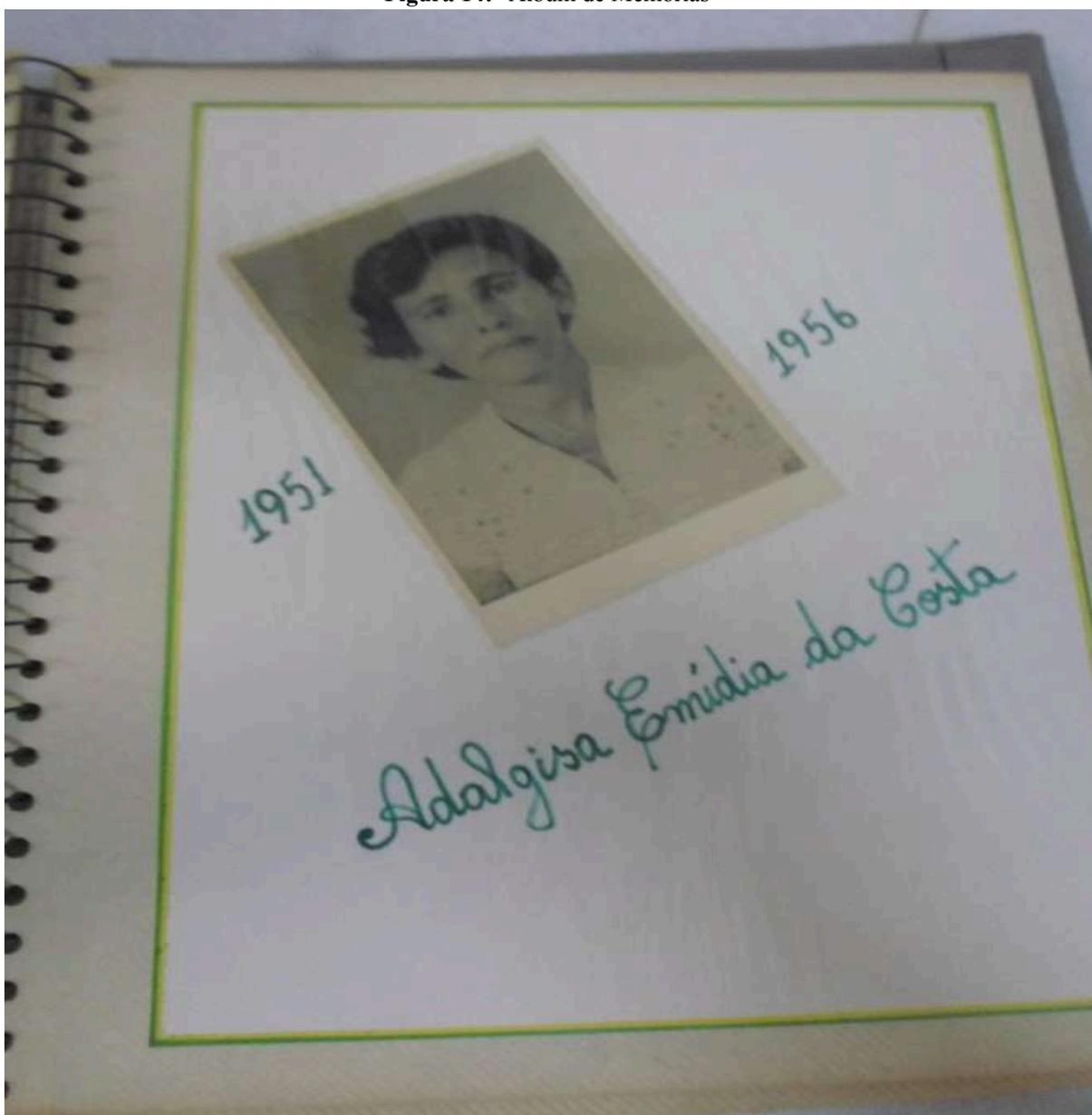
Na figura 14 abaixo elucidada podemos visualizar a fonte histórica “Álbum de Memórias”, presente no acervo da Escola Estadual Tenente Coronel José Correia. É importante salientar que este nome foi atribuído pelas pesquisadoras Amorim; Barros (2021) na realização do Projeto de Pesquisa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) “Culturas Escolares: percursos investigativos e possibilidades interpretativas das práticas educacionais no município de Assú/RN (1908-1928). Como essa fonte histórica não possuía um título específico inscrito em seu material, após a realização da investigação e mapeamento de seu conteúdo, as autoras o nomearam dessa forma, em função da sua composição diversificada.

Pelo mapeamento que as autoras realizaram perfazendo um quadro com os anos de atuação dos ex-diretoras e ex-diretores na escola até o ano de 1961. Verificamos que a professora Adalgiza Emídia da Costa atuou na direção do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia do ano de 1951 a 1956. Ainda podemos observar como houve uma prevalência de mulheres na direção do referido Grupo Escolar, como afirmam Amorim; Barros (2021, p. 9):

os dados sistematizados no quadro revelam que dos 17 (dezessete) gestores(as), há uma presença relativamente equânime entre os gêneros feminino e masculino ao longo dos cinquenta anos. Do total apresentando, há a presença de 09 (nove) diretores homens e 08 (oito) diretoras mulheres. É interessante ressaltar que durante dez anos, entre 1951 e 1961, 04 (quatro) mulheres dirigiram a escola sem alternância com nenhuma gestão masculina.

Dentre essas quatro mulheres estava Adalgiza Emídia da Costa que atuou de 1951-1956, em seguida Maria Olímpia Neves de Oliveira em 1956, em seguida Zuleide de Sá Leitão Pinheiro de 1956 -1959 e Maria Cristina Souto Rocha que atuou de 1959- 1961. Vale lembrar que todas elas foram diplomadas pela Escola Normal de Assú do Colégio Nossa Senhora das Neves no ano de 1935 e 1940.

**Figura 14:** "Álbum de Memórias"



**Fonte:** Arquivo da Escola Estadual Tenente Coronel José Correia

Em seguida observamos a figura 15 abaixo, consta um mural na parede central da entrada da escola fotografias das ex-diretoras, ex-diretores dos períodos anteriores até os dias atuais. Encontramos a mesma foto de Adalgisa Emília da Costa que consta no "Álbum de Memórias".

**Figura 15:** Mural da Escola Estadual Tenente Coronel José Correia - 2022



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

O percurso profissional das mulheres, desde fins do século XIX, na tentativa de encontrar o seu espaço no mercado de trabalho, como professoras primárias “[...] significou o trânsito do invisível para a visibilidade e a realização de alguma coisa, que não o pouco prestigiado serviço doméstico” (Almeida, 1998, p. 208). Assim, percebemos que nem todas as mulheres figuram enquanto espectadoras dos acontecimentos históricos, mas produziram, atuaram e contribuíram para a construção da sociedade brasileira.

### **3.3 O papel da mulher em cargos de poder**

No contexto da sociedade patriarcal, a mulher, historicamente teve seus desejos reprimidos, suas vontades negadas. O cotidiano feminino era um fazer-se alicerçado nas relações de poder em que a submissão à vontade patriarcal imperava. Papéis sociais ligados ao ambiente familiar, sempre foram desempenhados pela mulher – cozinhar, passar, cuidar da casa, educar as filhas e filhos – enquanto outros papéis ligados ao espaço público lhes eram

negados, uma vez que a mulher, conforme os códigos de conduta deste modelo de sociedade não estaria apta a desenvolvê-los, restringindo à atuação feminina especificamente ao espaço privado do lar.

Do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, mudanças socioeconômicas ocasionadas pela implantação do regime republicano no país, pelo processo de urbanização e industrialização, pelas duas guerras mundiais e seus efeitos nas mentalidades da sociedade da época, pelas conquistas tecnológicas representadas pela difusão dos meios de comunicação, coincidiram com a eclosão das primeiras reivindicações do feminismo que, nos países onde chegou, atingiu várias gerações de mulheres, ao alertar para a opressão e para a desigualdade social a que estiveram até então submetidas. Com o movimento feminista e na esteira das reivindicações pelo voto, o que lhes possibilitaria maior atuação política e social, a domesticidade foi invadida e as mulheres passaram a atuar no espaço público e a exigir igualdade de direitos, de educação e profissionalização. Após o término do regime ditatorial que se implantou no Brasil com o golpe de Estado em 1937, a retomada dos ideais democráticos coincidiu com o final da Segunda Guerra Mundial e contribuiu para mudanças nas representações culturais acerca da educação feminina e do papel das mulheres na nova sociedade que emergia (Almeida, 1998, p. 26-27).

Nessa conjuntura, "ao longo da história da educação, a mulher sempre assumiu um papel secundário, e suas práticas formativas e educativas foram por muito tempo destinadas ao esquecimento" (Almeida, 1998, p. 24). A história da educação, e em especial da educação feminina, está configurada por acontecimentos de uma sociedade que não valorizava o espaço ocupado pela mulher, seja como professora, mãe ou esposa.

Corroborando com Perrot (1988), é uma história marcada pelo esquecimento, anonimato e a opressão. A educação escolar, nos fins do século XIX e limiar do século XX, atendia as mulheres de um grupo econômico e socialmente elitizado, no entanto, a mulher pobre e a mulher de classe média passaram gradativamente a frequentar as instituições públicas, tendo a chance de estudar e exercer o magistério, uma alternativa de sobrevivência, pois se não conseguissem constituir matrimônio, ganhariam o próprio sustento, como elucida Almeida (1998, p. 70-71):

[...] na defesa da co-educação, as professoras viram a possibilidade de ampliar o seu espaço profissional e garantir um trabalho assalariado, fator importante para sua emancipação econômica. O magistério possibilitava uma inserção social mais ativa e as mulheres poderiam exercer maior influência sendo professoras, havendo também a possibilidade de promover mudanças sociais, políticas e espirituais e veicular valores como uma maior igualdade social e sexual, a tolerância e a diminuição dos preconceitos, assim como a conversão religiosa entre os alunos e os seus pais.

De acordo com Pinheiro, (2009, p. 21) "as discussões que envolviam as maneiras de vestir enquanto professora, tomava o rumo de performance didática na qual o vestuário deveria funcionar como indicativo de boa professora." No alvorecer do século XX, traços desse modelo de comportamento ainda eram perceptíveis, entretanto, as professoras

começavam a ganhar espaço nas escolas primárias e em outras frentes do mercado do trabalho, dispendo de certo prestígio social.

As práticas educativas na primeira metade do século XX, se configuraram em um novo modelo pedagógico. Ocorrendo de maneira mais intensa a institucionalização do ensino primário no Brasil e a forte presença da mulher na docência, como também a disseminação dos grupos escolares e a busca pela modernização das práticas pedagógicas. Dessa forma, os castigos físicos foram abolidos, os métodos de memorização e repetição repensados. “A instrução pública primária, expressando os princípios da modernidade, deveria ser ministrada através da utilização de métodos modernos, em classe distintas, objetivando o desenvolvimento integral do educando” (Pinheiro, 2001, p. 37).

Entre mulheres e educação, o que sempre se esculpiu nas vidas femininas foi um entrelaçamento de destinos incorporando sujeitos históricos aspirando por um lugar próprio no tecido social e uma profissão que se adaptou perfeitamente àquilo que elas desejavam, aliando ao desempenho de um trabalho remunerado as aspirações humanas e afetivas que sempre lhes foram definidas pela sociedade. Registrar essa história feminina no campo educacional tem sido a tentativa de estudiosos do tema, mas estes ainda são bastante reduzidos. Recuperar a trajetória das mulheres no magistério se configura, num momento em que a profissão é absolutamente feminina, em tirar da obscuridade as professoras que se encarregam no país, há mais de um século, da educação fundamental, apesar das notórias dificuldades enfrentadas por elas, como mulheres e como profissionais (Almeida, 1998, p. 25).

Em virtude das significativas mudanças na educação, em razão da criação dos Grupos Escolares, as professoras outrora totalmente responsáveis pela escola, perdem autonomia e deveriam apresentar diários de classe, relatórios, fichas pedagógicas e planos à Diretoria Geral de Instrução Pública. Pinheiro (2001, p. 33) afirma “[...] nesse movimento de universalização da instrução, do combate ao analfabetismo e da difusão da escola primária, surge uma escola com traços marcantes de uma matriz urbana - Grupo Escolar.” A partir dessa nova orientação pedagógica, novos rumos foram dados na educação norte-rio-grandense, modernos processos didáticos e metodológicos passaram a ser adotados nos grupos escolares, foi a chamada Reforma Pinto de Abreu.

Com “a feminização do magistério, que dava mostras incipientes já a partir dos finais do século XIX, seria fortalecida após a República” (Almeida, 2014, p. 57). Diante dessas transformações, a mulher teria o dever de cuidar da instrução e da educação moral das crianças, até mesmo as vestimentas das professoras tinham que apresentar reserva, mostrando virtude e moralidade. A escola transformaria a mente desses indivíduos, como enfatiza Almeida (2014, p. 57-58):

nessa visão se construiria a imagem da mulher-mãe-professora, aquela que iluminava na senda do saber e da moralidade, qual mãe amorosa debruçada sobre as frágeis

crianças a serem orientadas e transformadas por ensinamentos que possuía a capacidade de desenhar destinos e acalantar esperanças coadjuvantes inspiradoras de uma escola que se erigia como transformadora de consciência.

A partir dessa configuração compreendemos que o processo de profissionalização docente não ocorreu de maneira linear, mas por múltiplos atravessamentos conflituosos. Desenvolveu-se de maneira artesanal e não como profissão reconhecida, portanto, constitui-se como uma profissão acessória desenvolvida por leigos e religiosos. Configurando-se simultaneamente um duplo trabalho de um lado o *corpo de saberes* e do outro um *sistema normativo*, como aponta Nóvoa (1995, p. 16):

o aperfeiçoamento dos instrumentos e das técnicas pedagógicas, a introdução de novos métodos de ensino e o alargamento dos currículos escolares dificultam o exercício do ensino como actividade secundária ou acessória. O trabalho docente diferencia-se como "conjunto de práticas", tomando-se assunto de especialistas, que são chamados a consagrar-lhe mais tempo e energia.

Versa a próxima seção sobre os espaços formativos que fizeram parte da vida de Adalgiza Emília da Costa. Como era ser normalista no período em que estudou? Como acontecia essa formação? Qual o público que frequentava e onde iria atuar?

## **4 TRAÇOS FORMATIVOS: PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE DE ADALGIZA EMÍDIA DA COSTA**

“Que há de mais sublime que governar os espíritos e formar os costumes dos povos?”

(Inscrição da placa de formatura da 1ª Turma da Escola Normal de Assú)

O trabalho debruça-se diante da trajetória formativa da professora Adalgiza Emídia da Costa, diplomada pela Escola Normal de Assú/RN. Antes de tratarmos das especificidades relacionadas à instituição assuense, consideramos relevante destacar que as Escolas Normais foram espaços privilegiados de formação, isto é, profissionalização da docência. Desde o período histórico que compreendia o Primeiro Reinado aos anos iniciais da Nova República, tais instituições de ensino estiveram presentes no Brasil. É válido ressaltar que a implantação dessas instituições não aconteceu de maneira linear, mas num longo e complexo processo, cheio de idas e vindas. (Araujo; Freitas; Lopes, 2018).

Escrever acerca da trajetória da biografada abarca a compreensão dos espaços formativos por ela frequentados. Conhecer a história das Escolas Normais no Brasil, é encontrar o espaço físico idealizado para funcionar essas casas do saber, e o que isso significava? A quais objetivos formativos deveriam atender? Qual era o seu público alvo? Eram escolas apenas para mulheres? Quais eram os responsáveis pelas estruturas e funcionamento dessas instituições? A partir dessas indagações, da literatura sobre a temática e das fontes históricas às quais tivemos acesso, vamos entretecendo diálogos e análises interpretativas, com os significados e sentidos que são passíveis de apreensão.

### **4.1 Uma instituição de profissionalização no sertão norte-rio-grandense**

O Colégio Nossa Senhora das Vitórias é uma escola confessional, fundada em 9 de março de 1927, sob a direção da Congregação das Filhas do Amor Divino. “O propósito de instalar um Colégio católico em Assú, dirigido por freiras vindas da Europa, não ocorreu isoladamente, fazia parte do projeto Restauração Católica que se projeta até os anos de 1940 em todo o País” (Freire, 2019, p. 70). A princípio foi pensada apenas para a educação feminina, com o intuito de disseminar a fé católica e instruir as moças da elite assuense. No ano seguinte, também abriu suas portas para cuidar da formação dos rapazes, transformando-se numa escola mista.

A presença das instituições formadoras de cunho católico, nos meios escolares está fortemente ligada com a História da Educação no Brasil, através de Ordens e Congregações religiosas. Permeando o campo pedagógico com objetivo de educar a chamada civilização cristã brasileira, considerando que a educação possibilitava a elevação dos padrões culturais. A vinda dessas instituições para o Brasil, está relacionada com a preocupação da Igreja Católica em fortalecer os seus ideais e com a atenção à educação as moças da elite (Freire, 2013, p. 56).

De acordo com a literatura local, a cidade de Assú desejava uma instituição escolar com instalações modernas, além de práticas pedagógicas também inovadoras, algo que mostrasse o desenvolvimento que surgia na cidade (Amorim, 1977; Freire, 2019). “As instituições de ensino fizeram parte desse conjunto de melhoramentos urbanos, compondo o cenário de progresso das cidades, constituindo-se símbolo de modernização cultural e social para as cidades” (Freire, 2019, p. 68).

**Figura 16:** Fachada do Colégio Nossa Senhora das Vitórias - 1927



**Fonte:** Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN)

O projeto arquitetônico do Colégio das Freiras atendia às exigências da época, tornando-se referência monumental na cidade de Assú. Está presente no contexto urbano, ocupando espaço central, dotado de uma arquitetura imponente, resultado do padrão social da classe dirigente. O Colégio construído para atender a classe mais abastada, sendo assim, sua arquitetura tinha que representar seu status na sociedade (Freire, 2019, p. 89).

Desde as primeiras décadas de sua fundação, esta instituição escolar além de oferecer o ensino primário abrigou em sua estrutura arquitetônica diversos cursos de formação

profissional, a saber, A Escola Normal de Assú, A Escola Técnica de Comércio, Escola Técnica de Contabilidade, Escola Doméstica e a Escola de Magistério. De acordo com fontes que tivemos acesso no acervo “materializados em papel e tinta, produzidos pela mediação da escola, a grande maioria desses documentos enfrentou a passagem do tempo, e, agora estudados podem emergir como re-conhecimento, como possibilidade de não-esquecimento, como “lugar de memória” (Mignot; Cunha, 2006, p. 41).

Desde a Europa do século XVIII percebe-se a preocupação com o ensino público, e, como forma de viabilizá-lo, surge a necessidade de assegurar a formação de professores. A partir dessa preocupação e a tarefa de inculcar normas e modelos de conduta, as Escolas Normais se configuraram nesses espaços de autorização da formação docente, capazes de formar e autorizar esse corpo de professores para ensinar nas escolas elementares ou escolas de primeiras letras.

O período dos oitocentos no Brasil, foi atravessado por múltiplos acontecimentos políticos, econômicos, culturais e sociais. Das retrógradas estruturas coloniais às modernas mudanças joaninas, pois era necessário o realinhamento da máquina administrativa e a continuação dos quadros jurídicos, militar, uma vez que era preciso que a burguesia se mantivesse no poder (Villela, 2018).

A profissão docente era desempenhada por religiosos e leigos, como uma atividade secundária, dito de outra maneira, era um trabalho artesanal desenvolvido sem habilitação. Com as mudanças ocorridas, o desempenho da função docente seria desenvolvido por profissionais habilitados para o exercício do cargo. A discussão em torno das escolas normais, grandes responsáveis por preparar sujeitos para o magistério, ampliou-se a partir de Nóvoa (1991), de acordo com Villela (2018). Essas discussões foram fulcrais para se entender os processos de profissionalização docente. “As Escolas Normais foram responsáveis pelo estabelecimento de um saber especializado e um conjunto de normas que constituíram esse campo profissional” (Nascimento, 2018, p. 22).

No Brasil, na metade do século XIX foram criadas as primeiras Escolas Normais. Entretanto, essas instituições dispuseram de uma existência descontínua, assim eram fechadas e reabertas regularmente. Foi instituída em Niterói, em 1835, província do Rio de Janeiro, a primeira Escola Normal do país e essa propensão foi continuando por outras províncias na ordem que segue: Bahia, 1836; Mato Grosso, 1842; São Paulo, 1846; Piauí, 1864; Rio Grande do Sul, 1869; Paraná e Sergipe, 1870; Espírito Santo e Rio Grande do Norte, 1873; Paraíba, 1879; Rio de Janeiro (DF) e Santa Catarina, 1880; Goiás, 1884; Ceará, 1885; Maranhão, 1890 (Nascimento, 2018; Araujo; Freitas E Lopes, 2018).

A institucionalização da Escola Normal de Natal ocorreu em 1908, após possivelmente três tentativas de instalação deste estabelecimento, permeando a sua história pela necessidade da instrumentalização do magistério norte-rio-grandense (Nascimento, 2018). “Os mestres e as mestras da Escola Normal caracterizaram-se pela credibilidade e seriedade do trabalho realizado. Esses atributos fizeram da instituição uma referência na formação docente” (Nascimento, 2018, p. 17).

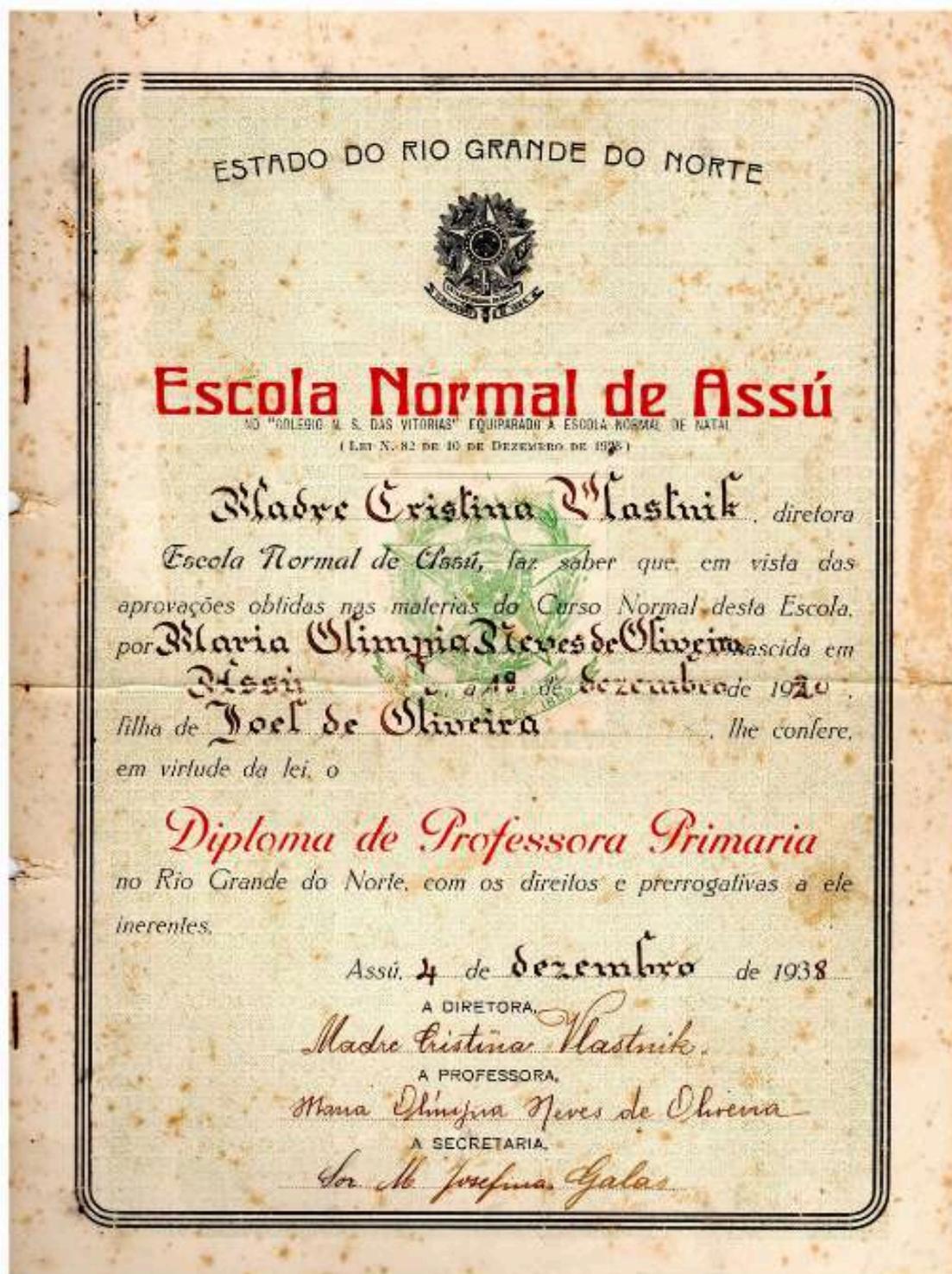
No contexto de sua criação a Escola Normal de Natal, como enfatiza Aquino (2019, p. 12) “constituiu-se em um símbolo de uma nova época, no anúncio de uma sociedade que se pretendia inovar, quando surgem algumas instituições educativas que demarcaram época na formação de várias gerações [...]”. Destacamos que por meio do Decreto 698, de 16 de junho de 1934 a Escola Normal Primária de Mossoró, após muitas lutas teria se equiparado a Escola Normal de Natal, passando a ofertar as mesmas disciplinas, bem como a mesma duração do curso (Sarmiento, 2013).

Em Assú, cidade interiorana do estado do Rio Grande do Norte, por volta do ano de 1935 funcionava no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, sob a responsabilidade da Congregação Filhas do Amor Divino, a Escola Normal de Assú, equiparada à Escola Normal de Natal, de acordo com a Lei Nº 82 de 10 de dezembro de 1936. Na documentação que tivemos acesso no acervo da referida escola constam nos relatórios, atas, ofícios, livros de matrículas, registros sobre a Escola Normal de Assú no período de 1937 a 1940.

Nos Ofícios encaminhados à secretaria do Estado, por exemplo, eram enviados por diferentes razões, para informar que estavam reabertas as aulas do curso Normal no Colégio Nossa Senhora das Vitórias; descrevia disciplinas e os nomes dos professores e professoras. A quantidade de alunas em cada turma dos respectivos anos. No ano de 1937 a Escola Normal de Assú funcionava com três turmas, 1º, 2º e 3º ano do curso, com as respectivas quantidades de alunas, 24, 6 e 8. Em 1938, funcionava o 2º, 3º e 4º anos com 23, 7 e 7 alunas. Assim, a turma precursora concluiu com 7 professoras diplomadas.

No contato com Pedro Otávio de Oliveira, um memorialista local que possui um vasto acervo documental sobre a história da cidade de Assú, tivemos acesso ao arquivo digitalizado do diploma de normalista e oradora da turma, Maria Olímpia Neves de Oliveira, com quem Pedro Otávio possui um grau de parentesco. Ela o presenteou com um baú de recordações, dentre as quais está seu “Diploma de Professora Primária”, datado de 04 de dezembro de 1938 e assinado pela mãe que dirigia a Escola Normal. Na análise documental, foi possível observar a inscrição afirmativa de que a formação da Escola Normal de Assú era equiparada à da Escola Normal de Natal, através da Lei n. 82 de 10 de dezembro de 1926.

Figura 17: Diploma 1938

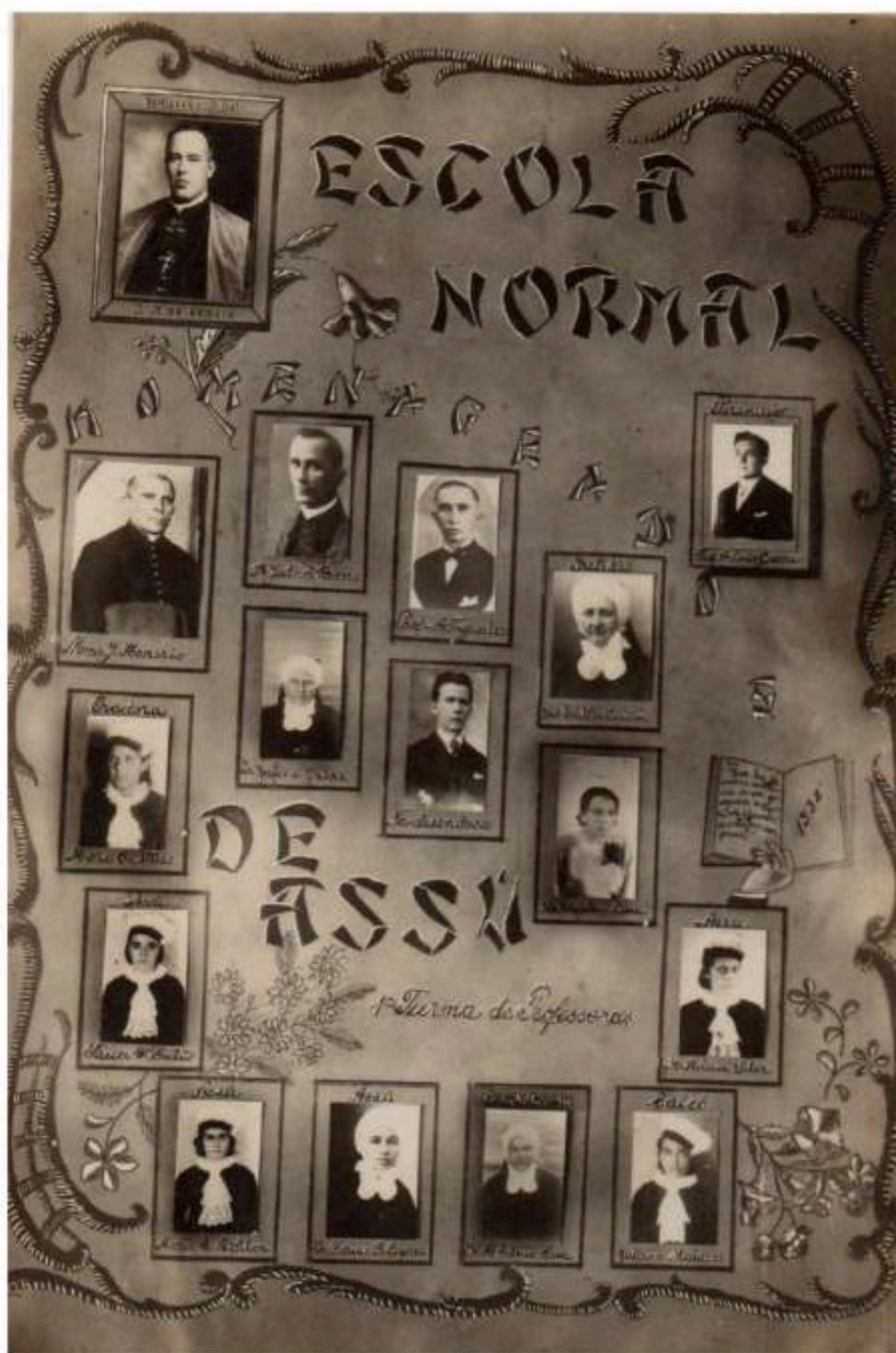


Fonte: Acervo particular de Pedro Otávio de Oliveira

Ainda proveniente do baú de recordações da Maria Olímpia, tivemos acesso à fotografia da Placa das Concluintes do ano 1938, que destaca os nomes dos homenageados, dos professores, da diretora e das sete alunas diplomadas. Percebemos que dentre as

formandas há uma que é natural de Caicó/RN. Na solenidade de diplomação uma aluna ofereceu um quadro da turma ao colégio. Ficamos interessadas em descobrir por onde andam os quadros das duas turmas de professoras primárias do Colégio Nossa Senhora das Vitórias.

**Figura 18:** Placa de concluintes 1938



**Fonte:** Acervo particular de Pedro Otávio de Oliveira

Mignot; Cunha (2006, p. 43 ), em diálogo com Artières (1998) afirmam que os profissionais reúnem, guardam documentos com a intenção de: “arquivar a própria vida para preservar a memória, testemunhar acontecimentos, imortalizar a experiência [...] arquiva-se para ter a identidade reconhecida, controlar a vida, recordar e retirar lições do passado, preparar o futuro e inscrever a existência.”

Embora não tenhamos encontrado o diploma da biografada, o documento obtido nos possibilitou o contato com o instrumento de diplomação oficial. Seguimos os indícios que nos foram postos diante a caminhada, porém até onde fomos, não encontramos parentes próximos ou distantes, da família da Adalgiza Emídia da Costa que pudéssemos nos presentear com um “baú de memórias” abarrotado de recordações, recortes, cartas, mensagens, fotografias, para experienciarmos uma tal “felicidade clandestina”. Acredita-se que, “enquanto os arquivos públicos calavam as mulheres, os arquivos privados, fornecem informações sobre o cotidiano, as formas de ver o mundo através dos fatos comuns da experiência, hábitos, costumes” (Mignot, 2002, p. 17).

Ponderamos que mesmo havendo mais chances de encontrar vestígios das mulheres nos arquivos privados, isso leva em conta muitas vezes a condição financeira das famílias, dificilmente encontraremos os rastros das mulheres que estiveram à margem da sociedade. E “por definição, o *status* desses arquivos foi e continua a ser necessariamente incerto” (Perrot, 2019, p. 27). De modo amplo, a presença feminina nesses arquivos ocorre devido ao uso que fazem da escrita, portanto, é uma escrita intimamente ligada à família, realizada à noite em um ambiente sossegado, para escrever um diário, responder às cartas, e incomumente narrar a sua vida (Perrot, 2019; Perrot, 2017).

É com a perspectiva talvez ambiciosa de desvelar a trajetória de Adalgiza Emídia da Costa que nos desafiamos a conhecer um pouco de sua vida e profissão, com o intuito de preservar a memória das professoras e as atividades diárias que elas realizavam. Quando narramos trajetórias de vida, precisamos considerar o tempo cronológico e o percurso de vida que não é previsível, ou seja, não há apenas um caminho a seguir, mas sim uma direção comum (Vidal; Vicentini, 2019; Borges, 2006).

Nessa compreensão, “biografar um sujeito favorece a leitura não apenas de uma individualidade, mas nos leva a adentrar os espaços e tempos em que essa pessoa se constituiu; composição que se faz pluralmente, em convívios, partilhas, embates, diálogos [...]” (Machado; Nunes; Lacet, 2021, p. 20). Assim, percebemos as múltiplas realidades que a constituíram e como ela foi influenciada por elas. Segundo Machado; Nunes e Lacet (2021,

p. 20) “[...] conhecer facetas de uma pessoa [...] é perceber e ler outras realidades e o modo como sujeitos diversos constituíram-nas e foram por elas constituídos”.

#### **4.2 Adalgiza Emídia da Costa na Escola Normal de Assú**

Prosseguindo a tessitura desse itinerário, tivemos acesso a alguns arquivos digitalizados do Educandário Nossa Senhora das Vitórias, por meio do acervo do Núcleo de Pesquisa em Educação/NUPED-UERN/CNPq, decorrência da realização de trabalhos dos graduandos do curso de Pedagogia da UERN, Campus Avançado de Assú. Encontramos, a Ata da Segunda Reunião Ordinária do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, datada do ano de 1937 para verificação das promoções das alunas.

Essa reunião aconteceu às 8 horas da manhã, do dia 17 de novembro de 1937, no salão da congregação do Curso Normal. De acordo com a Ata, a Congregação tratou de verificar as médias de aproveitamento, a contagem de faltas e respectivas notas, médias de aproveitamento, média geral de promoção e classificação das alunas matriculadas. Adalgiza Emídia da Costa, ingressou na Escola Normal de Assú no ano de 1937, aos 18 anos de idade e concluiu o curso aos 21 anos, de acordo com as fontes consultadas, identificamos pelas datas de nascimento que as alunas ingressantes do Curso Normal teriam entre 15 e 18 anos.

Diante das primeiras informações obtidas, buscamos entrar em contato com a secretaria do Educandário Nossa Senhora das Vitórias e agendamos uma data para a visita ao arquivo. Em consulta ao acervo institucional, entramos em contato com as fichas de matrícula da Adalgiza Emídia da Costa, bem como com outros documentos, a exemplo de Livro de Atas e Ofícios. Vale ressaltar que o Livro de Atas e os Ofícios não tratam diretamente sobre nossa biografada, porém revelam acontecimentos referentes à organização e ao funcionamento da Escola Normal de Assú no período de sua formação enquanto normalista.

Na manhã do dia 30 de julho de 2022, visitamos o acervo do ENSV, tivemos acesso ao Livro de Matrículas e iniciamos o processo de mapeamento e digitalização dos materiais encontrados. O ano 1937 possivelmente datava o ingresso de Adalgiza no Curso Normal, então, buscamos confirmar a informação que dizia respeito ao ano de início da sua formação. Entretanto, “[...] encontrar os documentos que servem ao tema trabalhado é uma sensação que todos que passaram pela experiência recordam com prazer, e os move a novamente retornar à pesquisa” (Bacellar, 2008, p. 49).

Os dados que encontramos em nossa pesquisa incluem o nome, a data de seu nascimento, o nome do pai e sua profissão, o dia da matrícula e o curso em que estava

matriculada. O papel amarelado mostrando as marcas de um tempo decorrido era a confirmação de que não precisávamos mudar os rumos da história que pretendemos escrever. “Ao iniciar a pesquisa documental, já dissemos que é preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor maneira possível, a história daquela peça documental que se tem em mãos. Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem?” (Bacellar, 2008, p. 63). De acordo com Bacellar (2008), esses questionamentos são fundamentais numa pesquisa documental e não podem ser deixados de lado pelos historiadores da educação, pois é preciso contextualizar os documentos coletados.

A esse respeito escreve Barros (2019, p. 23):

[...] Para os historiadores, de fato, as fontes podem e devem ser duplamente associadas à fluência e ao princípio. Sim, as fontes constituem de alguma maneira um dos princípios da História, que sem elas não seria possível; mas elas também são intrinsecamente o que assegura o próprio fluir do discurso do historiador – um tipo de texto no qual tudo se almeja ser demonstrado passo a passo, revivido quando possível, imaginado quando necessário, problematizado sempre.

Com essa intenção é que analisamos as fontes históricas que selecionamos para este trabalho. A figura 19 reproduzida abaixo, trata-se do livro de matrículas, manuscrito contendo matrículas desde o ano de 1927, quando o colégio Nossa Senhora das Vitórias foi inaugurado. Dentro dele há divisão para cada ano de realização das matrículas. Aparece o nome da mãe superiora e a professora que certamente fazia a transcrição. Apresenta informações como data e local de nascimento dos alunos e das alunas e o curso ao qual estava matriculado, bem como a data da realização da matrícula. Nome do pai e sua profissão, como também o lugar de moradia. Além de aparecer alguns elementos como se fosse disciplinas e ainda os termos interna e semi-interna. Ainda é exequível perceber que na mesma instituição eram ofertados cinco cursos diferentes: Elementar, Normal, Primário, Complementar e Particular.<sup>20</sup>

Nos termos interna e semi-interna, não é possível saber se todas as alunas matriculadas seriam internas ou não, porque não havia uma descrição que nos permitisse verificar, pelo menos nesse documento. Entretanto, percebemos que haviam matrículas de pessoas de outras cidades mais distantes, o que nos leva a perguntar, será que essas alunas estariam em um regime de internato? Talvez seria apenas para as alunas matriculadas no Primário, por serem menores, já que possivelmente o Curso Normal e os demais cursos seriam para alunas com mais idade, já que seria um curso de formação?

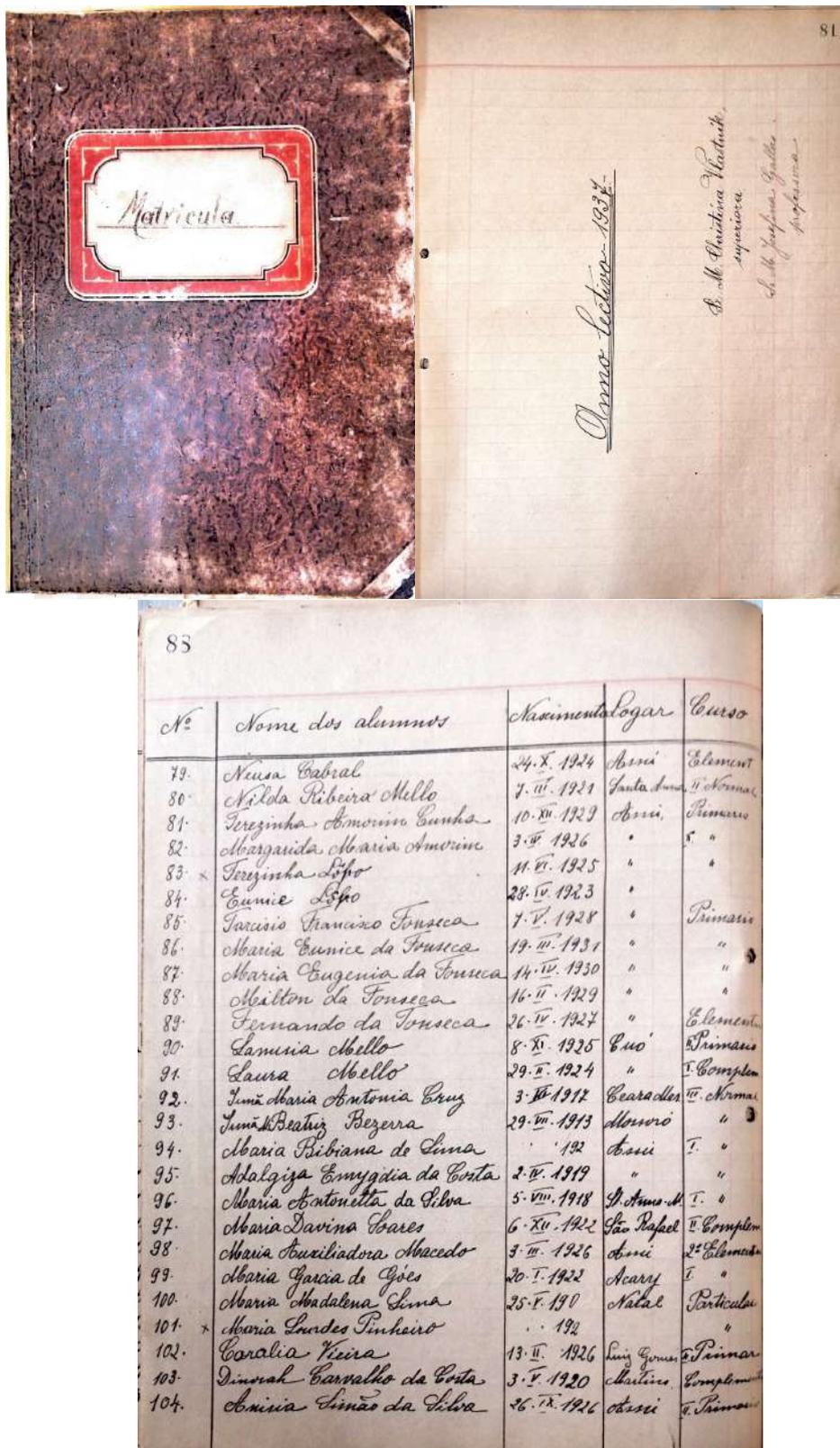
Esta foi a primeira fonte no acervo do Educandário Nossa Senhora das Vitórias que tivemos acesso a qual fez total diferença para que de maneira assertiva pudéssemos acessar

---

<sup>20</sup> Espaço para descrição dos cursos.

outras importantes fontes históricas, uma vez que o acervo da escola guardava com zelo sua história e memória.

Figura 19: Livro de Matrícula



Fonte: Educandário Nossa Senhora das Vitóriaas

Percebendo que o acervo ainda seria bastante promissor para o desenvolvimento da pesquisa, fomos no dia 19 de maio de 2023 conversar com Irmã Maricélia Almeida, diretora do Educandário Nossa Senhora das Vitórias, a fim de esclarecer o propósito da pesquisa e suas possíveis contribuições para a historiografia da educação potiguar, e solicitamos novo acesso ao arquivo da escola. Após o diálogo retornamos ao acervo do ENSV no dia 29 de maio do ano de 2023, para acessarmos novos documentos escolares que nos proporcionaram vislumbrar novos caminhos para esse estudo.

Na primeira vez que visitamos o acervo do Educandário Nossa Senhora das Vitórias não identificamos a existência de um Livro de Matrícula exclusivo para o curso normal, mas o que tivemos acesso foi um Livro de Matrículas de toda instituição, datado do ano de 1927 até o ano de 1945, possibilitando-nos perceber os diversos cursos que funcionaram no prédio do ENSV.

Comprendemos que pesquisar é constantemente ter que fazer escolhas, decidir e traçar os próximos passos a seguir. Acreditamos, também, que de algum modo o objeto nos escolhe e acolhe, como disse o professor Francisco Canindé durante o exame de Qualificação deste trabalho.

Dessa forma como nos assegura Bacellar (2008, p. 71) estando

munido das armas e precauções dispostas anteriormente, de conhecimento prévio sobre o assunto (fruto de muita pesquisa bibliográfica a respeito do período estudado e do que concluíram historiadores que trabalharam antes dele), o pesquisador está pronto para prosseguir na análise e na interpretação de suas fontes. Já pode cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências e produzir um trabalho de História.

Entendemos o valor de preservar os arquivos escolares, uma vez que eles possuem registros ligados à história da vida institucional, bem como às ações dos seus agentes. Das fontes históricas às quais tivemos acesso, quantas outras mais podem ter existido e, ao longo dos anos, terem sido descartadas? Acreditamos que, diante da existência permeada por diferentes administrações, ideários políticos, normas e práticas, quiçá o material com o qual tivemos contato seja apenas um fragmento de toda uma complexa e vasta vida institucional.

Em posse de diversas fontes históricas como um livro encapado contendo Atas, da primeira reunião ordinária datada de 09 de outubro de 1937, do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Essa reunião era para organizar os pontos e questões dos exames da primeira época. Ficou acordado três pontos: primeiro seria dado dois terços da matéria de cada disciplina para exames; segundo que nesses pontos figurarem sempre um do ano anterior com um do ano atual; terceiro que os pontos dados fossem pelo menos o número de dez. Em seguida as lentes, disciplinas do curso e seus respectivos conteúdos.

A segunda reunião ordinária data de 17 de novembro de 1937, para a verificação das promoções das alunas do Curso Normal. Verificação por meio da média de aproveitamento, contagem de faltas, respectivas notas de freguesia, média de aproveitamento, média geral de promoção e classificação das alunas. A Ata da terceira reunião ordinária do Curso Normal, aconteceu no dia 03 de novembro do ano de 1938, para organizar os pontos ou questões do exame. Ficando combinado os 03 pontos, já anteriormente citados. Em seguida a descrição dos pontos em cada disciplina e seus respectivos conteúdos. Na classificação das alunas até o 4º lugar aparece da seguinte forma: classificação: Distinção. E a partir do 5º Lugar aparecia o termo: classificação: Plenamente.

Na Ata da Segunda Reunião Ordinária da Escola Normal de Assú, aparece o nome da Adalgiza Emygdia da Costa, grafado dessa forma, e apontando para sua classificação em 3º lugar, com as seguintes médias: Português: 8,17; Francês: 8,71; Geographia: 8,78; Mathemática: 8,29; História: 8,83; Educação Physica: 8,14; Trabalhos: 9,65; Música: 8,28; Desenho: 7,61; Média Geral: 8,93; Frequência: 9,75; Comportamento: 10,0; Grau da Classificação: 9,56; Classificação: Distinção. A partir desses dados podemos refletir sobre diversos aspectos da aluna, quais disciplinas estudou, em quais obteve as notas mais altas, como era seu comportamento.

**Figura 20:** Ata da 2ª Reunião Ordinária do Curso Normal - CNSV

A photograph of a handwritten document on aged paper. The text is written in cursive and lists a student's classification and grades for various subjects. The visible text includes: 'Classificação: Distinção. 3º Lugar - Adalgiza Emygdia da Costa, com as medias seguintes - Português 8,17 - Francês 8,71 - Geographia 8,78 - Mathemática 8,29 - Historia 8,83 - Educação Physica 8,14 - Trabalhos 9,65 - Musica 8,28 - Desenho 7,61 - Média Geral 8,93 - Frequencia 9,75 - Comportamento 10,00 - Grau da Classificação 9,56 - Classificação: Distinção. 4º Lugar - Mari'.

**Fonte:** Acervo do Educandário Nossa Senhora das Vitórias

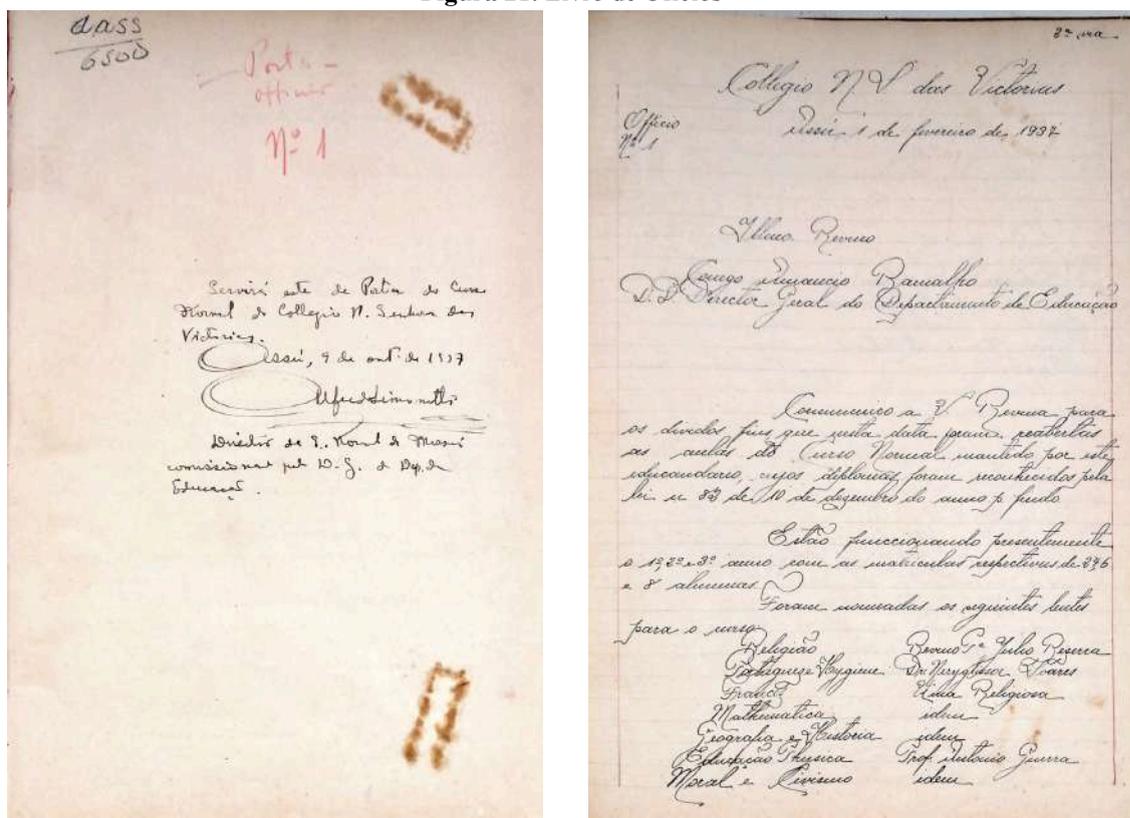
Diante do contato com as fontes, nos perguntamos: o curso formava essas professoras para atuação em quais escolas? Qual o público que frequentava esse curso? Havia diversas possibilidades de investigação. Por que há fotos da primeira turma de professoras do Curso Normal e as demais turmas não aparecem na literatura local? O que teria acontecido para esse

silenciamento? A primeira turma tinha apenas sete (7) alunas. A turma a qual a Adalgiza Emídia da Costa fazia parte tinha vinte e quatro (24) alunas, como mostrou os ofícios aos quais tivemos acesso.

[...] Olhando para um antigo documento ou fonte de época que tivesse diante de si, em um silencioso arquivo público, o historiador poderia lhe perguntar: (1) Qual a sua *posição* em relação ao processo ou conjunto de acontecimentos aos quais se refere? (2) De que material físico e tipo de linguagem é feita? (3) Foi produzida intencionalmente para falar sobre certos acontecimentos? E, por fim: (4) Está isolada, ou pode ser conectada a outras fontes da sua mesma espécie? Se uma fonte histórica pudesse nos responder como se fosse um ser humano falando a outro - o que é obviamente apenas uma metáfora -, ela nos traria quatro respostas diferentes, todas elas igualmente úteis para um historiador (Barros, 2019, p. 29).

A fonte que reproduzimos a seguir na figura 21 é um livro semelhante ao caderno de atas, na qual continha segunda via de ofícios manuscritos endereçados ao Departamento de Educação do Estado. Há oito (08) 2ª vias de ofícios. Três datados do ano de 1937, um de fevereiro, um de outubro e outro de novembro. Percebemos que havia critérios para o ingresso ao curso Normal e era subvencionado pelo Estado.

Figura 21: Livro de Ofícios

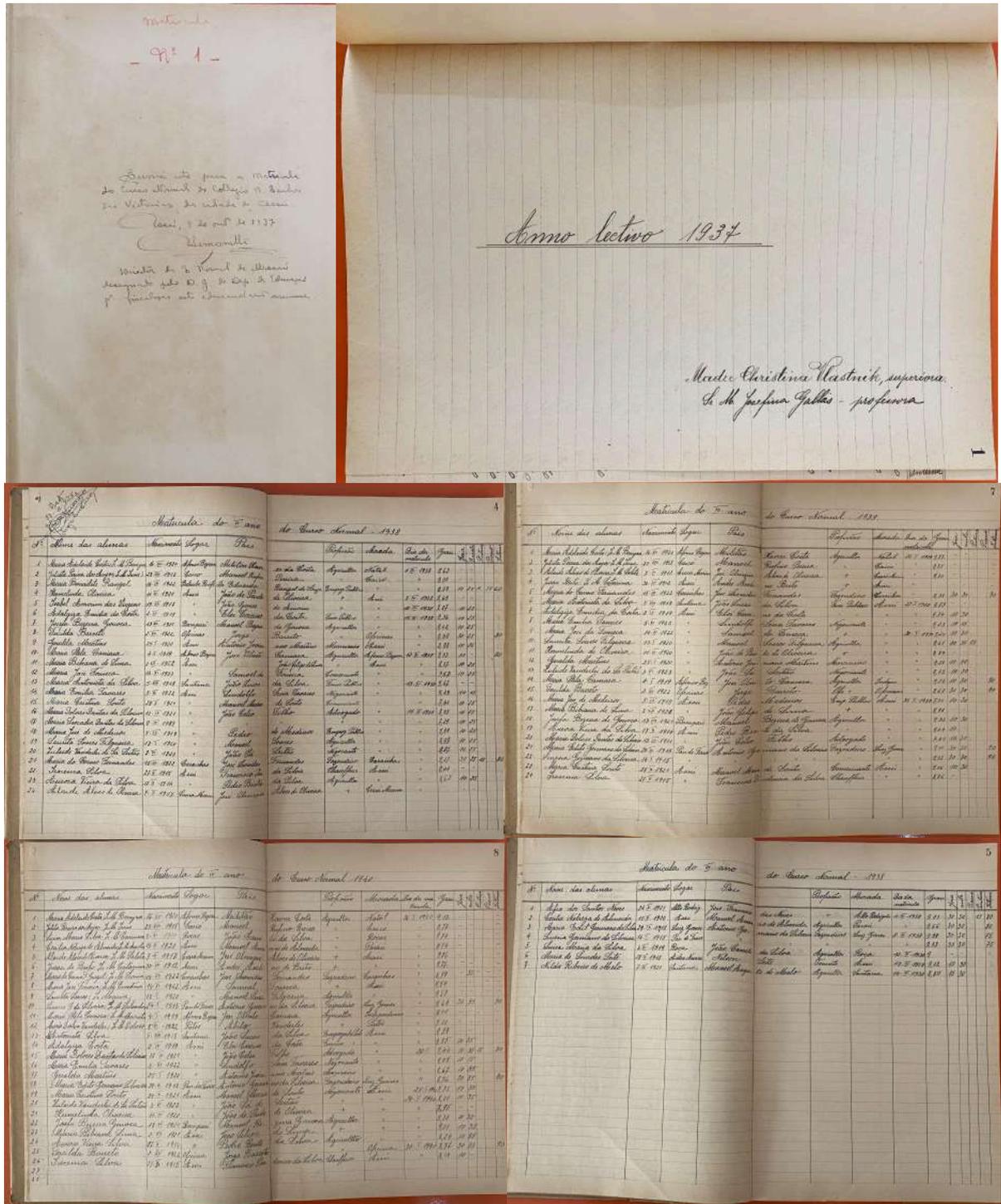


Fonte: Educandário Nossa Senhora das Vitórias

O livro de Matrícula Nº 1 do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Vitórias de 1937 a 1940. Como podemos observar é um livro encapado sem identificação. Contém um

número de tomo 02 e o ano de 1940 inscrito na parte lateral. O livro é manuscrito, contendo cem (100) páginas das quais apenas oito (8) foram utilizadas. O registro dos nomes é feito a partir da data de matrícula e não em ordem alfabética.

Figura 22: Livro de matrícula do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Vitórias



Fonte: Educandário Nossa Senhora das Vitórias

Há um termo de abertura mostrando a finalidade do livro e, logo abaixo, a assinatura do diretor da Escola Normal de Mossoró, designado pela Diretoria Geral do Departamento de

Educação para fiscalizar a instituição Assuense. Na página número 1 (um) mostra o nome da diretora, e o nome da secretária/professora como ainda a inscrição do ano letivo de 1937. Na parte interna apresenta colunas contendo: nome completo das alunas, data de nascimento, lugar, curso, nome do pai, profissão do pai, morada, dia da matrícula e ainda os termos joia, aula, pintura, piano e interna. Percebemos aqui que o referido curso era destinado apenas para mulheres e elas tinham entre treze (13) e vinte e quatro (24) anos, referente a matrícula do ano de 1937, onde foram matriculadas quarenta (40) normalistas. Esse total correspondia a três turmas funcionando. Uma turma de 1º ano com vinte e cinco (25) alunas; uma turma de 2º ano com sete (7) alunas e uma turma do 3º ano com oito (8) alunas. Notamos que há uma pequena marcação com X feita de lápis grafite em alguns nomes.

Na documentação a que tivemos acesso não localizamos registro de matrículas do Curso Normal do ano de 1935 e 1936. Freire, (2019, p. 76) aponta que “em Assú nos anos de 1930, foi então criado o primeiro Curso Normal feminino em nível ginásial, no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, sendo subvencionado pelo Estado, com o propósito de formar e melhorar o corpo docente das escolas primárias [...]”. Os documentos referentes ao Curso Normal são datados de 1937 a 1940.

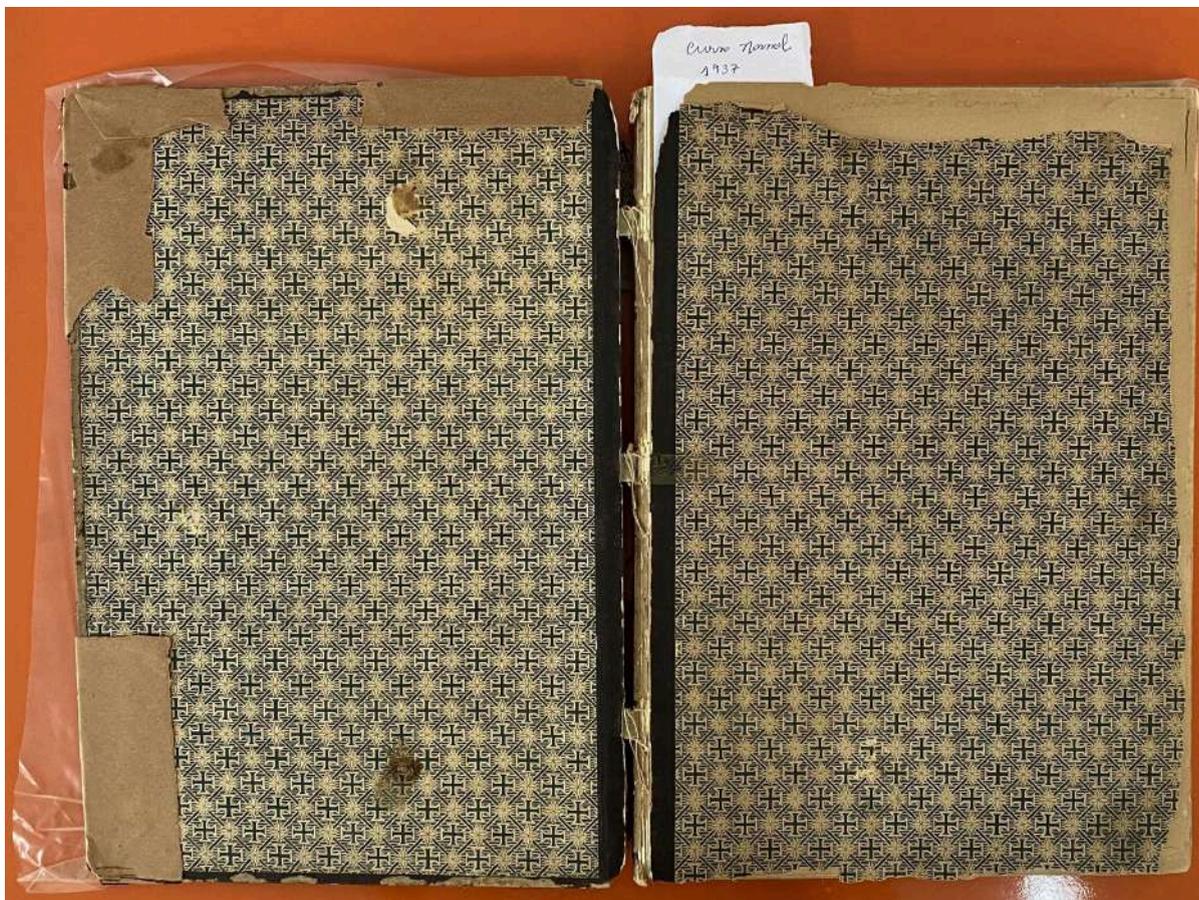
Considerando que no ano de 1937 havia uma turma de 3º ano e uma de 2º ano, fato que nos leva a crer ter iniciado em 1935 e 1936, pois o curso tinha duração de quatro anos. Observamos ainda que as alunas eram oriundas de outras cidades além de Assú e de sua zona rural, por exemplo: Luiz Gomes, Ceará Mirim, Natal, Sant’ Ana, Afonso Bezerra, Caraúbas, Mossoró, Caicó, Alto do Rodrigues e Paraú.

No livro de matrícula correspondente ao Curso Normal, verificamos que a partir do ano de 1938 as matrículas eram realizadas separadamente por turma. Desse modo, temos matriculadas vinte e quatro (24) normalistas no 2º ano, em relação ao ano anterior há uma desistência. Notamos que a turma do 3º ano permaneceu com sete (7) alunas matriculadas, enquanto a turma do 4º ano registramos uma desistência, como mostra a imagem abaixo vemos sete (7) alunas matriculadas, ou seja, a turma precursora concluiu com apenas sete (7) normalistas.

No ano de 1939, nesse mesmo Livro de Matrícula algo nos chamou a atenção, pois não há registro de matrícula da turma do 4º ano, constando apenas o registro de matrícula da turma de 3º ano. No registro de matrícula do ano de 1940, na página oito (8) do livro, verificamos vinte e seis (26) matrículas no 4º ano. Isso nos leva a pensar que por alguma razão a turma que funcionava em 1938 com apenas sete (7) normalistas desistiu? Ou não foi aprovada nas visitas dos inspetores? Para nós alguns nomes são marcantes, exemplo a turma

precursora, da Maria Olímpia Neves de Oliveira e a turma concluinte de 1940, da professora Adalgiza Emídia da Costa.

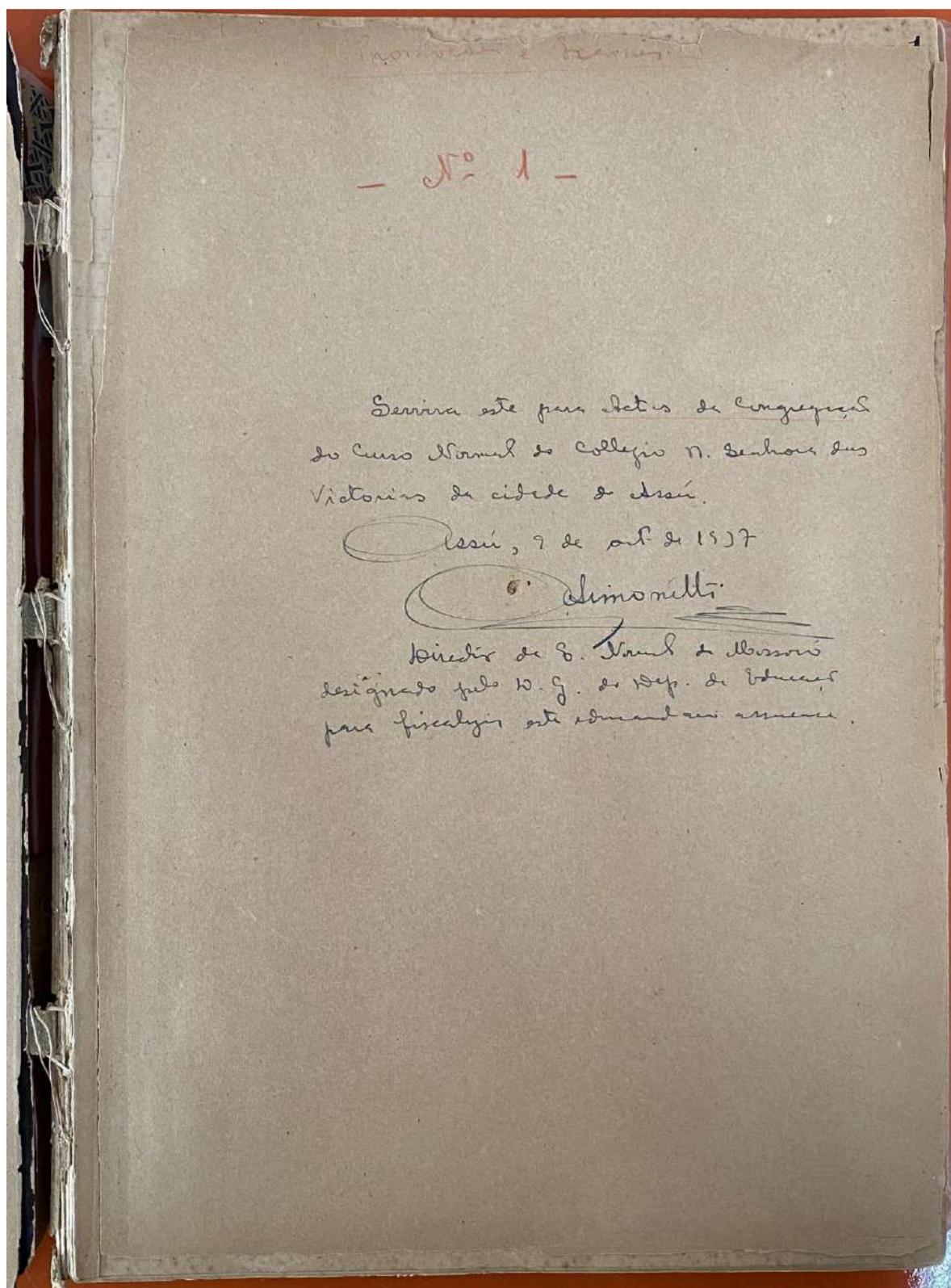
**Figura 23:** Livro de Atas do Curso Normal - 1937 a 1940



**Fonte:** Educandário Nossa Senhora das Vitórias

Entre as fontes levantadas no âmbito desta investigação, destacamos o Livro de Atas da Congregação do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Vitórias de Assú. Constitui um livro manuscrito, contendo cento e cinquenta (150) páginas, das quais quarenta e nove (49) foram utilizadas, dentre estas vinte e quatro (24) são referentes ao Curso Normal. Como observável, este documento apresenta as marcas, lesões e as intervenções que visam amenizar o peso dos anos que decorre desde sua elaboração, exigindo dessa forma maiores cuidados em seu manuseio. O livro contém além de Atas do Curso Normal correspondentes ao período de 1937 a 1940, Atas de Diplomação da primeira e da segunda turma do Curso Doméstico dos anos de 1942 e 1943, respectivamente. E ainda Atas da Diplomação da Escola Técnica de Comércio Nossa Senhora das Vitórias em Assú de 1949 a 1964.

Figura 24: Termo de abertura



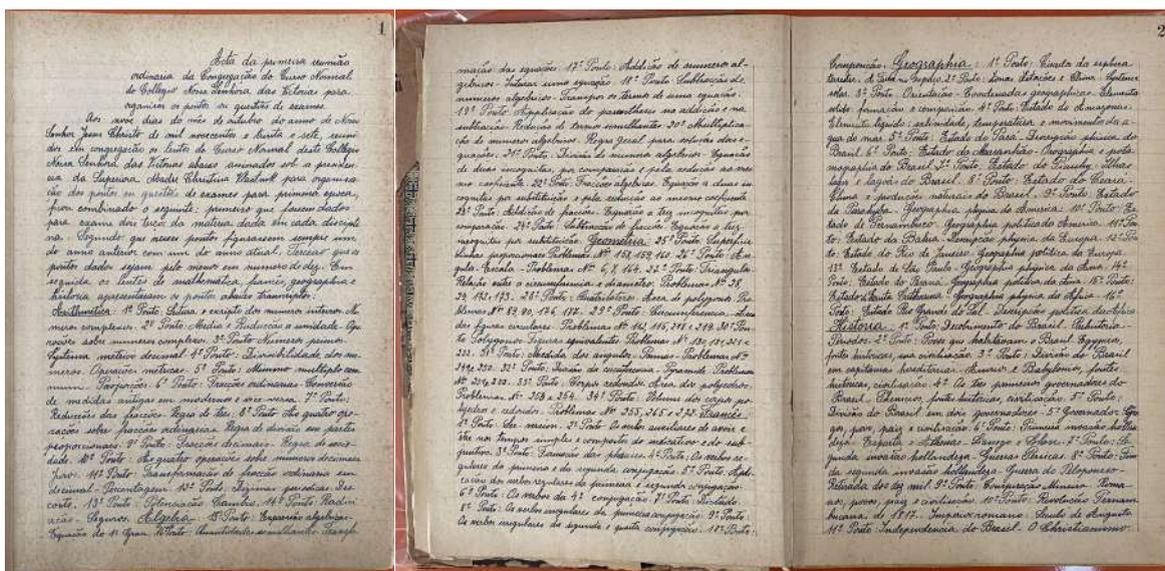
Fonte: Educandário Nossa Senhora das Vitórias

Contém um termo de abertura designando que este livro serviu para Atas Da Congregação do Curso Normal de Assú do Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Apresenta a

assinatura do diretor da Escola Normal de Mossoró. Em relação ao conteúdo, dão conta da organização dos pontos, ou seja, os conteúdos de cada disciplina, bem como exames para primeira época; verificação das promoções das alunas, essa verificação acontecia sempre no final de cada ano letivo, para organizar os pontos das lentes do ano seguinte.

Inclui também uma descrição minuciosa da solenidade de colação de grau da Primeira Turma de Professoras Primárias no ano de 1938 e da Segunda Turma de 1940. Ademais, visualizamos as assinaturas das “neo-diplomadas”, além da diplomação particular de duas (2) alunas do curso normal, uma (1) da turma de 1938, e outra da turma de 1940. A partir da página vinte e cinco (25) começa a ata de Curso Doméstico do Educandário Nossa Senhora das Vitórias referente ao ano de 1942.

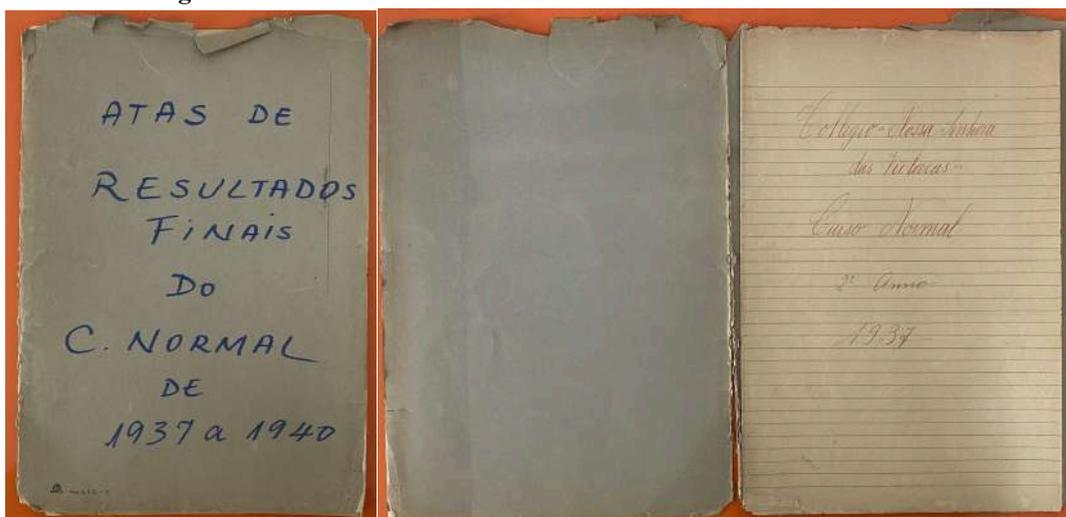
Figura 25: Livro de Atas



Fonte: Educandário Nossa Senhora das Vitórias

O material evidenciado abaixo é um livro de atas. Contendo informações em seu interior inscritas em papel pautado, mostrando o mapa das alunas da turma do Curso Normal de 1937 a 1940, apresentando diários, notas, frequência, nome das alunas e a disciplina cursada. Apresenta outros dados relacionados às médias da Prática Pedagógica realizada no 3º e 4º ano do curso. As atas são referentes ao 2º e 3º ano do Curso Normal de 1937; 2º, 3º e 4º ano de 1938; 3º ano de 1939 e o 4º ano de 1940.

Figura 26: Atas dos Resultados Finais - Curso Normal 1937 a 1940



Fonte: Educandário Nossa Senhora das Vitórias

Não encontramos termo de abertura, tampouco assinaturas. Não havendo também uma sistematização clara e objetiva deste material, em seu interior havia duas folhas tamanho A4 (na verdade duas metades) com a programação da solenidade de Colação de Grau do Curso Normal datilografado, não datada.

O documento está disposto em colunas e as respectivas colunas contém as médias das disciplinas, nome das disciplinas, médias de apuração, médias geral, frequência, faltas justificadas, faltas não justificadas, total de faltas, notas, médias de comportamento, grau de classificação, classificação com: distinção, plenamente e simplesmente. Mapa das alunas com as notas das médias da Prática Pedagógica que ocorria no 3º e 4º ano do Curso. O documento possui colunas com o nome das alunas e outras com as médias do primeiro ano da prática pedagógica e do segundo, e as médias de apuração.

Figura 27: Mapa das alunas

Fonte: Educandário Nossa Senhora das Vitórias

Nos resultados das atas finais no terceiro ano do curso normal no ano de 1939, Adalgiza Emília da Costa, ficou com as seguintes notas nas respectivas disciplinas: Português 7,48, Educação Moral 8,25, Física e Química 8,62, Higiene 7,50, Pedagogia 8,09, Pedologia 9,02, Educação Física 8,12, Trabalhos e Economia 8,15, Música 8,43, Desenho 7,06. A Média Geral 8,07, neste ano não há registro de faltas. A média de comportamento é 10, o grau de classificação 9,35, e a classificação, plenamente. No mapa para apuração das médias de promoção da Prática Pedagógica do 4º ano do Curso Normal de 1940, Adalgiza Emília da Costa, conseguiu as seguintes médias de apuração, média do terceiro ano 7,99, média do 4º ano 8,66 e a média de apuração 8,32.

No segundo ano do Curso Normal, 1938, Adalgiza Emília da Costa obteve as seguintes notas nas disciplinas, Matemática no primeiro ano 8,29, no segundo ano 8,53 e média de apuração 8,41, em Francês obteve no primeiro ano 8,71, no segundo ano 8,48 e a média de apuração 8,59. Em Geografia obteve a nota 8,78 no primeiro ano, e 9,42 no segundo ano, a média de apuração foi 8,95. Em História, no primeiro ano teve 8,83, e no segundo 8,64, sua média de apuração foi 8,77. Em português obteve média 8,37, em Educação Física 8,50, Trabalhos 9,09, Desenhos 6,87, Música 8,40. Média Geral 8,43, nota 9,60, média de comportamento 10. Neste ano, Adalgiza Emília da Costa, registrou três faltas justificadas. Seu grau de classificação foi 9,34, e a classificação, plenamente.

Nas disciplinas do quarto ano, Português 7,31, Educação Física 8,31, Trabalhos e Economia 8,83, a média de apuração foi 8,26. Trabalhos e economia 8,83, Música 7,25, Desenho 8,0, Moral e Civismo no terceiro ano obteve 8,25, no quarto ano 8,06, a média de apuração foi 8,10. Física, Química e História Natural 8,62, no terceiro ano e 7,54 no quarto ano, Higiene 7,50, no terceiro ano 7,62, no quarto ano, Pedagogia 8,29, no terceiro ano 8,25, no quarto ano Pedologia 9,02, no terceiro ano 7,68, no quarto ano a Média Geral foi 8,3, neste ano não registrou falta justificadas ou sem justificativas, teve Média de Comportamento 10, o grau de apuração 7,86, e a sua classificação foi plenamente.

Considerando as notas obtidas no decorrer dos quatro anos do curso, Adalgiza Emília da Costa era uma aluna dedicada, esforçada e comprometida com a sua formação. Registrou apenas uma falta justificada, o que nos leva a crer que provavelmente estaria relacionada a sua condição frágil de saúde, pois somente um atestado médico poderia abonar falta. Partindo das fontes e considerando as ferramentas avaliativas postas, podemos inferir que Adalgiza Emília da Costa foi uma aluna exemplar. Analisando as fotos que tivemos acesso, notamos que seria uma mulher pouco vaidosa e discreta, visto que nessas fotos ela aparece sem adornos ou penteados.

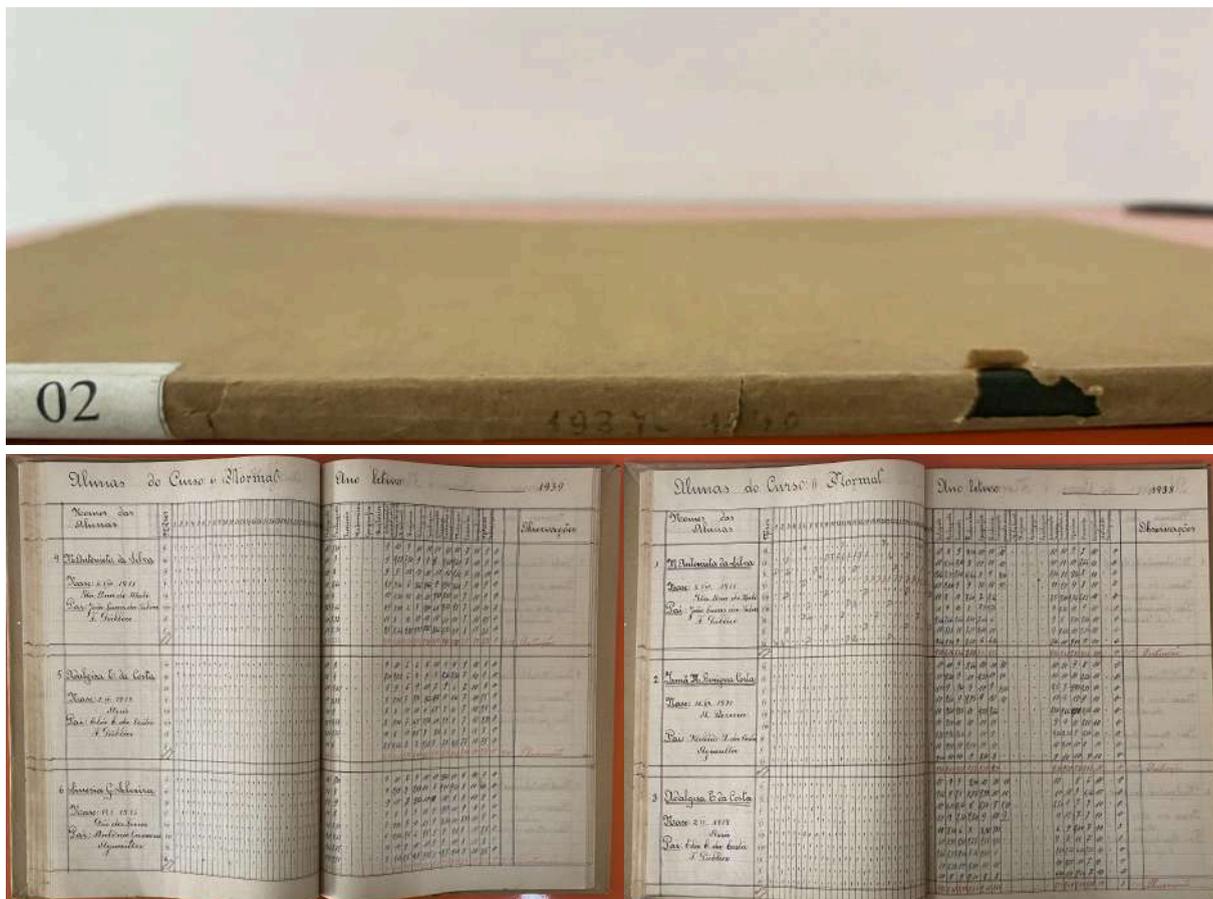
Durante o processo de formação fazia parte do quadro de disciplinas, Religião, pelo que conseguimos perceber em meio a literatura consultada durante a pesquisa sobre a Escola Normal, não há registros de uma disciplina com a denominação de Religião, mas ao que pudemos identificar as disciplinas era voltadas para civismo e a moral. Evidenciamos que a moral estava diretamente relacionada com as doutrinas religiosas, em especial, nesse período aqui na cidade do Assú, predominava o catolicismo, desde a criação dessa escola, pois teria sido pensada para as moças da elite, para cuidar da formação dessas mulheres que não poderiam ter a sua honra maculada.

Outro aspecto que nos chama a atenção diante as fontes consultadas, é que havia no Curso Normal a Prática Pedagógica no terceiro e quarto ano de curso, ficamos nos perguntando, onde essas professoras exerciam a Prática Pedagógica? Será que no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, na classe Primária? Ou atuaria no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia? Essa instituição escolar existia no período de duração do curso e seria o espaço de atuação dessas professoras após a diplomação.

Não foi factível durante a realização dessa pesquisa, nos documentos que tivemos acesso, localizarmos registros da atuação durante o período da Prática Pedagógica dessas normalistas em quaisquer das escolas mencionadas, mas apenas o mapa de apuração das notas de aptidão pedagógica tanto da primeira turma no ano de 1938, como da segunda turma no ano de 1940. Refletir sobre essas instituições e sua formação, é pensar nessas mulheres assumindo

o magistério primário, como ocupação essencialmente feminina revelada já nesse período, possibilitou às mulheres, notadamente da classe média que se alicerçava no panorama socioeconômico do país, a oportunidade para ingressar no mercado de trabalho. A possibilidade de aliar ao trabalho doméstico e à maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que "ser professora" se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se, a princípio, temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais. Ensinar crianças foi, por parte das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público (domesticado) que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar - pelo menos esse era o discurso oficial do período. Para as mulheres que vislumbraram a possibilidade de liberação econômica foi a única forma encontrada para realizarem-se no campo profissional, mesmo que isso representasse a aceitação dessa profissão envolta na aura da maternidade e da missão (Almeida, 1998, p. 27).

**Figura 28:** Diário do Curso Normal de 1937 a 1940



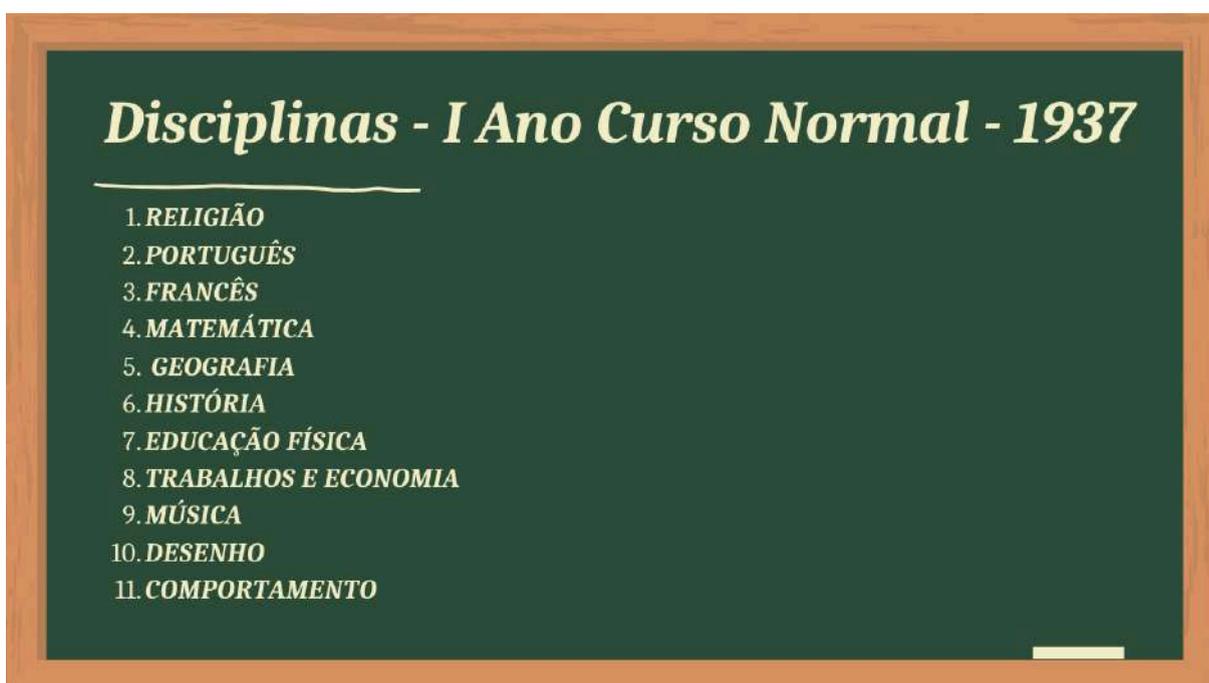
**Fonte:** Educandário Nossa Senhora das Vitórias

O Diário do Curso Normal é um livro manuscrito encapado sem identificação, com a inscrição na margem lateral 1937 - 1940 e o número de tomo 02. Colunas contendo: nome completo das alunas, data de nascimento, nome do pai, profissão do pai; meses; dias do mês; disciplinas (Religião, Português, Francês, Matemática, Geografia, História, Educação Moral e Cívica; Física e Química e História Natural; Higiene, Pedagogia, Pedologia, Educação Física, Trabalhos e Economia, Música, Desenho, Comportamento, Aptidão Pedagógica) e observações.

O livro não tem numeração de páginas. Foi utilizado no período de 1937 a 1940. Podemos ver diferenciação na cor da caneta em algumas inscrições (vermelho usado para média geral e para as observações). Observamos também as notas do diploma e a classificação das alunas; faltas justificadas e faltas não justificadas; transferência de alunas; entre cada ano do curso é deixado um espaço em branco. O diário não segue ordem alfabética. Localizamos as notas da Aptidão Pedagógica que era realizada no 3º e 4º ano do curso.

Nesta última página do diário do ano de 1940 (Irmã Maria Dolores Vanderlei, não consta as notas do diploma). Na turma do III ano de 1938 observamos que das seis alunas, duas retiraram-se da aula no dia 18 de julho e uma foi transferida para outro Curso Normal em 26 de agosto. Ainda podemos observar que não há notas dessas alunas na Aptidão Pedagógica. Segue abaixo o quadro 1 com as disciplinas ministradas nos quatro anos de curso normal na Escola Normal de Assú no Colégio Nossa Senhora das Vitórias e quais Adalgiza Emídia da Costa estudou respectivamente.

**QUADRO 1:** Disciplinas do Curso Normal em Assú - 1937



**Fonte:** Elaboração da pesquisadora

Podemos observar por meio dos quadros 1 e 2 que os dois primeiros anos de curso compunham as mesmas onze disciplinas. Grandière e Viñao dialogando afirmam que

[...] a história das disciplinas escolares, “sua emergência e introdução nos ‘cursos’ escolares, sua evolução através dos regulamentos que as organizam, as práticas e os exercícios que lhe dão identidade, os manuais que estruturam seu ensino, [...] continuam sendo uma vasta mina aberta ao trabalho dos historiadores” (Grandière, 2004, p. 241). Ao mesmo tempo, pode ajudar a ter pontes entre ambas pedagogias, entre o mundo acadêmico da ciência pedagógica e o mundo empírico do ensino na sala de aula (Viñao, 2012, p. 208).

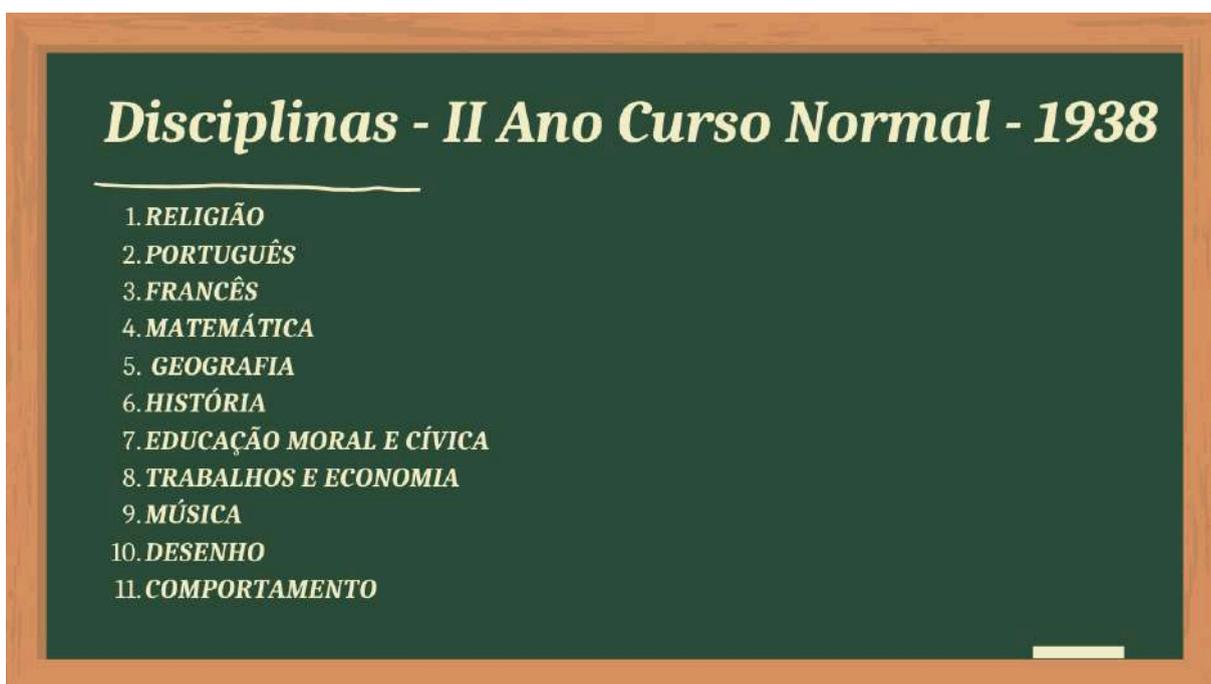
O historiador francês André Chervel (1990, p. 220) assinala que as disciplinas escolares engendram a complexa teia referente às finalidades do ensino e sua relação com a formação da sociedade de modo mais amplo:

As disciplinas escolares intervêm igualmente na história cultural da sociedade. Seu aspecto funcional é o de preparar a aculturação dos alunos em conformidade com

certas realidades: é isso que explica sua gênese e constitui sua razão social [...] tornam-se entidades culturais como outras, que transpõem os muros da escola, penetram na sociedade e se inscrevem na dinâmica de uma outra natureza. (Chervel, 1990, p. 220)

Almejando aproximação com a historicidade das ações de ensino profissional na Escola Normal assuense, foram traçados os objetivos específicos para a análise das fontes que compreendem a identificação de elementos como: ideários formativos a partir do estudo da legislação oficial que regulamentava o curso de formação em sua organização curricular; propostas de ensino profissional e demandas de escolarização no lugar de abrangência e atuação do referido curso profissional; e, por fim, o conhecimento, a partir do estudo específico das disciplinas escolares, as qualificações profissionais exigidas para os mestres e, também, as expectativas formativas em relação aos indivíduos às quais se destinavam.

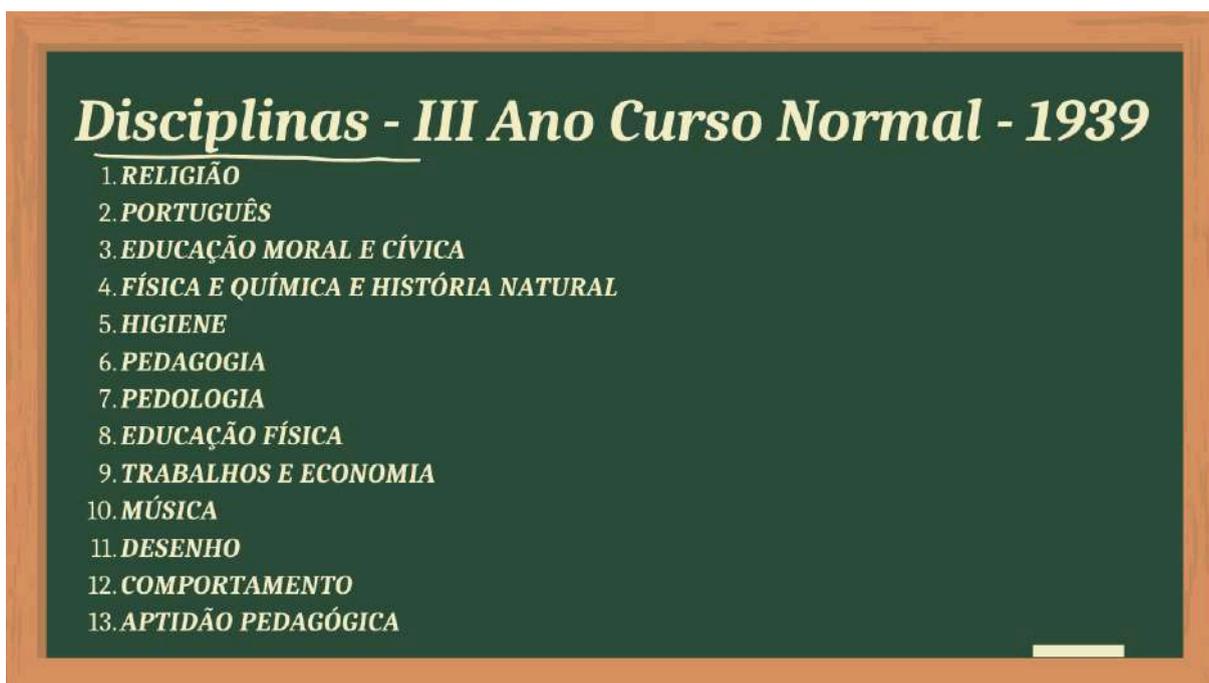
**QUADRO 2:** Disciplinas do Curso Normal em Assú - 1938



**Fonte:** Elaboração da pesquisadora

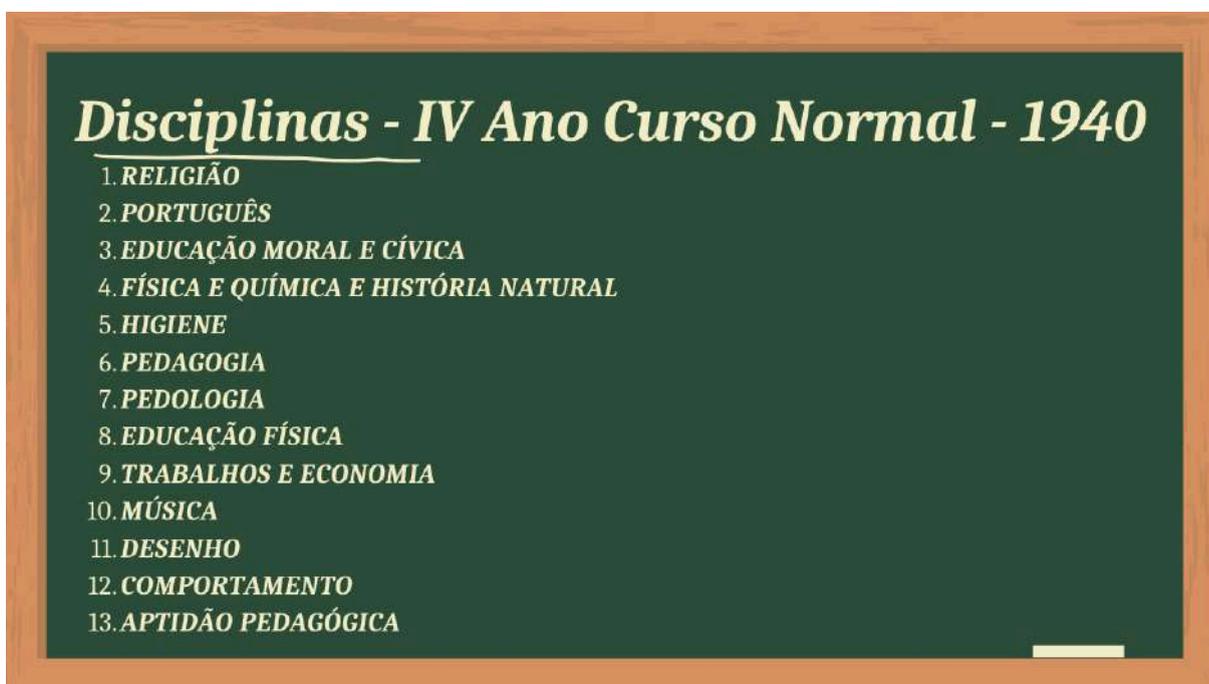
Enquanto o III e IV ano do curso era composto por treze disciplinas e uma sendo destinada a prática pedagógica, como podemos verificar nos quadros 3 e 4 abaixo.

QUADRO 3: Disciplinas do Curso Normal em Assú - 1939



Fonte: Elaboração da pesquisadora

QUADRO 4: Disciplinas do Curso Normal em Assú - 1940

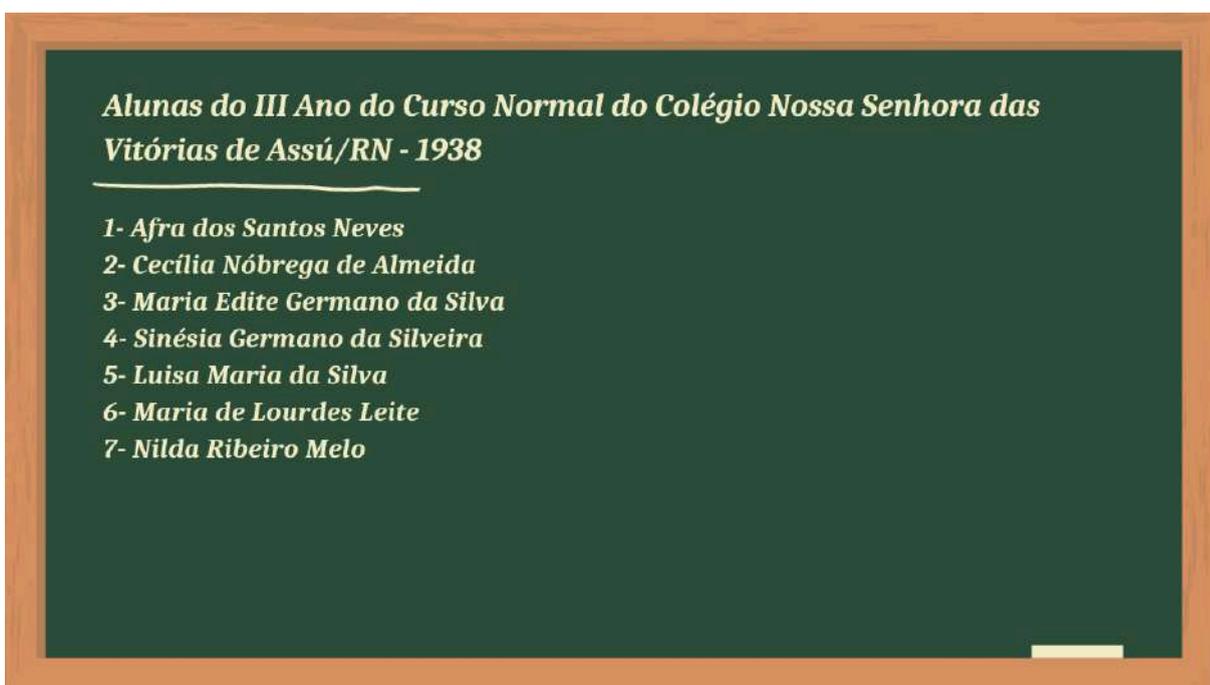


Fonte: Elaboração da pesquisadora

Elaboramos também quadros com os nomes das alunas que estudaram no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, durante o funcionamento da Escola Normal de Assú/RN.

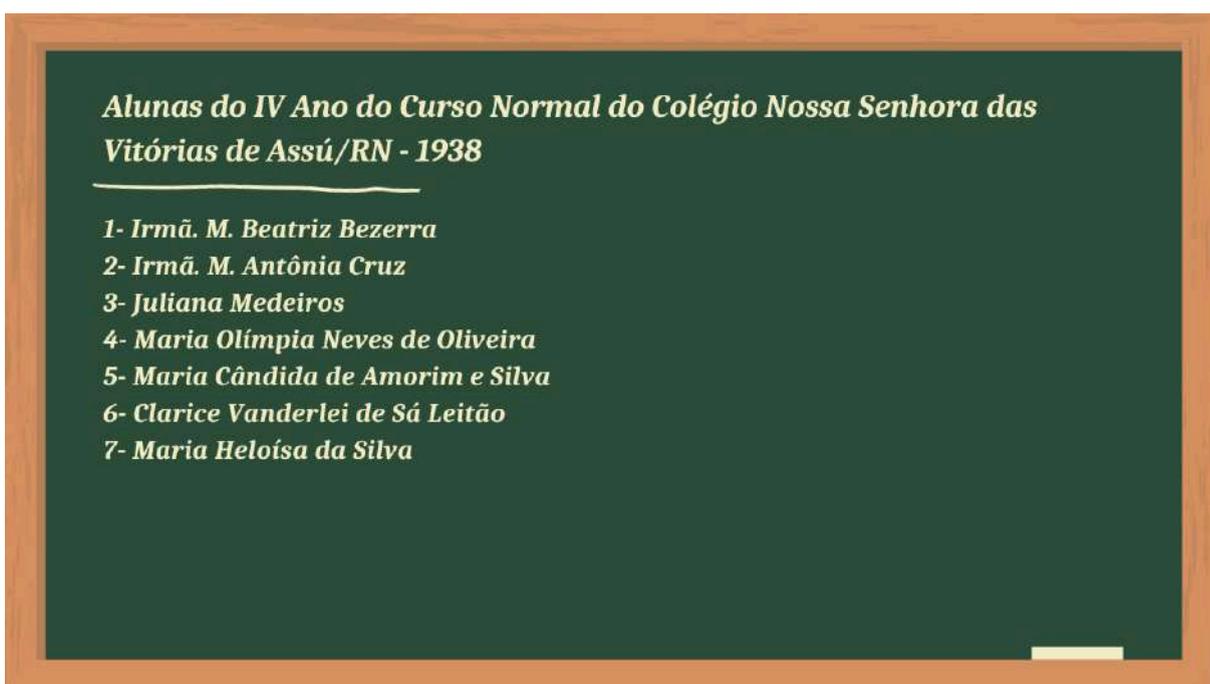
Consideramos que este é um movimento que possibilita uma espécie de mapeamento dos nomes das professoras diplomadas pela instituição em questão, além de facilitar o acesso à informação contida nas fontes documentais consultadas e que podem ser úteis a outros pesquisadores em suas investidas futuras.

**QUADRO 5:** Nomes das alunas do II Ano do Curso Normal do CNSV Assú/RN - 1938



**Fonte:** Elaboração da pesquisadora

**QUADRO 6:** Nomes das alunas do IV Ano do Curso Normal do CNSV - Assú/RN - 1938



Fonte: Elaboração da pesquisadora

QUADRO 7: Nomes das alunas do III Ano do Curso Normal do CNSV - Assú/RN - 1938

<i>Alunas do II Ano do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Vitórias de Assú/RN - 1938</i>	
1- Maria Adelaide Costa (Ir. M. Benigna)	13- Maria Antonieta da Silva
2- Julieta Pereira dos Anjos (Ir. M. Irene)	14- Maria Emilia Tavares
3- Maria Bernadete Rangel	15- Maria Cristina Sarito
4- Hermelinda Oliveira	16- Maria Dolores Dantas da Silveira
5- Isabel Amorim das Virgens	17- Maria Leocádia Dantas da Silveira
6- Adalgiza Emília da Costa	18- Maria José de Medeiros
7- Josefa Bezerra Goveia	19- Laurita Soares Filgueira
8- Tercilda Barreto	20- Zuleide Vanderlei de Sá Leitão
9- Geralda Martins	21- Maria do Carmo Fernandes
10- Maria Stela Camara	22- Tracema Silva
11- Maria Bibiana de Lima	23- Aurora Vieira da Silva
12- Maria Jaci Fonseca	24- Alaide Alves de Oliveira

Fonte: Elaboração da pesquisadora

O mapeamento dos nomes das estudantes revela o atendimento específico ao público feminino, dado que não foi identificada nenhuma matrícula masculina no período, o que difere da Escola Normal de Natal, por exemplo, que desde a sua primeira turma, diplomou professores homens, ainda que em número pouco expressivo. Segundo Nascimento (2018, p. 94), “entre os diplomados na primeira turma havia vinte professoras e sete professores”.

No magistério, onde a predominância feminina é incontestável desde o final do século XIX, também ela caminhou por entre extremidades: ora era inadequada em virtude da ignorância, ora era conveniente em virtude da abnegação; ora trabalhar fora de casa era uma política de valorizar a mulher e baratear os custos com a educação, ora toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco; ora confiança total porque elas eram mães, ora vigilância total porque elas eram mulheres (Santos, 2009, p. 41).

Consideramos relevante assinalar as questões de gênero que permeiam o perfil profissional delineado na Escola Normal de Assú, pois “[...] estudo da produção de sentidos sobre o mundo construído pelos homens do passado sinaliza para uma compreensão dos diferentes processos educativos e escolares” (Stephanou; Bastos, 2018, p. 418). O estudo sobre a Escola Normal de Assú em seus ideários e ações de profissionalização do professorado primário, permitiu observar características inerentes à uma instituição criada com o intuito de colaborar com o preparo das mestras para a atuação nas escolas situadas, principalmente, nos municípios interioranos do Rio Grande do Norte. Estas, seguiam

carecendo de formação profissional adequada para o desenvolvimento dos programas de ensino exigidos em todo o território estadual por parte do Departamento de Educação.

### **4.3 Ritos de diplomação**

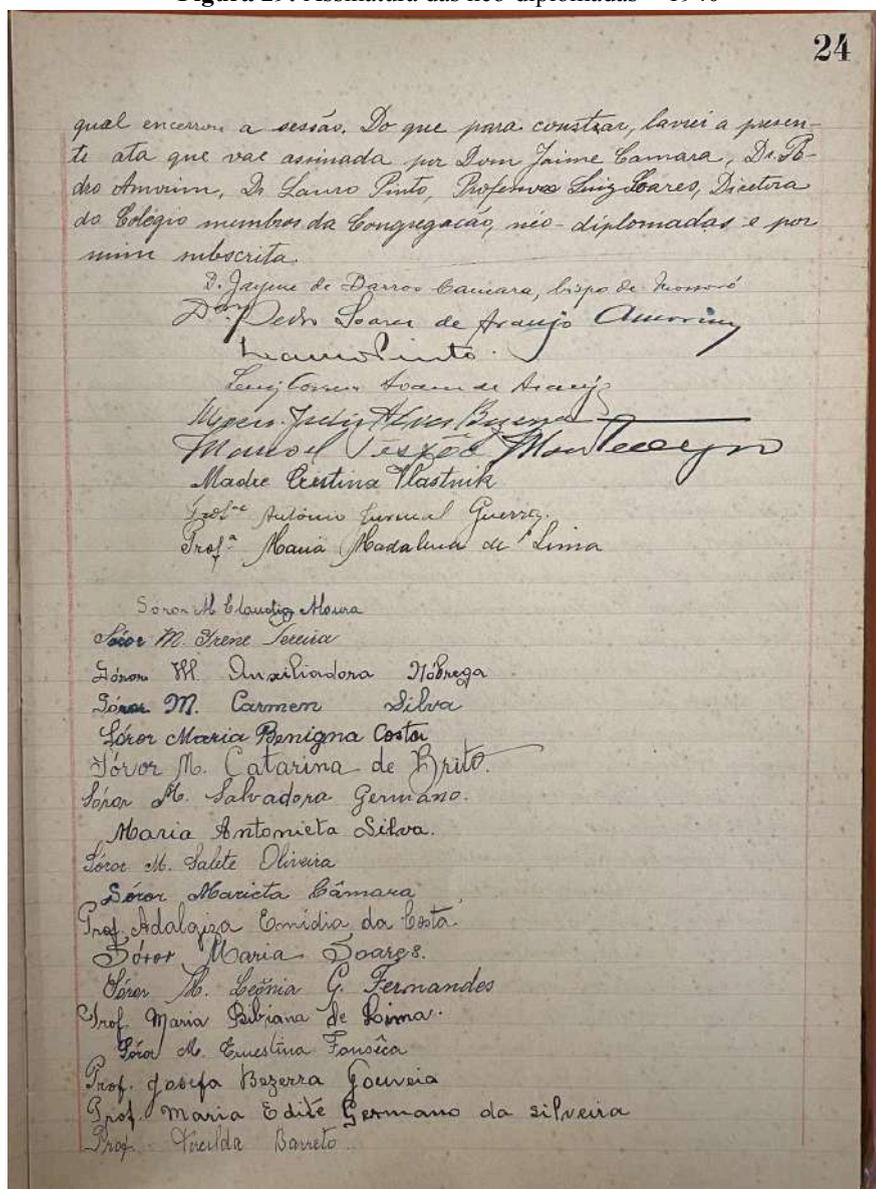
A colação de grau da Professora Adalgiza Emília da Costa, aconteceu no dia 24 de novembro do ano de 1940, às 18 horas no pátio do Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Achando-se presentes o Dr. Pedro Amorim, paraninfo da turma e representante do Dr. Rafael Fernandes, DD. Interventor Federal do Estado e do Dr. Anfilóquio Câmara. MD. Diretor Estadual de Estatística. O Dr. Lauro Pinto, M.D, Juiz de Direito, desta Comarca e representante do Dr. Aldo Fernandes, DD, Sen, Secretário do Estado, Exímio reverendo Dom Jaime Barros Câmara, DD Bispo Diocesano e Patrono da Turma, o senhor professor Luiz Soares MD, Diretor dos Escoteiros e do Grupo Frei Miguelino, homenageado especial e representante do Sr. Professor Antônio Gomes da Rocha Fagundes DD, Diretor Geral do Departamento de Educação, o reverendo Monsenhor Julio Alves Bezerra, digno vigário desta Paróquia e representante do Exímio Reveno Dom Marcelino Esmeraldo Dantas, DD Bispo de Natal e Administrador Apóstolico da Diocese de Caicó, o Sr. Manuel Pessoa Montenegro, M.D, Prefeito do município, Madre Provincial Cristina Va, Diretora da Escola Normal, os demais membros da Congregação, autoridades e cavaleiros, foi aberta a sessão pelo Exímio reverendo Dom Jaime B. Câmara, que apresentou a turma de diplomadas. Em seguida, as diplomadas prestaram o compromisso legal e pela Diretora lhes foi conferido o Grau de Professoras Primárias no Rio Grande do Norte.

Concedida a palavra à professora Maria Dolores Dantas da Silveira, esta fez as despedidas em nome de suas colegas e ofereceu ao colégio o quadro da turma. Segue-se a oração do Dr. Pedro Amorim, paraninfo da turma. Professor Luiz Soares, Dr. Lauro Pinto, Exímio Reverendo Dom Jaime Câmara, o qual encerrou a sessão. Do que para constar, foi lavrada a ata que foi assinada por Dom Jaime Câmara, Dr. Pedro Amorim, Dr. Lauro Pinto, Professor Luiz Soares, Diretora do Colégio, membros da congregação e pelas neo-diplomadas.

Os nomes das normalistas Cecília Nóbrega de Almeida e Luisa Maria da Silva estão na lista de matrícula da turma de 4º ano - 1940, assim como na lista das neo-diplomadas da segunda turma de professoras primárias. Vale ressaltar que elas eram da turma que deveria ter se formado no ano de 1939. Observamos na documentação que essa turma era menor e que

houve transferência de algumas alunas para outras cidades, o que nos faz constatar que essas duas alunas esperaram o próximo ano para poderem receber o tão almejado diploma.

**Figura 29:** Assinatura das neo-diplomadas - 1940



**Fonte:** Educandário Nossa Senhora das Vitórias

Esta é a Segunda Turma de Professoras Primárias Formadas na Escola Normal de Assú do Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Seguimos a ordem da escrita dos nomes das alunas como está no documento (Diário). Não consta no diário de 1940 as notas do diploma da aluna Maria Dolores Dantas Silveira. As alunas (moças) quando entravam para a congregação mudaram de nome, permanecendo algum sobrenome de seu nome de origem. Observamos que a maioria das alunas que tornaram-se freiras, seus pais eram agricultores, dentre as que não optaram por esse caminho, eram funcionários públicos, comerciantes, advogados.

**Quadro 8:** Nomes das Normalistas Diplomadas - 1940

<b>Nomes das Normalistas Diplomadas - 1940</b>	
1- <i>Irmã Maria Irene Pereira</i>	14- <i>Irmã Maria Ernestina Fonseca</i>
2- <i>Irmã Maria Catarina Brito</i>	15- <i>Tercilda Barreto</i>
3- <i>Irmã Maria Carmem Silva</i>	16- <i>Irmã Maria Leônia Fernandes</i>
4- <i>Irmã Maria Auxiliadora Nóbrega (Cecilia Nóbrega de Almeida)</i>	17- <i>Maria Edite Germano</i>
5- <i>Irmã Maria Salvadora Germano</i>	18- <i>Josefa Bezerra de Goveia</i>
6- <i>Maria Antonieta da Silva</i>	19- <i>Geralda Martins</i>
7- <i>Irmã Maria Soares</i>	20- <i>Aurora Vieira</i>
8- <i>Adalgiza Emídia da Costa</i>	21- <i>Iracema Silva</i>
9- <i>Irmã Maria Salete Oliveira</i>	22- <i>Zuleide Sá Leitão</i>
10- <i>Irmã Maria Benigna Costa</i>	23- <i>Hermelinda Oliveira</i>
11- <i>Maria Emília Tavares</i>	24- <i>Maria Cristina Santo</i>
12- <i>Irmã Marieta Câmara</i>	25- <i>Maria Dolores Dantas Silveira</i>
13- <i>Maria Bibiana de Lima</i>	26- <i>Irmã Maria Dolores Vanderlei</i>

**Fonte:** Elaboração da pesquisadora

A formatura de turmas de mulheres professoras na Escola Normal de Assú revela a conexão historicamente firmada entre o feminino e o cuidado. Em relação ao trato com a infância, sobretudo na instrução primária, para a qual voltava-se a habilitação das normalistas, as mulheres eram consideradas detentoras do perfil ideal. De acordo com Santos (2009, p. 50) “juntaram-se fatores de ordem econômica, de ordem social e de ordem educacional para que ocorresse a feminização do magistério”. Os homens, alocados na posição de chefes de família, buscavam atividades que os permitissem melhor remuneração e, ainda quando atuavam no campo da educação, situavam-se nos postos de trabalho mais valorizados, seja na direção de instituições ou mesmo na direção da instrução pública de modo geral.

Percebemos, desse modo, que lançar nossos olhares para a trajetória formativa de Adalgisa Emídia da Costa é também ampliar os horizontes acerca dos muitos elementos que compõem essa formação. O lugar onde foi formada, os objetivos formativos, o perfil docente esperado, as formas de avaliação e tantos outros aspectos que versam sobre a educação norte-rio-grandense findam por vir à tona. A vida de uma educadora, quando lida por meio das trajetórias formativas e de atuação profissional, permite ao pesquisador adentrar por muitos outros caminhos que fazem parte da trajetória elucidada. Entender a atuação dos educadores é se debruçar, por outros vieses, sobre os caminhos de organização da educação de determinada localidade estudada. A vida de Adalgisa Emídia da Costa, alude sobre a

educação norte-rio-grandense. Sua trajetória é uma das muitas peças do mosaico que ainda estamos por desvelar.

## ENTRETECENDO CONSIDERAÇÕES

A presente dissertação tomou como objeto de estudo a trajetória formativa e a atuação profissional da professora Adalgiza Emídia da Costa, durante o período de 1937 a 1956. Focando na contextualização de sua vida, formação e atuação no contexto educacional. A partir dos objetivos do estudo investigamos a sua formação e atuação profissional, compreendendo o que era e como se deu essa formação profissional na Escola Normal de Assú/RN. Identificamos as ações e projetos educacionais desenvolvidos pela educadora, bem como tecemos conjecturas acerca de suas possíveis contribuições para a educação norte-rio-grandense.

Ao longo desta escritura restam algumas lacunas por não podermos documentalmente comprová-las, especialmente no que se refere a sua atuação nas instituições Escola Isolada de Distrito de Santa Luzia, Grupo Rural de Carnaubais e no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. Durante a realização dessa pesquisa, não localizamos fontes históricas das mencionadas instituições que apresentassem indícios mais concretos de sua atuação.

A Escola Isolada de Distrito de Santa Luzia e posteriormente Grupo Rural de Carnaubais estavam situadas às margens do rio Piranhas-Açu, outrora zona rural do município de Assú, ganha sua emancipação política-administrativa no ano de 1963, em relação ao município de Assú. Porém, no ano de 1974, tal espacialidade foi inundada pelas águas da enchente, e a então sede do município de Carnaubais, precisa ser transferida para o tabuleiro, onde permanece até os dias atuais; bem como as mudanças de prédio e o incêndio que ocorreu na Escola Estadual Tenente Coronel José Correia, esses fatores provavelmente contribuíram para o desaparecimento de diversos documentos.

A pesquisa apontou a falta de preservação dos arquivos escolares, evidenciando a escassez de fontes documentais escolares e que impactam diretamente na historiografia institucional, bem como na preservação da memória das instituições e dos sujeitos que as constituíram. Investigamos o passado e este não pode em hipótese alguma ser reconstituído em sua totalidade, visto que o que analisamos são fragmentos, rastros de outros recortes temporais, espaciais e/ou temáticos, com o auxílio da interpretação das fontes históricas. Exercitando nosso olhar montamos o mosaico do que nos foi apresentado da vida e da formação dessa mulher, uma vez que explorando sua trajetória formativa e atuação profissional, desvendamos a falta de informações sobre sua atuação, além de destacar a importância de lançar luz sobre a memória de figuras femininas na história da educação.

Desse modo, revelamos a luta contra a invisibilidade de educadoras femininas na história da educação, destacando a relevância de promover uma reflexão crítica sobre a prática docente e desvelando o silêncio histórico educacional. A trajetória formativa e a atuação profissional da professora Adalgiza Emília da Costa, é atravessada por desafios e realizações, como na vida de qualquer outra pessoa.

Por meio das fontes históricas, analisamos aspectos de outrora, assim, quando nos propusemos a investigar a trajetória formativa e atuação profissional da professora Adalgiza Emília da Costa e suas relações com a educação do estado, percebendo como as histórias de vida e as ações educativas se imbricavam. Portanto, debruçar-nos sobre sua atuação no campo da educação significou, também, mergulharmos nos campos das histórias das instituições de formação profissional e educacional nas quais esteve presente, conhecendo os programas de ensino, materiais, saberes e práticas que fizeram parte de seu universo de atuação. Estes estudos permitiram produzir a história da educação local através de outros olhares e fontes que, entrecruzadas, nos auxiliaram no processo de aproximação com questões de um tempo não vivido, nos permitindo conhecer aspectos que contribuíram para reflexões contemporâneas no campo, sobre os sujeitos, instituições e projetos de educação que nos conduziram até aqui.

Utilizamos fontes históricas, como jornais, legislações estaduais e educacionais na tentativa de reconstruir a trajetória da biografada, enfrentando desafios na busca por informações relevantes, buscando compreender os espaços formativos frequentados por ela, como a Escola Normal de Assú, no Colégio Nossa Senhora das Vitórias nas primeiras décadas do século XX. Preservar os arquivos escolares como registros da vida institucional e das ações dos agentes educacionais, torna-se crucial para a conservação e salvaguarda de memórias.

Analisar historicamente as ações de ensino profissional na Escola Normal de Assú possibilitou, também, o entrelaçamento com demandas educacionais locais que integram décadas de discussões do campo da educação estadual, desde o contexto histórico abordado neste estudo, até os dias atuais. Lançar o olhar sobre o corpo docente que a compunha, por exemplo, retrata a intrínseca relação com a instituição educacional que a abrigou e a forte participação de religiosos na docência exercida no referido curso de formação profissional. Conhecê-la por meio de sua organização legal e curricular promove, ainda, um imbricamento com a história do ensino profissional no Rio Grande do Norte, nos mais diversos e distintos vieses de sua estruturação.

A narrativa dessa jornada foi desafiadora, porém instigante, uma vez que estávamos determinadas a dar voz a uma mulher/educadora e a desvendar sua contribuição para a

educação norte-rio-grandense. Analisamos e dialogamos com teóricos para compreender os espaços e as tessituras da vida, por meio das reflexões e pesquisas, para poder biografar historiando a vida e a formação dessa professora que teve sua vida abreviada ainda tão jovem.

Após a investigação da trajetória de vida e formação de Adalgiza Emídia da Costa, algumas indagações ainda ficam por investigar, pois a cada nova informação obtida nas fontes, um leque de novas possibilidades se revelava. Existem outras fontes que não tivemos ciência da existência? Há outras expressões da jornada pedagógica de Adalgiza Emídia da Costa? Existem registros da Escola Isolada do Distrito de Carnaubais, do Grupo Escolar Rural de Carnaubais e do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia que possamos não ter conseguido localizar?

Conscientes do inacabamento da investigação e de que nenhum tema é esgotado em pesquisa, concluímos a escrita deste texto com a apresentação de aspectos que consideramos lacunares, bem como de questões que podem vir a ser desveladas em pesquisas futuras. O ponto final deste texto figura como a pausa para o próximo destino acadêmico-investigativo que pode vir a ser explorado na cena da historiografia da educação norte-rio-grandense.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares. **Mulheres na educação**: missão, vocação ou destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval et al. O legado educacional do século XX no Brasil. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. p. 55-100.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998.
- AMORIM, Sara Raphaela Machado de. **Viagem como missão**: intercâmbio pedagógico do educador Nestor dos Santos Lima (1913-1923). Orientadora: Ana Chrystina Venancio Mígnot. 2017. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2017.
- AMORIM, Sara Raphaela Machado de; BARROS, M. C. de. Interpretações do “Álbum de Memórias” do Grupo Escolar José Correia. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5971>. Acesso em: 04 ago.2022.
- BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais: Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BARROS, José D’Assunção. **Fontes Históricas**: uma introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- BARROS, José D’ Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 125 - 141, 22 jan. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/issue/view/1489> Acesso em: 31 dez.2022.
- BARROS, José D'Assunção. **História Digital**: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo / José D'Assunção Barros (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Volume 2, tradução Sérgio Milliet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, C. B.; BACELLAR, C.; GRESPAN, J.; NAPOLITANO, M.; JANOTTI, M. de L.; FUNARI, P. P.; LUCA, T. R.; BORGES, V. P.; ALBERTI, V. (Orgs.). **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 203-233.
- "Brasil, Rio Grande do Norte, Registros da Igreja Católica, 1788-1967", database with images, *FamilySearch* (ark:/61903/1:1:6XWN-CWFZ : Tue Jul 11 06:02:45 UTC 2023), Entry for Adalgisa Emília Da Costa and Elói Corsino Da Costa, 9 Mar 1959.
- CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. **História do Príncipe Formoso**. 3 ed. Salvador: Ed. R. C. Cavalcanti, 1953.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **À beira da falésia:** a história entre incertezas e inquietudes. Traduzido por Patrícia Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação,** Porto Alegre, n.2.

DANTAS, Luiz Gonzaga Cavalcante. **Um poço de lavagem no coração da pátria Varzeana.** 1 ed. Natal/RN: Unilivreira, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção de leitura).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). BNDIGITAL I: Jornal A Ordem de 14 de junho de 1943. Jornal Poti de 08 de março de 1959. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 16/05/2022.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais:** Morfologia e História. Tradução: Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013. Tradução de: Marcelo Brandão Cipolla.

LACERDA, Danielle Christine Othon. Transformação digital e História: pensar no passado com tecnologias do presente. In: BARROS, José D'Assunção. **História Digital:** a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo / José D'Assunção Barros (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

LIMA, Silvino Pirauá de. **História de Zezinho e Mariquinha.** São Paulo, Coleção Luzeiro, 1974.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Mulher e Educação:** história, práticas e representações. João Pessoa: Universitária - UFPB, 2006.

MELO, Gilberto Freire de. **A Santa Luzia do meu tempo.** Carnaubais/RN: Offset Gráfica e Editora Ltda, 2010. (Coleção carnaubaense).

MENEZES, Alcivânia de Oliveira; LAUREANO, Nathália Sabrina Virgínio; AMORIM, Sara Raphaela Machado de. Fontes escolares, usos e possibilidades investigativas: uma experiência no acervo da Escola Estadual Juscelino Kubitschek – Assú/Rn (1966-1970). In: II Colóquio Internacional e Nacional de História da Educação Profissional - COHEP, 2., 2022, Natal/RN. **II Colóquio Internacional e Nacional de História da Educação Profissional Acervos e fontes para a História da Educação Profissional: do analógico ao digital Anais [...].** Natal/RN: IFRN/PPGEP. – Natal: IFRN, 2022., 2022. p. 1-413,

MENEZES FILHO, Ademar Pelonha de. Palestra. [mar. 2023] Carnaubais: SEMEC 2023. Palestra proferida por ocasião da Semana Pedagógica SEMEC.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: MIGNOT, A.C.V.; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 123-143.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em e arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 25, n. 11, p. 40–61, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8286>. Acesso em: 5 jun. 2023.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Baú de memórias, bastidores de histórias**: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: CDAPH, 2002.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; TAVARES, Daiane de Oliveira; AMORIM, Sara Raphaela Machado de Amorim. **Nome que dá nome**. Rio de Janeiro: Grevy Design e Comunicação, 2015, 120p.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em e arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 25, n. 11, p. 40–61, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8286>. Acesso em: 26 set. 2023.

MOGARRO, Maria João. **Arquivos e educação**: a construção da memória educativa. **Sísifo**/Revista de Ciências da Educação. Nº 1 set./dez. 2006. p. 71-84. Disponível em: <http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/40>. Acesso em 12.09.2022.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Isabel Gondim**: uma nobre figura de mulher. Natal: Terceirize, 2003. (Série Educação e Educadores do Rio Grande do Norte, v. I).

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Chicuta Nolasco Fernandes, intelectual de mérito**. Natal: Editorial A República, 2006. (Série Educação e Educadores do Rio Grande do Norte – vol. II).

NASCIMENTO, Francinaide de Lima Silva. **A escola normal de Natal**: Rio Grande do Norte, 1908-1971. Natal/RN: IFRN, 2018. 216 p. ISBN: 978-85-94137-34-0.

OLIVEIRA, Pedro Otávio Araújo Dias de. **Bodas de Álamo**: 90 anos sob a luz das Vitóriaas. Açú: Unigráfica, 2017.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos Da História**: Operários, Mulheres e Prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Práticas da Memória Feminina** In: Revista Brasileira de História, V. 9, no 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PINHEIRO, Rossana Kess Brito de Souza. **Mãe-esposa e professora: educadoras do final do século XIX**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado em Educação), 2009.

PINHEIRO, Rosanália de Sá Leitão. Sinhazinha Wanderley: professora em Assú/RN. In: MORAIS, Maria Arisnete Câmara de (Org.). **A mulher em nove versões**. Natal: EDUFRRN, 2001.

PIRES, Raquel Lopes; AMORIM, Sara Raphaela Machado de. HISTÓRIA DIGITAL E O OFÍCIO DO HISTORIADOR: MODOS DE SER E FAZER NO REPOSITÓRIO DA REVISTA POUR L'ÈRE NOUVELLE. **HOLOS**, [S. l.], v. 8, p. 1–16, 2021. DOI: 10.15628/holos.2021.11773. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11773>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ROMÃO, Leyla Karoliny de Medeiros; COSTA, Georgiana Maria Ferreira da; GOMES, Iza Maria Caldas Costa (Org.). **Celebrar o tempo: 90 anos de Memórias e Vitórias**. Assú/RN: Moura Ramos, 2017.

SANTOS, Elza Ferreira. **Mulheres entre o lar e a escola: os porquês do magistério**. São Paulo: Annablume, 2009.

SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. **Esther Pedreira de Melo, uma mulher (in)visível**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Tradução: Caio Meira. 12. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2020. 98 p.

YUNES, Eliana. A provocação que a literatura faz ao leitor. In: AMARILHA, Marly (org.). **Educação e Leitura: redes de sentido**. Brasília, Liber Livro, 2010.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves, Pesquisa em História da Educação: Acervos, arquivos e a utilização de fontes. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 3, n. 3, p. 33-47, 27 nov., 2014.

VIDAL, Diana Gonçalves; VICENTINI, Paula Perin (Orgs.). **Mulheres inovadoras no ensino: São Paulo nos séculos XIX e XX**. 2ª ed. Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2019.

VIÑAO, Antonio. A modo de prólogo, refúgios del yo, refúgios de otros. In: MIGNOT, Ana Cristina et al. (org.). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 9-15.

VIÑAO, Antonio. <b>A história das disciplinas escolares</b>. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 8, n. 3 [18], p. 173-215, 6 fev. 2012.